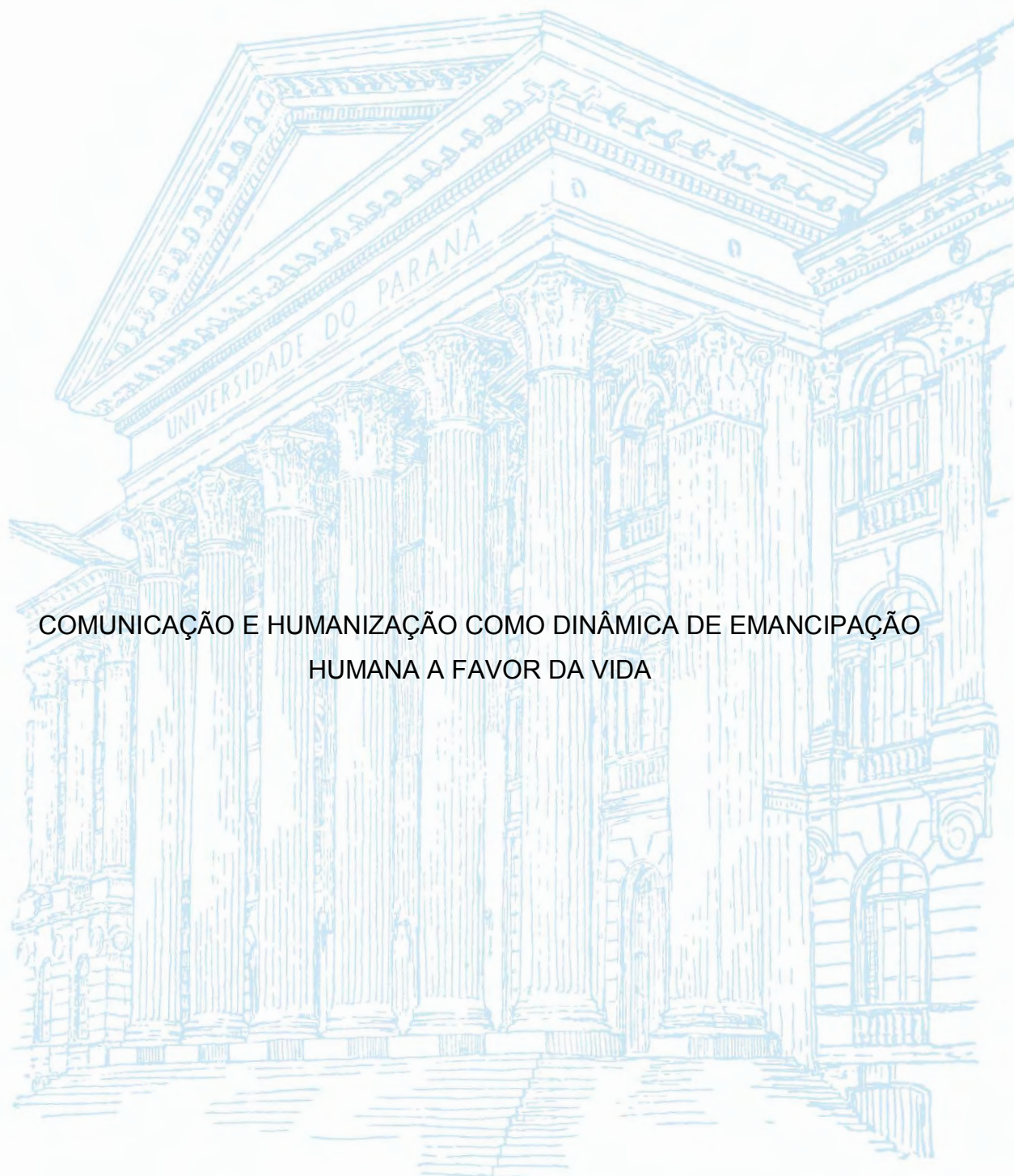


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SILVIA REGINA DE SOUZA



COMUNICAÇÃO E HUMANIZAÇÃO COMO DINÂMICA DE EMANCIPAÇÃO
HUMANA A FAVOR DA VIDA

MATINHOS
2021

SILVIA REGINA DE SOUZA

COMUNICAÇÃO E HUMANIZAÇÃO COMO DINÂMICA DE EMANCIPAÇÃO
HUMANA A FAVOR DA VIDA

Pesquisa apresentada ao Programa de Pós Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais, junto à Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais.

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim

MATINHOS

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

S729 Souza, Sílvia Regina de
Comunicação e humanização como dinâmica de emancipação
humana a favor da vida / Sílvia Regina de Souza ; orientador Ernesto Jacob
Keim. -- 2021.
150 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral,
Matinhos/PR, 2021.

1. Emancipação (educação). 2. Ensino médio (Guaratuba). 3. Litoral do Paraná.
I. Dissertação (Mestrado) -- Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino
das Ciências Ambientais. II. Título.

CDD -- 371



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO REDE NACIONAL PARA
ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - 33002045070P4

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **SILVIA REGINA DE SOUZA** intitulada: **Comunicação e Humanização como Dinâmicas de Etnomatemática Humana e Amor de Vida**, sob orientação do Prof. Dr. ERNESTO JACOB KEIM, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 26 de Julho de 2021.

Assinatura Eletrônica

26/07/2021 11:22:40,0

ERNESTO JACOB KEIM

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

06/08/2021 10:02:17,0

MIRILDO DA COSTA FERREIRA

Auxiliar Externa (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA)

Assinatura Eletrônica

06/08/2021 13:42:47,0

MIRIAM DAS DÍAS SANTOS

Auxiliar Externa (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE)

Rua Jaguaratuba, 512 - MATINHOS - Paraná - Brasil

CEP 83260-000 - Tel: (41) 3511-5300 - E-mail: PROFCIAMB@UFPR.BR

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 103083

Para autenticar este documento/electronature, acesse <https://www.sigapgf.ufpr.br/signa/validar/autenticacao/electronature.jsp>
e insira o código 103083

*Nesses tempos de céus de cinzas e chumbos, nós precisamos de
árvores desesperadamente verdes.*

Mário Quintana

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por dar-me condições e sabedoria para conduzir este trabalho. Sou Grata aos meus pais, Euclides de Souza (in memorian) e Maria Inês Bento de Souza, por contribuírem para que este sonho fosse realizado; assim como meu esposo, José Carlos Cussolin, e meu filho, André Luiz de Souza Teixeira, que me estimularam durante a trajetória e compreenderam minha ausência. Aos meus irmãos que de uma forma ou outra, contribuíram para que este momento tornasse real. Sou muito grata a meu orientador, Ernesto Jacob Keim, que nos momentos oportunos, nunca desistiu de mim, possibilitando que a cada encontro, avançasse nesse trabalho. Aos professores e funcionários da UFPR Litoral que contribuíram para o meu aprendizado. Aos colegas de turma, em especial, a Mara Zilda Machado do Rozario e a Cybele Aparecida Santos de Oliveira que tanto me incentivaram nas horas difíceis. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Agência Nacional de Águas (ANA).

A natureza não faz milagres, faz revelações.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O foco é compreender o papel do educador como agente de Emancipação Humana a Favor da Vida junto a estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra no município de Guaratuba – Paraná. O tema de interação com os estudantes foca aspectos ambientais ao debater as dimensões de barbárie e emancipação no contexto de vida posta pela realidade social e política na qual esses estudantes vivem. Soma-se a compreensão da emancipação, como referencial de qualidade de vida, manifesta por meio da comunicação interpessoal, ao promover debate para analisar agressividade, passividade e alienação, na comunicação que perpassa o cotidiano juvenil em ambiente escolar. A Emancipação Humana a Favor da Vida nesse trabalho referencia-se em Theodor Adorno na superação da barbárie, e em Leonardo Boff, ao tratar do cuidado e da amorosidade nas relações humanas e também em Paulo Freire, Milton Santos e Ernesto Jacob Keim . A pesquisa debate a ação docente como potencial de expansão vocabular, que resulte na ampliação da criticidade dos estudantes. A comunicação interpessoal com conotação de humanização e emancipação do ser e fazer das pessoas se expressa na medida em que os parceiros compreendem e relatam criticamente o cotidiano e o meio, no qual vivem e interagem considerando os pressupostos das Ciências Ambientais. O processo investigativo como pesquisa bibliográfica interativa, referenciada em postura própria da Fenomenologia Schiller-Goethiana, visa um olhar profundo e interessado pelo outro que se transforma a todo o tempo. Esta pesquisa analisa o discurso oral de grupos de estudantes, estimulados a debater temas ambientais, mediados pela pesquisadora. Também, com entrevista coletiva com docentes, por meio de recursos eletrônicos (plataforma Meet) foram investigados no sentido de compreender a barbárie como elemento presente na forma comunicativa dos estudantes. Com os dados buscou-se consistência argumentativa aos indicadores desenvolvidos na busca teórica, os quais remetem ao cuidado, à emancipação e ao pertencimento, atendendo à finalidade de desafiar os estudantes para a compreensão de como um diálogo desvela o cotidiano. A pesquisa apresenta como resultado, um roteiro de apoio a docentes para verificar em que medida a comunicação, evidencia humanização e emancipação a favor da vida, o que fundamenta o produto final.

Palavras Chave: Humanização. Educação e Comunicação. Emancipação e Vida. Ciências Ambientais.

ABSTRACT

The focus is to understand the role of the educator as an agent of Human Emancipation in Favor of Life with high school students from Colégio Estadual Mayor Joaquim da Silva Mafra in the city of Guaratuba – Paraná. The theme of interaction with students focuses on environmental aspects when debating the dimensions of barbarism and emancipation in the context of life posed by the social and political reality in which these students live. In addition to the understanding of emancipation, as a quality of life reference, manifested through interpersonal communication, by promoting debate to analyze aggressiveness, passivity and alienation, in the communication that permeates the daily life of youth in the school environment. Human Emancipation in Favor of Life in this work refers to Theodor Adorno in overcoming barbarism, and in Leonardo Boff, when dealing with care and love in human relationships, and also in Paulo Freire, Milton Santos and Ernesto Jacob Keim . The research debates the teaching action as a potential for vocabulary expansion, which results in the expansion of students' criticality. Interpersonal communication with the connotation of humanization and emancipation of the being and doing of people is expressed insofar as the partners understand and critically report the daily life and the environment in which they live and interact, considering the assumptions of Environmental Sciences. The investigative process as an interactive bibliographic research, referenced in a proper posture of Schiller-Goethian Phenomenology, aims at a deep and interested look at the other that transforms itself all the time. This research analyzes the oral discourse of groups of students, stimulated to debate environmental issues, mediated by the researcher. Also, with a press conference with professors, through electronic resources (Meet platform) they were investigated in order to understand barbarism as an element present in the communicative form of students. With the data, an argumentative consistency was sought for the indicators developed in the theoretical search, which refer to care, emancipation and belonging, meeting the purpose of challenging students to understand how a dialogue unveils daily life. As a result, the research presents a script to support teachers to verify the extent to which communication shows humanization and emancipation in favor of life, which underlies the final product.

Keywords: Humanization; Education and Communication; Emancipation and Life; Environmental Sciences.

LISTA DE FIGURAS

IMAGEM 1 – FRENTE DO COLÉGIO	23
IMAGEM 2 – QUADRA DE AREIA.....	23
IMAGEM 3 – INTERIOR DO COLÉGIO.....	24

LISTA DE QUADROS

Quadro I - Pesquisa na Plataforma Capes.....	31
Quadro II - Pesquisa na plataforma Scielo.....	32
Quadro III - Pesquisa na plataforma IBICT, BDTD e Universidade.....	33
Quadro IV - Percentuais de tempo no diálogo.....	85

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ANA	- Agência Nacional de Águas
BDTD	- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID-19	- Corona Vírus Disease- 19 (ano)
EA	- Educação Ambiental
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
IBICT	- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
SCIELO	- Scientific Eletronic Library Online
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UNICAMP	- Universidade Estadual de Campinas
UFP	- Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 JUSTIFICATIVA, PROBLEMA, PROPÓSITOS E PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS.....	20
1.1.1 O Problema.....	26
1.1.2 Os propósitos (objetivos).....	26
1.1.3 Procedimentos Investigativos.....	27
1.2 O QUE JÁ FOI PESQUISADO SOBRE ESSE TEMA.....	30
2 HUMANIZAÇÃO E VIDA.....	36
2.1 CUIDADO E AMOROSIDADE NA EMANCIPAÇÃO A FAVOR DA VIDA...37	
2.2 EMANCIPAÇÃO A FAVOR DA VIDA REFERENCIADA EM THEODOR W. ADORNO, PAULO FREIRE E ERNESTO JACOB KEIM.....	46
2.3 PERTENCIMENTO ATRELADO À EMANCIPAÇÃO A FAVOR DA VIDA..63	
3 EMANCIPAÇÃO A FAVOR DA VIDA, PERTENCIMENTO, CUIDADO E A HUMANIZAÇÃO EM CONTEXTO JUVENIL E ESCOLAR.....	71
3.1 HUMANIZAÇÃO NOS AMBIENTES ESCOLARES, REFERENCIADA NAS COMUNICAÇÕES E NO VOCABULÁRIO AO TRATAR TEMAS AMBIENTAIS.....	76
3.1.1 Entrevista coletiva com docentes sobre Cuidado, Humanização e Emancipação na interação com jovens estudantes de ensino médio de escolas públicas.....	78
3.1.2 Encontro de estudantes para análise do nível em que as comunicações interpessoais lidam com a percepção de interações ambientais.....	84
4 HUMANIZAÇÃO, EMANCIPAÇÃO E PERTENCIMENTO COM TEXTOS REFERENTES AOS DIÁLOGOS DOS ESTUDANTES REFERENDADO ÀS CIÊNCIAS AMBIENTAIS.....	90
4.1 COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS E DOS PROFESSORES.....	92
4.2 EMANCIPAÇÃO A FAVOR DA VIDA E HUMANIZAÇÃO REFERENCIADA NA ANÁLISE DOS DIÁLOGOS DOS ESTUDANTES.....	94
5 CONSIDERAÇÕES FINALIZADORAS.....	97
REFERÊNCIAS.....	100
ANEXOS.....	104

APRESENTAÇÃO

Desde a infância, sempre gostei de estudar, mesmo com as dificuldades da vida, onde tive que trabalhar e cuidar dos meus irmãos mais novos. Com muita dedicação, fui realizando meus sonhos e aos poucos, graduei-me em Letras-Português/Francês/Espanhol e Pedagogia, com especialização em Língua Portuguesa e Literaturas: Brasileira e Francesa, Mídias na Educação e em Tecnologias na Educação.

Hoje sou professora de Língua Portuguesa, com método, digamos que, um pouco diferente do tradicional. Gosto de conhecer estudante por estudante, saber dos obstáculos que cada um enfrenta, de avaliar as condições de vida e de convivência familiar; individualmente. Lembro-me de minhas dificuldades, então procuro olhá-las nas dos estudantes, sempre tentando resgatar o máximo de cada um, pois são únicos e preciosos. Acredito que, até o presente momento estejamos interagindo bem, pois tenho o carinho e respeito deles; são muito agradecidos na vida pessoal.

Posso dizer que faço meu trabalho com muito entusiasmo. Esse gosto de trabalhar com eles começou quando me via na mesma situação. Há um tempo, fui convidada para trabalhar como voluntária com alunos integrados ao programa pró-egressos, ou seja, pessoas que estão em regime penal semiaberto. São pessoas adultas, que por um motivo ou outro, chegaram em tal situação.

Durante as aulas, tentava encontrar a melhor maneira de auxiliá-los, mas quem mais sentia a gratificação era eu. Trocávamos muitas experiências, pois a sabedoria e o conhecimento de vida que esses discentes têm, seja positiva ou não, pode ser valorizada e jamais descartada, pois devemos julgar cada fato pelo qual se encontram como possibilidade comunicativa de emancipação.

Durante minha vida acadêmica, foram vinte anos de estudo entre graduações e especializações. Acredito que esse tempo, não foi suficiente para diagnosticar meu questionamento com relação aos estudantes. Então me pergunto: em que medida a compreensão de textos; seja qual for: oral, escrita, visual ou gestual; possibilita a emancipação dos nossos jovens para estabelecerem diálogos fraternos e respeitosos?

Nesse sentido, busco mais conhecimentos para atuar nesses casos, pois encontramos muitos estudantes com dificuldades de interpretar o que escuta e compreender o que pretende dizer, para estabelecer diálogo no qual se promova encontros e não conflitos, ou seja, que os estudantes chegam ao ponto de se desentenderem verbalmente ou se agredirem fisicamente, por conta da má interpretação no discurso, não respeitando a opinião alheia, que acirram transtornos psicológicos ou até morais, dentro de um convívio social. Também percebo que, quando tratamos assuntos relacionados ao contexto social e ambiental ocorrem interpretações diferentes sobre o assunto, pois a falta de uma leitura reflexiva gera um desconforto junto ao convívio social.

Entendo também que, como agente de mudança, não conseguiria pacificar uma nação. Porém, compreendo que, se começar de mim, nas minhas atitudes e ações, terei a consciência de ter desenvolvido minha parte nesse sentido, as quais me serão bastante úteis no decorrer do processo. Contudo, sabemos que não é de imediato. Quando converso com os discentes, é visível a diversidade de pensamentos e ações de cada um, chegando ao ponto de serem bastante arredios e ignorarem a opinião do outro, não os respeitando, o que faz com que eu tenha que encerrar o diálogo em sala de aula, para não propagar desavenças. Então são deixadas muitas vezes de lado, com um discurso, tendo a sensação de inacabados para não gerar incômodo. São pessoas que têm visões de mundo bastante diferentes, apesar de conviverem num mesmo planeta. Portanto o professor deve propor um diálogo que seja harmonioso e evitar que as desavenças ocorram entre os estudantes.

Há muito tempo, acalento o desejo de ingressar no Mestrado, então, em 2018; finalmente consegui!!! Embora me sentisse incapaz, tive o privilégio de ter pessoas ao meu redor, doutores maravilhosos, colegas presentes e parceiros que me abriram o caminho para lidar com essa angústia, que me perturbava há anos em minha trajetória docente. Eles contribuem para que possamos ver, que a partir deste estudo, construamos um trilho a caminhar, que resolva este desconforto em relação aos estudantes para então presenciar uma maneira diferente de lidar cientificamente com as situações com as quais inquietam a docência de muitos educadores.

1 – INTRODUÇÃO

Esse trabalho acadêmico tem como foco compreender a importância da comunicação como sensibilização e intensificação da percepção de sentimentos, e emoções que constituem o cotidiano das pessoas. Dessa forma, esperamos compreender o alcance do universo vocabular na linguagem coloquial de jovens estudantes de ensino médio, a fim de que os estudantes possam compreender criticamente seus espaços relacionais e possam expor suas ideias, junto ao seu grupo social, com argumentos que contribuam para ampliar comportamentos de cuidado e de amorosidade, de forma que compreendam a vida como processo de emancipação e autonomia.

De uma maneira geral, há muito tempo há um incômodo com a situação apresentada pelo linguajar com o qual os estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra se comunicam. Nesse cenário prevalece uma forma agressiva e com conotação de violência, no cotidiano de suas comunicações. Assim, essa proposta de pesquisa considera que os estudantes, em sua maioria, necessitam ter um olhar diferenciado nas suas formas de comunicação, na perspectiva de como se relacionam entre si e por extensão com o meio ambiente de forma mais responsável e crítica. Nesse sentido, esperamos que a leitura e interpretação de textos se caracterizem como agentes que referenciem mudanças nas comunicações entre os estudantes.

Nas aulas de língua portuguesa e literatura percebe-se que ocorre nítida diferenciação na interpretação e compreensão dos textos lidos, a qual parece carregar aspectos postos por meio de como diferentes contextos ideológicos e culturais, alcançam cada estudante. Esse propósito decorrente de minha ação docente aponta o interesse em pesquisar, como determinados comportamentos com conotação mais agressiva, que permeia as relações entre os jovens, aguçam a necessidade de compreender o que lhes falta para que promovam relações mais afetivas e fraternas.

Como educadora, procuro interagir a disciplina de língua portuguesa com conteúdos interdisciplinares, pois suspeito que o comportamento agressivo, tem conotação na dificuldade em comunicarem-se, como decorrência de pobreza vocabular que se evidencia na alienação e a criticidade. Portanto, sou uma profissional da educação que reage diante de certas atitudes de estudantes, quando

desconsideram o uso de cordialidades em sala de aula, perante um diálogo que, provavelmente não o tenha agradado. Diante dessa situação cabe o empenho em lembrar que a cordialidade se caracteriza como elemento fundamental para promover a emancipação de cada pessoa frente à vida, como referencial de encontro e de aprimoramento das relações.

Com essa observação, este trabalho pretende apontar para a parcela de responsabilidade de cada docente do Colégio Estadual Prefeito Joaquim Mafra e/ou outras instituições públicas ou particulares que se fizerem necessárias em buscar meios e caminhos, que possam ser trilhados no sentido de ampliar a capacidade comunicativa dos estudantes, como meio e forma de ampliar a dimensão de emancipação de sua humanização, como processo que se constrói diariamente, de forma que, cada pessoa se compreenda responsável, pela boa convivência com os demais; mesmo diante dos desafios cotidianos, embora seja muito importante que o docente consiga responder e entenda a relevância sobre as questões do questionário online no *google forms*.

Assim, nessa introdução, deixo clara a necessidade de o professor ser plenamente atendido em suas prerrogativas e necessidades, para a perfeita execução de suas tarefas profissionais e humanizadoras. Para tal, é fundamental que o professor conte com condições dignas de trabalho, o que implica em ser valorizado e principalmente respeitado pelas autoridades, que desconsideram sua importância e valor social, talvez por se sentirem ameaçados com o resultado do trabalho dos professores, que farão com que as pessoas sejam mais críticas e criteriosas. Talvez por isso, as „autoridades ameaçadas“, deixem de fornecer equipamentos adequados e ambiente escolar digno. Essas observações representam de forma a necessidade de descolonizar a ação e a posição social e profissional dos docentes

Essa postura aponta o que se caracteriza como dinâmica com teor de pacificação, a qual se concretiza na medida em que cada pessoa respeita a opinião do outro, reciprocamente. Entretanto, pacificar significa assumir as contradições e os conflitos além de saber como lidar com eles, de forma a prevalecer o que possibilita a vida em plenitude. Assim, pacificar se caracteriza como processo permanente de cuidado e visão crítica do que cerca a vida em sociedade. Estar em paz é estar

consciente e com controle das crises e tensões/tenções¹, como perspectiva de equivalência entre os polos contrários. (KEIM, 2020 a)

Um ponto que se pode destacar, como foco de pacificação se dá com a atitude agressiva e desrespeitosa, que alguns estudantes assumem, talvez pela condição de vida ou convívio na família ou amigos que tem quando não concordam com a opinião de outros colegas de classe. Nessas condições se percebe que, de uns anos para cá, está cada vez mais frequente esse tipo de comportamento entre os jovens, no qual predomina certa intolerância que parece tomar conta de suas formas relacionais. Talvez seja pelo fato de que, apesar dos avanços tecnológicos disponíveis a quem tem recursos financeiros e monetários, a população brasileira da região onde ocorreu o estudo vive em condições de precariedade tanto nos locais de convivência social, doméstica e escolar, de tal forma que os jovens não conseguem estudar em harmonia nas salas de aula, e na sociedade como um todo, não percebem o reconhecimento de sua existência.

Essa pesquisa nesse sentido, pretende verificar em que medida a comunicação com vocabulário ampliado e com significados ampliados, pode favorecer aos jovens capacidade maior de interpretar o mundo em que vivem e assim, possam descobrir e construir caminhos que levam à emancipação compreendida como valorização da vida com um todo.

Atualmente, apesar de toda a tecnologia que está ao nosso alcance, é perceptível que as relações interpessoais não avançaram na mesma perspectiva. E nesse trabalho evidenciamos a necessidade, enquanto profissional da educação, de pesquisar e contribuir com dados que desencadeiem a complexidade das relações contemporâneas, que se mostram compelidas a um individualismo exacerbado. Outro ponto relevante dessa pesquisa está nas possíveis mudanças nas relações sociais, em tempos que seguirão a quarentena do COVID-19, com trabalhos individualizados na própria moradia e o distanciamento imposto nas relações.

Esse contexto desafiador remete a outro extremo que mostra o ser humano, com um alto potencial sociável que o capacita a adquirir conhecimentos por meio da interação com o outro. Nessa direção esta pesquisa busca matriz teórica que estimule ações humanas, voltadas para o cuidado que é referencial fundamental

1 Tensão conforme Keim (2020 após 1.0) corresponde a expectativa e problema e situação desafiante e tenção corresponde a intenção e propósito de algo a ser alcançado.

para ampliar a humanização das pessoas. A importância dessa abordagem está na palavra Humanização que é tema a ser aprofundado e debatido nessa pesquisa.

Dessa forma buscamos no desenvolvimento da pesquisa, orientar o processo investigativo conforme postura amparada na Fenomenologia Schiller-Goethiana, na medida em que, por meio dessa abordagem, a pesquisa desenvolveu um olhar que visa a intensificação e a sensibilização do pesquisador, para incorporar o ritmo do contexto investigado, no sentido de alcançar um olhar profundo e interessado pelo outro. Essa posição remete ao refinamento do educador na sua capacidade de interagir com seus estudantes, no sentido de estimular a superação do que gera atitudes de truculência e desrespeito à vida com dignidade. (KEIM, 2020 a)

Para lidar com esse propósito, Leonardo Boff e Ernesto Jacob Keim² são referências ao debater e propor ações e reações que evidenciam o cuidado e a amorosidade que se caracterizam como elementos referenciais da fenomenologia Schiller/Goethiana, a qual aponta a ação científica, focada na metamorfose das pessoas envolvidas e não na elaboração de uma resposta finalizadora. A sintonia se dá também pelo fato desses autores evidenciarem a produção acadêmica e filosófica, com base na intensificação e na sensibilização do sujeito investigador que incorpora o ritmo do que é investigado, caracterizando assim, esses três aspectos referenciais, da citada abordagem de ação científica, os quais implicam na intensificação, na sensibilização e no ritmo como atributos essenciais para o desenvolvimento das investigações científicas que se dão como processo e não como submissão a um método. .

Assim, a pesquisa evidencia a posição de a comunicação ser considerada como agente que corrobora a consciência da complexidade das relações humanas e ambientais, mediadas pelas posições argumentativas e críticas dela decorrentes. Esse ponto indica a importância dos conflitos como agentes de relação, que devem ser refletidos e não ignorados, e dessa forma nessa pesquisa se tem o propósito de buscar meios que evidenciem o que vem a ser Humanização e Emancipação a favor da Vida, nas relações interpessoais de jovens estudantes de ensino médio.

2 Atendendo a recomendação do orientador, os autores, quando apontados durante o texto serão apresentados com nome completo ao serem referidos como autores de posição própria de sua trajetória acadêmica e autoral. Quando a referência tiver relação com uma obra o nome será acompanhado da data da publicação. Essa posição visa orientar o leitor quanto ao autor a quem o texto se refere, pois os sobrenomes se repetem com diferentes autores, evitando uma compreensão dubia.

1.1 JUSTIFICATIVA, PROBLEMA, PROPÓSITOS E PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS

Para elaborarmos este trabalho, remetemos inicialmente ao seu título, entendendo cada palavra com seus diversos significados. Percebam que todas as palavras são femininas.

O primeiro verbete a ser analisado é comunicação, vem do latim *communicatio.onis* e significa ação de participar. É um processo que envolve a troca de informações entre dois ou mais interlocutores por meio de signos e regras semióticas mutuamente entendíveis. Trata-se de um processo social primário, que permite criar e interpretar mensagens que provocam uma resposta. (Dicionário Online de Português)

A segunda palavra é humanização que significa a ação ou efeito, nas relações sociais, que diferencia as pessoas da mera condição de animal, pois segundo Theodor Adorno (1995) “a Humanização se dá com a superação da barbárie a que as pessoas estão submetidas pela dinâmica colonialista que nos alcança”. Humanizar é segundo Paulo Freire (1996), “a revitalização da percepção de ser social com vocação para a liberdade a autonomia e ao permanente processo de ser mais”.

Assim humanizar se caracteriza como processo que pode ocorrer em diversos campos como ciências da saúde, ciências sociais aplicadas ou ciências exatas. São condições melhores e mais humanas de tratarmos uns aos outros respeitando seus comportamentos, como sendo próprios de suas culturas e cosmovisões, o que acarreta uma diversidade de formas como lidam com a vida, com destaque para particularidade na alimentação, organização da sociedade, diversidade de linguagens e disponibilidade e prontidão para aprendizagem.

O terceiro termo é dinâmica, que vem do grego *dynamike* que significa forte. Na física ela é um ramo da mecânica que estuda o movimento de um corpo e suas causas. No dia a dia, observamos o movimento de um corpo, a partir da interação com outro ou mais. Então verificamos que, dinâmica é a união das palavras força e movimento, as quais podem se caracterizar como importantes elementos de educação e não apenas de ensino. (Wikipedia)

A penúltima palavra é emancipação que significa a condição de tornar livre ou independente. Em filosofia, é a luta das minorias pelos direitos de igualdade ou

políticos como seres humanos. Então é a contemplação do ser humano ter a independência ou liberdade em suas ações, atitudes ou pensamentos.

Já o último elemento, cuja palavra é vida, oriunda do termo latino *vita*, diante de vários significados, a que melhor se adequa a esse trabalho é aquilo que dá sentido à existência de alguém. (Significados Br)

Diante dessas terminologias, cabem ainda destacar a expressão educação ambiental nas leituras como um agente a ser utilizado para o aprimoramento de posições e ideias, que tratem das relações dos humanos com os ambientes. Essa expressão, Educação Ambiental (EA), caracteriza-se como um termo que carrega certo grau de complexidade, ao se considerar que a educação não se dá na natureza e sim, nas relações decorrentes de como as pessoas que habitam o planeta, fazem o uso de todo seu aparato.

A incongruência dessa expressão está no fato de que somos parte da complexidade planetária e mundial, ou seja, nós somos a natureza, classificados como seres racionais, caracterizando o que nos diferencia da natureza, de modo geral pela capacidade que temos de alterar as relações que lhes são próprias. Ernesto Jacob Keim (2019, apud. 3.2), refrisa a seguinte ideia: “Essa expressão pode se configurar com um falso anúncio, pois seu significado restrito, aponta que ela se constitui em processo pelo qual devemos educar a natureza para aguentar e resistir aos desastres anti-vida, promovidos pelas instituições humanas”.

Além disso, um Projeto desenvolvido em conjunto pela Fundação Roberto Marinho e Agência Nacional das Águas (ANA), no caderno 1 da apostila Caminho das Águas (2006, p. 19), diz sobre a educação ambiental que “não consideramos a EA como um código de condutas, pois ela nasce e se concretiza por meio da prática discursiva”, e ainda dessa apostila temos que:

os que realizam uma educação ambiental crítica preocupam-se com a participação e o empoderamento dos grupos sociais, privilegiando a emancipação e autonomia numa perspectiva mais política, sem contudo, negligenciar as informações ecológicas e a construção dos conhecimentos. A EA pode ser considerada uma prática educativa e social que contribui para a tentativa de implementação de uma sociedade mais igualitária e que considera o “ambiente” segundo uma concepção de inclusão do ser humano em todos os processos, sendo filosoficamente indistinto do que se denomina “natural”. (2006. pág. 20)

Essa citação oportuniza a inserção nesse debate de Paulo Freire (1981) com o significado do que vem a ser educação, diferente de ensino ou escolarização e Ernesto Jacob Keim (2019), na medida em que esse autor aponta que a expressão

educação ambiental é inadequada como já foi apontado, e nesse sentido ele propõe que ao invés de adotar a expressão Educação Ambiental se utilize:

Educação da Emancipação a favor da Vida, referindo-se a que devemos aprender com os ambientes e com a vida, de como foi e como é, que os ambientes e a vida se mantêm, apesar das constantes agressões sofridas pelas instituições desenvolvidas por alguns humanos referendados em suas determinações pautadas na legalidade que sustenta o direito e não a justiça. (2019. Apres. 2.3 slide 6)

Vimos assim, que nós, seres humanos desconsideramos ou desconhecemos o que vem a ser natureza, o que implica em assumir que faz parte desse conceito atitudes como de um cuidar do outro, ou seja, a natureza cuida de nós e nós, retribuímos este cuidado com amorosidade a ela, conforme Leonardo Boff (2012) relata. Infelizmente isto não acontece por completo, pois as pessoas desconsideram seu lugar, importância e responsabilidade com relação à terra, e se a maltratam, indiretamente fazem o mal a si, sem perceber a gravidade da situação que é posta.

Assim podemos verificar em uma das definições de Educação Ambiental onde Antonio Feitosa Isaias (2019) realizou um trabalho de pós-graduação no Instituto Federal do Ceará sobre „Educar para Preservar: O Caminho para Sustentabilidade Sócio Ambiental em parceria com a Agência Nacional das Águas”, onde diz que:

Educação Ambiental é uma forma abrangente na qual busca atingir as pessoas, através da participação direta de diversos atores sociais, busca-se engessar nessa sociedade uma consciência crítica social, sobre a problemática ambiental, considerando o homem como ser que faz parte do complexo ciclo ambiental. (ISAIAS, 2019, pág. 30)

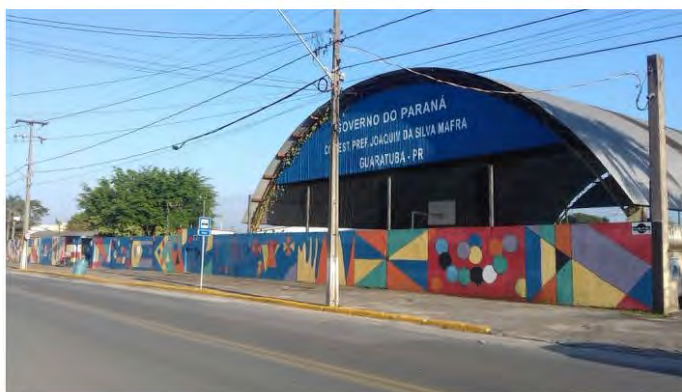
Esse autor reforça a posição de que nós somos o ambiente, seres humanos que fazemos parte da natureza como um todo e que, como seres pensantes, temos a responsabilidade de cuidar do planeta, pois devemos respeitar o conceito de Leonardo Boff, quando diz que “o planeta é a nossa casa”.

Nesse sentido essa pesquisa apresenta a análise de entrevistas com estudantes do primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra no município de Guaratuba no Paraná, que é o público alvo deste trabalho, para verificar como as atividades docentes, ao tratarem de humanização e emancipação a favor da vida, podem contribuir para alterar o comportamento agressivo, alienado e/ou passivo dos estudantes de duas turmas de primeiro ano de ensino médio de escola pública paranaense.

A importância está no fato de ocorrer de forma visível a agressividade nas relações interpessoais dos jovens estudantes do ensino médio dessa instituição, onde se espera que prevaleça respeito e cuidado com o outro, com si e com o Planeta. Como decorrência dessa pesquisa, desenvolve-se um produto que se caracteriza como um „Roteiro Investigativo de Humanização e Emancipação nas Comunicações”, tendo como fundamento os aspectos teóricos levantados no ambiente escolar, especialmente durante o período noturno no Colégio Estadual Prefeito Joaquim Mafra em Guaratuba.

A imagem da frente do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra:

IMAGEM 1- FRENTE DO COLÉGIO



FONTE: Autora (2020)

Imagem interna da área de lazer do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra:

IMAGEM 2- QUADRA DE AREIA



FONTE: Autora (2020)

IMAGEM 3 - PÁTIO INTERIOR



FONTE: Autora (2020)

Esse roteiro conta com o relato de como foi o processo de debate com estudantes de duas turmas do primeiro ano do ensino médio noturno, com relação a questões ambientais próximas e distantes de onde habitam, para verificar em que medida dois grupos com especificidades sociais diferenciadas reagem a questões ambientais, pois ainda não compreendem que fazem parte do meio. A análise de informações coletadas aponta como os meios de comunicação interferem para a condução de percepções ambientais, e de certa forma contribuem para evidenciar comportamentos e atitudes interpessoais na sala de aula.

Um ponto que é considerado relevante é de identificar como aspectos que caracterizam a dinâmica de vida das pessoas entrevistadas se caracterizam como agentes de humanização e emancipação, conforme Ernesto Jacob Keim apresenta em suas investigações fenomenológicas.

Entendemos que essa análise, segundo Ernesto Jacob Keim (2020 a) é importante e necessária, pelo fato dela mostrar o paradoxo que acompanha a concepção do que vem a ser o opressor, quando apontamos que o agressor escravocrata também é um oprimido, pelo fato de, ao conseguir desencadear posturas mediadas pela brutalidade, temos que ele está destituído de sua humanidade. Assim a atitude de transformar o opressor, que simultaneamente é oprimido, implica em procedimentos de revitalização da humanidade perdida dessa pessoa, pois muitas das vezes, o estudante não tem noção de que está agindo de tal forma, por achar que é normal esse tipo de tratamento com os colegas de classe, pelo fato de presenciar cotidianamente essas atitudes grosseiras com o outro, sendo

necessário este trabalho para almejarmos a humanização nos seres. Essa é talvez a materialização maior da máxima cristã ao amai-vos uns aos outros.

Portanto, entendemos que a expressão ambiente se refere a todos os viventes, inclusive nós os humanos, que ocupamos o planeta Terra e que somos responsáveis pelo cuidado e gerenciamento dela, pois estamos inclusos, assim como somos responsáveis pelo cuidado do outro, mostrando que através da Comunicação ou leitura somos capazes de humanizar as pessoas quanto às atitudes de interação favorável à vida do outro e da natureza.

Destacamos aqui, a importância dos estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra saberem o que vem a ser a palavra humanizar, ao abordar assuntos como a vida em comum, e em particular a convivência ou a condição de melhorá-la. Esse conceito de humanização é relevante nessa pesquisa na medida em que lida com valores humanos os quais culminam em ações, que valorizam a superação de conflitos com a adoção de referenciais de convivência, amparados no respeito e na tolerância aos outros presentes na sala de aula. Com essa posição a comunicação se coloca a favor da emancipação de aspectos que priorizam a vida, no ambiente escolar noturno.

1.1.1 O Problema

Com base nessa argumentação temos o enunciado do problema que conduz essa pesquisa formulada como:

De que forma o professor do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra, ao tratar de humanização e emancipação, consegue refinar a dinâmica comunicativa de estudantes de ensino médio noturno, no sentido de reduzir agressividade, passividade e alienação nas comunicações interpessoais, e nas formas como percebem suas relações com temas ambientais.

1.1.2 Os propósitos (objetivos)

Com base no enunciado do problema se tem o seguinte propósito geral:
Compreender o papel do educador, como agente que desenvolve meios que levem estudantes de ensino médio noturno a incorporar em seu cotidiano comunicacional referenciais de emancipação a favor da vida e de humanização decorrentes de análise da comunicação, seja oral ou escrita.

Com esses aspectos organizativos temos os seguintes Propósitos Específicos:

- Compreender o que significa humanização e emancipação a favor da vida

no contexto de textos e diálogos que tratem das ciências ambientais.

- Identificar argumentos amparados na linguagem dos jovens, presentes na comunicação de textos orais ou escritos que tratem de temas ambientais e de vida no meio em que vivem, que reflitam bloqueios e facilidades nas relações interpessoais.
- Identificar formas pelas quais a comunicação poderá desencadear argumentos que favoreçam a compreensão do que vem a ser humanização e emancipação a favor da vida no cotidiano do jovem estudante.

1.1.3 Procedimentos Investigativos

Partindo desse problema e desses propósitos, a pesquisa se desenvolve inicialmente como um processo investigativo exploratório, o que se caracteriza com o desenvolvimento da apresentação desse trabalho, no qual foi realizada a interação do tema de pesquisa com a história de vida, pois trabalho já há algum tempo nesta escola e presencio frequentemente a violência verbal entre os estudantes, tendo em vista que a maioria dos estudantes provém da região periférica da cidade, com poucos recursos sociais; dificultando a comunicação entre eles. Essa ação foi importante para que a pesquisa se caracterizasse como algo que brota nas vivências e tem foco de vida, pois a cada dia os estudantes do ensino médio têm a dificuldade de comunicação e melhor tratamento entre os mesmos.

A pesquisa exploratória, segundo Severino (2016. pág. 131) se caracteriza como o levantamento de “dados sobre um determinado interesse investigativo (objeto), delimitando assim um campo de trabalho e mapeando as condições de manifestação desse objeto”, buscando a interação desse interesse/foco investigativo com a história de vida do pesquisador, visto que estão em decadência de uns anos para cá, sendo necessário este trabalho com excelência.

Com essa possibilidade desenvolvemos a pesquisa com base na abordagem de ciência Schiller/Goethiana que se refere à intensificação, à sensibilização e em estabelecer sintonia da pesquisa com o ritmo de vida do pesquisador e com o ritmo do tema em pauta. De acordo com Ernesto Jacob Keim (2019), esse processo se apresenta como “...Sensibilizar-se e mostrar interesse, para então conseguir a ...Intensificação ao que despertou interesse e como consequência do significado que o evento tem em sua vida a pessoa interage com o ... Ritmo com o qual ela ocorre e dá sentido ao sujeito em questão. Essas atitudes caracterizam o conceito

de Steigerung que caracteriza essa abordagem de fazer ciência, a qual foi nomeada como abordagem Paranauê.” (2019, Apres. 3.2)

Como passo seguinte foi realizada a pesquisa do que já foi investigado sobre o tema. Essa etapa se constitui como parte da pesquisa bibliográfica, com conotação de pesquisa qualitativa, com abordagem referenciada na Fenomenologia Schiller-Goethiana que visa um olhar profundo e interessado pelo outro e vem a seguir como item 1.2, que aponta o que já foi pesquisado sobre o tema.

Esse processo se caracteriza como parte da pesquisa bibliográfica, que foi realizado com o propósito de encontrar referenciais cognitivos e operativos, que contribuíssem para a execução do processo, e principalmente para a organização teórica fundamental da pesquisa, conforme Antônio Joaquim Severino (2007).

Com essa determinação buscamos autores de livros, artigos e demais textos como teses, dissertações e anais de eventos que deram sustentação à busca básica do tema dessa investigação. Para alcançar o propósito maior dessa investigação que é o debate do que caracteriza a emancipação a favor da vida por meio da linguagem, foram escolhidos como autores referenciais na pesquisa bibliográfica:

- Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (1981)
- Theodor Adorno, *Educação e Emancipação* (1995).
- Milton Santos, *Por uma outra globalização* (2000);
- Ernesto Jacob Keim, *Educação da Insurreição* (2011) e
- Leonardo Boff, *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra* (2012);

Com base nesses autores foram constituídos indicadores que apontem aspectos que caracterizam o que vem a ser humanização e emancipação a favor da vida em contexto de cuidado, emancipação e pertencimento para que sejam utilizados como elementos de análise de texto.

Esses elementos de investigação depois de aplicados e considerados relevantes para análise de que atenda aos propósitos da pesquisa, ou seja, que estudantes de ensino médio identifiquem aspectos de humanização e emancipação em seus diálogos e relações interpessoais e na forma como percebem e interpretam aspectos relacionados com as ciências ambientais.

A pesquisa desenvolve-se por meio de análise de discurso oral dos estudantes do ensino médio noturno em grupos ao debaterem temas ambientais, o que viabilizou a análise da conversa, verificando que aspectos dentre os escolhidos

para análise se fazem presentes como elementos que promovem agressividade, passividade e alienação, tendo como referencial de debate, questões ambientais.

Utilizamos como referência para a realização dessa pesquisa conforme a temática ambiental, indicadores alcançados como a observação direta da heterogeneidade própria da unidade estudantil, bem como das dificuldades que surgem, mediante a convivência diária, mediados com conceitos sobre as peculiaridades humanas, destacadas na construção teórica da pesquisa, no que se refere à Emancipação a favor da Vida.

Os dados coletados nessa etapa contribuem para dar consistência argumentativa aos indicadores desenvolvidos na busca teórica, os quais remetem aos indicadores de cuidado, emancipação e pertencimento, atendendo à finalidade de desafiar estes estudantes de ensino médio noturno para a compreensão de como um diálogo possui informações sobre o cotidiano.

A coleta dos dados com os estudantes se deu de forma on-line na qual foram coletados argumentos que representam a opinião de estudantes do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra que cursam o Primeiro ano do Ensino Médio. Foi na forma de entrevista coletiva durante um encontro, e tiveram como tema motivador, desafios referentes a questões ambientais próximas e distantes de onde residem. Um ponto relevante é o fato de a maioria dos estudantes entrevistados serem residentes em moradias adquiridas em região e local de ocupação por movimentos populares, onde as instalações de água, luz e esgotos e demais instalações urbanas e sanitárias são precárias por falta de assistência dos órgãos públicos.

A coleta de dados contou também com entrevista on-line com professores para investigar a percepção desses profissionais, sobre a dimensão de abrangência das comunicações entre os estudantes, no que se refere a cuidado e emancipação humana tendo como ponto de referência, questões ambientais e relacionais.

Nesses encontros os estudantes reagiram livremente a determinadas provocações da pesquisadora no sentido de debaterem questões ambientais. Nesse diálogo foi investigada a presença dos elementos indicativos decorrentes da pesquisa teórica. Em continuidade depois de transcritos os diálogos foram realizados mais dois encontros para o aprofundamento dos diálogos que culminaram com os argumentos que consolidam essa pesquisa.

A expectativa inicial foi de que estes estudantes do ensino médio noturno de escola pública, provindos da margem da sociedade, conseguissem apontar por meio de suas próprias falas, a visão que constroem do que vem a ser emancipação das ações humanas a favor da vida. A coleta se deu por meio da reunião dos áudios apresentados os quais foram transcritos e analisados para a verificação de aspectos que apontassem para emancipação e humanização. Havia nessa dinâmica de entrevista a intenção de que os estudantes percebessem a importância de ampliar a afetividade, o cuidado e o sentido de pertencimento em suas ações e formas de comunicação.

A expectativa dessa atividade foi também a de debater questões ambientais, no sentido de os estudantes conseguirem perceber como as comunicações que lhes são direcionadas pelos meios de comunicação, remete-os para longe de sua realidade e a proposta da pesquisa, foi a de que eles percebessem a existência de problemas ambientais próximos de onde vivem, tão graves quanto os distantes, e que ainda mais próximo, existem problemas de percepção de qualidade comunicativa nas relações interpessoais de quem está próximo, por exemplo no mesmo grupo de estudantes da escola.

Como decorrência dessa pesquisa de campo envolvendo os estudantes, este trabalho disponibilizou aos docentes, como produto final, um roteiro constituído pelos aspectos indicativos de Emancipação a Favor da Vida, levantados na pesquisa teórica, para que docentes possam aplicar esses elementos indicativos para a análise e interpretação de textos e/ou diálogos, com a finalidade de identificar tendências e possibilidades que evoquem o cuidado, a emancipação e o pertencimento.

Essa dinâmica é recomendada com os procedimentos que foram utilizados na pesquisa de campo, ou seja, gravação de diálogo em grupo e posterior retorno com o diálogo interpretado.

O fato de despertar nos estudantes do ensino médio noturno do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra em Guaratuba, a importância de uma boa convivência e respeito ao próximo em todas as situações em que haja a diversidade, é a de animar uma convivência saudável entre eles, não só na sala de aula, mas com em todo o estabelecimento público, capaz de proporcionar um ambiente de melhor aprendizagem. Precisamos humanizar urgentemente, com ações que contribuam para o verdadeiro crescimento do ser humano. Acreditamos que o

colégio é um espaço favorável para esta humanização e, conseqüentemente a educação.

Conforme Nietzsche relata que “parece-me que a sutileza e a força da consciência estão sempre relacionadas à *capacidade de comunicação* de uma pessoa [...], e a capacidade de comunicação, por sua vez, à *necessidade de comunicação*” (2012, p. 221). Onde a relevância dessas ações pode ser marcada para evidenciar a sensibilização da Comunicação como agente de permanente processo de humanização como um trabalho contínuo de emancipação a favor da vida; considerando o entorno e as circunstâncias de cada um.

Então é propósito dessa pesquisa devolver aos estudantes de ensino médio noturno do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra em Guaratuba um conjunto de valores humanos que proporcionem uma melhor convivência entre eles, respeitando e valorizando a diversidade de ideias, onde o mais importante é acolhê-los. Vemos então que é preciso proporcionar reflexões e debates sobre os caminhos para uma convivência humana diária harmoniosa, rica em respeito ao outro. Acreditamos assim, que estamos em local apropriado e possível para se alcançar essa meta.

1.2 O QUE JÁ FOI PESQUISADO SOBRE ESSE TEMA

A busca sobre o que já foi pesquisado sobre esse tema, ou seja, Comunicação e Humanização como dinâmica de Emancipação a favor da Vida, contou com pesquisas e buscas em plataformas de produções acadêmicas, como: Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); da *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e de Universidades.

Para tal a pesquisa ficou limitada ao período de 2007 a 2019, pelo fato de não encontrar em outros períodos, utilizaram-se os seguintes descritores: ciências ambientais e emancipação a favor da vida; comunicação e emancipação a favor da vida; ciências ambientais e comunicação no ensino médio. Nessa busca, foram encontradas: 4 dissertações e 5 artigos conforme os quadros que seguem.

O quadro 1 traz o material encontrado na plataforma CAPES, assim ele apresenta as referências do que foi detectado e depois se faz uma breve descrição de cada trabalho.

Quadro I
Pesquisa na Plataforma Capes

Título do Trabalho	Modalidade	Instituição/ Localização	Ano
A Emancipação Psicopolítica Frente ao Trauma Epistêmico e a Teoria da Comunicação - Evandro Vieira Ouriques	Artigo	Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicacion, 2016, Issue 131, p.63 (13)	2016
Educação e Emancipação Social: um Olhar a partir da Cidade Educadora - Jaime José Zitkoski	Artigo	Universidade de Passo Fundo (UPF)	2018
Repensar a técnica e a subjetividade: entre Hannah Arendt e Hans Jonas - Osvaldino Marra Rodrigues	Artigo	Discusiones Filosóficas. Año 12 N° 18, enero-junio, 2011, pp.173-186	2012

Fonte: Plataforma Capes (2020)

No artigo “Educação e Emancipação Social: um Olhar a partir da Cidade Educadora, como forma de promover a emancipação”, o autor Jaime José Zitkoski (2018) desenvolveu seu trabalho mostrando os melhores ângulos que detêm o desafio de repensar a educação numa perspectiva de emancipação, interagindo com as ciências humanas. Baseia-se em Paulo Freire, sobre a discussão da atualidade de uma proposta educacional com ênfase emancipatória frente à crise em que se encontra situada na sociedade atual. Repensar a educação converge, para os desafios de reconstrução da existência humana em sociedade que demonstra uma crise em relação ao futuro da humanidade e torna-se cada vez mais inviável em termos humanos, sociais ou ambientais.

No documento seguinte, o artigo “A emancipação Psicopolítica Frente ao Trauma Epistêmico e a Teoria da Comunicação”, o autor Evandro Vieira Ouriques (2016) entende que o trato de como a constituição epistêmica da teoria da comunicação depende do pensamento crítico para compreender que a Emancipação é um desdobramento da superação do trauma epistêmico do dualismo. Assim, pode ser desenvolvida em diferentes níveis de ensino. Nessa perspectiva, o artigo apresentou as contribuições das atividades de investigação para o desenvolvimento do meu trabalho, pois através da linguagem, existem oportunidades de expressar seus pensamentos críticos para que ocorra a Emancipação nas pessoas.

O último artigo descrito como “Repensar a Técnica e a Subjetividade: entre Hannah Arendt e Hans Jonas”, do autor Osvaldino Marra Rodrigues (2012). Discorre sobre o livro, *A Condição Humana*, publicado em 1958, por Hannah Arendt que estabeleceu uma diferença muito importante entre a condição humana e a natureza humana. Tentou mostrar os limites da natureza humana e responder aos teóricos positivistas que consideravam possível conhecer o quê da natureza biológica humana. Para Arendt, a ação humana é a diferença dos eventos que acontece na natureza e consiste numa característica muito específica que é a liberdade. Uma melhor compreensão do fenômeno da condição humana não pode ser esgotada por apelar só à dimensão natural, ser explicada pelas forças que atuam no exterior e saturar o problema do fenômeno da liberdade humana.

Hans Jonas não desenvolveu amplamente esse tema que inclui no princípio de responsabilidade, uma dura crítica ao projeto marxista que apela ao conceito desenvolvido por Arendt, que é uma das manifestações da condição humana. Vê-se, que o ser humano nem sempre é bom, por isso o teste contínuo para que esta condição se humanize cada vez mais. Contribui para que percebamos o quanto as pessoas se revestem de humanos, ao passo que fazem o uso de outras pessoas, por isso o reforço de entender e se manifestar para emancipar.

A seguir, apresentamos o Quadro 2 que traz o material encontrado na plataforma *Scielo*.

Quadro II
Pesquisa na plataforma Scielo

Título do trabalho	Modalidade	Instituição/ localização	Ano
Concepções de administração e administrador em tempos de capitalismo flexível: uma abordagem crítica - Ana Cristina Batista dos Santos José Arimatés de Oliveira	Artigo	Cad. EBAPE. BR vol.13 nº.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 2015	2015

Fonte: Plataforma do Scielo (2020)

No único artigo do quadro 2, o autor busca socializar os resultados de uma pesquisa que o seu objetivo é compreender criticamente as concepções de administração e administrador em tempos de capitalismo flexível. Faz o uso da Teoria Crítica frankfurtiana, que é fundamentada em três pares categóricos dialéticos: história-naturalização, práxis social-sistema e alienação-emancipação. A Literatura prevalente da área foi revisada no tocante aos conceitos em estudo que

utiliza os saberes múltiplos e as aprendizagens em troca de meios para alcance das finalidades do contexto organizacional mutante.

Na pesquisa realizada no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e nas Universidades não foram encontrados trabalhos que estivessem tão próximos dos descritores e do objeto desta dissertação. De fato, poucas foram as teses, dissertações e artigos com foco no tema investigado e isso aponta a importância e relevância da pesquisa e a revisão de literatura desencadeia muitas vezes uma busca histórica pelo conceito da comunicação e humanização como dinâmica de emancipação a favor da vida.

Apresentamos a seguir o quadro 3 sobre o que já foi investigado junto aos bancos de teses e dissertações da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), UFPR, IBICT, sobre o tema dessa dissertação considerando as seguintes expressões de busca: ciências ambientais e emancipação a favor da vida; comunicação e emancipação a favor da vida; ciências ambientais e comunicação no ensino médio.

Nessa busca, destacam-se os seguintes trabalhos:

O quadro 3 traz o material encontrado na plataforma IBICT, BDTD e Universidades.

Quadro III
Pesquisa na plataforma IBICT, BDTD e Universidades

Título do Trabalho	Modalidade	Instituição/ Localização	Ano
A Educação Física Escolar no Ensino Fundamental: Análise a partir do Currículo Básico e das Diretrizes Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Curitiba - Ana Paula Henklein	Dissertação	UFPR	2009
A Impossibilidade de uma Ética Ambiental: O Antropocentrismo Moral como Obstáculo ao Desenvolvimento de um Vínculo Ético Entre Ser Humano e Natureza - Edilson da Costa	Dissertação	UFPR	2007
Filosofia no Ensino Médio: Reflexões a partir de uma Experiência Filosófica Libertadora - Giselle Moura Schnorr	Dissertação	UFPR	2009
Colapso do Meio Ambiente e Potencialidades Anticapitalistas da Luta Ambiental - Henrique Tahan Novaes	Artigo	UNICAMP	2018
Pertencimento Planetário e Emancipação da Vida nas Ciências Ambientais - Marilda Ferreira de Almeida Caldas	Dissertação	UFPR	2019

Fonte: Plataforma do IBICT, BDTD e Universidades (2020)

Na dissertação “Filosofia no Ensino Médio: Reflexões a partir de uma Experiência Filosófica Libertadora”, de Giselle Moura Schnorr (2009). A autora deste trabalho visa a libertação dos estudantes no ensino de filosofia, em se conter princípios filosóficos que promovam a humanização, onde no desenvolver de sua pesquisa a autora destaca Paulo Freire como sua base teórica e prática para a realização do trabalho.

Na dissertação seguinte: “A Impossibilidade de uma Ética Ambiental: O Antropocentrismo Moral como Obstáculo ao Desenvolvimento de um Vínculo Ético Entre Ser Humano e Natureza”, de Edilson da Costa (2007), o autor ressalta em sua pesquisa que a relação homem-natureza tem mostrado a necessidade de buscar um novo perfil ético, pois o ser humano está cada vez mais antropocêntrico e apresenta falhas e que ela deve ser estendida para além do ser humano. Como análise do pensamento resgata Theodor Adorno que está diretamente ligado à teoria crítica.

No artigo “Colapso do Meio Ambiente e Potencialidades Anticapitalistas da Luta Ambiental”, de Henrique Tahan Novaes (2018), o autor pretende analisar a questão ambiental por uma perspectiva marxista. Os estudos abordam o avanço das corporações transnacionais e como produzem o colapso ambiental. Tenta demonstrar as potencialidades anticapitalistas da luta ambiental, bem como os riscos de que ela fique estagnada num ecocapitalismo.

Na dissertação “A educação Física Escolar no Ensino Fundamental: Análise a partir do Currículo Básico e das Diretrizes Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Curitiba”, de Ana Paula Henklei (2009), a autora desenvolve o seu texto a partir de uma perspectiva teórica da Escola de Frankfurt estabelecendo conceitos da Teoria Crítica, como a Indústria Cultural que mostra a importância de se reconhecer o processo de adaptação em uma educação emancipadora, a questão da autonomia no processo de Emancipação e a necessidade de combater essa violência, que aparece como fator gerador da barbárie, que impede uma educação para Emancipação. Como inspiração do seu trabalho, a autora faz o uso das obras e experiência de vida de Adorno.

Na dissertação “Pertencimento Planetário e Emancipação a favor da Vida nas Ciências Ambientais”, de Marilda Ferreira de Almeida Caldas (2019), a autora trata o assunto sobre uma perspectiva da emancipação a favor da vida, como reconhecimento das relações entre o sujeito e o meio no qual interage. Um ponto bastante importante é que ela ressalta que a expressão emancipação a favor da vida

substitui a expressão educação ambiental e como objeto de estudo, aborda as obras do autor Ernesto Jacob Keim (2019).

Como decorrência dessas obras apontadas pode-se concluir que elas apresentam pouca base de dados para aprofundar o tema da pesquisa atual. Dessa forma, podemos dizer que essa pesquisa tem relativo caráter de ineditismo, mas essa observação é apenas textual pelo fato de não ter sido realizado um levantamento à exaustão que apontasse à comunicação como agente que amplia a capacidade de cuidado e amorosidade, promovendo a consciência da complexidade das relações humanas mediadas pelas comunicações.

Em continuidade e como finalização dessa introdução, apontamos a organização do texto final dessa dissertação a qual, tem uma apresentação, que é um memorial descritivo-analítico sobre a trajetória profissional e acadêmica da autora; O primeiro capítulo se constitui na Introdução que envolve o histórico e a relevância do tema tratado, bem como o problema, os propósitos e o que já foi pesquisado sobre esse tema. O segundo capítulo que se refere às questões investigadas à luz da teoria que lhe dá sustentação com base na análise bibliográfica, com foco na humanização, na emancipação, no cuidado e no pertencimento. O terceiro capítulo descreve os procedimentos para a coleta de dados junto a estudantes e professores do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra, em Guaratuba PR, e apresenta o resultado da análise documental relacionando os elementos indicativos oriundos da base teórica, ou seja, como Boff, Adorno, Freire e Santos abordam a dimensão ambiental como elementos de análise textual referenciado nos textos reproduzidos das falas dos estudantes. O quarto capítulo apresenta a dinâmica de aplicação dos instrumentos de análise de qualidade de texto referenciada em indicadores de qualidade de vida com base nas ciências ambientais. O trabalho termina com considerações finalizadoras do processo e as referências, além de um anexo que traz o produto dessa investigação, que a princípio, são questões reflexivas abordadas pelos professores na aplicação com seus estudantes, a fim de perceberem o quanto há de bárbaro, humano ou emancipatório presente na comunicação desses jovens.

2- HUMANIZAÇÃO E VIDA

Neste capítulo, partiremos primeiramente das ideias de Leonardo Boff (2012) o qual defende a posição de que o ser humano só se humaniza quando ele crê, entende ou incorpora que é, emergencialmente, é preciso cuidar, amar e zelar pelo outro ser, por si e pela natureza, ou seja, pelo planeta que é a sua casa, lugar onde ele vive e tem o sustento necessário à vida, faz também, um apelo à não agressividade com todos que o rodeiam, proliferando a amorosidade no mundo. Assim, consideramos que a humanização é um processo que acontece de forma gradativa e que precisa ser trabalhada por todos os envolvidos.

Partimos também de textos de Paulo Freire (1981) e Theodor Adorno (1995) os quais relatam claramente sobre a emancipação do ser. Paulo Freire (1981) com sua linguagem branda, incentiva a conscientização de o ser humano, no sentido de tomar atitudes que ajudem para alcançar emancipação. Já Adorno (1995), relaciona seus textos referentes à emancipação, como uma profunda reflexão do que vem a ser a indústria cultural, caracterizada como desafio para que as pessoas desenvolvam atitudes caracterizadas como emancipatórias, ao considerar que muitas pessoas estão envolvidas pela mídia, de tal forma que se envolvem com o que chega de forma mais evidente e atraente aos olhos ou aos ouvidos e não se empenham para aprimorar a criticidade, que pode contribuir para proporcionar maior qualidade de convivência.

Também como destaque teórico deste capítulo, temos as obras de Milton Santos (2000) que explicam a questão do pertencimento da pessoa humana como ser planetário. Essa referência nos leva à reflexão de como fazê-lo com delicadeza e saber que somos parte deste mundo e do meio em que habitamos, de tal forma que somos o ambiente como um todo e não somos intrusos nem inclusos, pois somos o próprio ambiente. Nesse sentido, importa conhecer as origens e vivências com as quais nos movemos e nos articulamos, como seres de interação e cooperação, conscientes que ambiente se caracteriza como o lugar que ocupamos. Essa posição remete à necessidade de reconhecermos que o que fazemos, implica em decorrentes interações, como os elementos que estão próximos ao local ocupado, de forma que ocorra o reconhecimento e o entendimento de que o pertencimento de cada um está dentro cada pessoa, de forma que cada pessoa representa o mundo e assim somos a própria natureza.

2.1 CUIDADO E AMOROSIDADE NA EMANCIPAÇÃO A FAVOR DA VIDA

O processo de humanização inerente à condição de formação da capacidade colaborativa e interativa consciente dos humanos, se apresenta como processo interativo, por meio do qual ele interage com os locais e respectivos entes planetários que os constitui. Para conseguir realizar esse processo interativo, os seres humanos fazem uso de recursos e instrumentos de comunicação e de percepção os quais podem viabilizar trocas e parcerias que garantem a sobrevivência. Um fator bastante importante é a linguagem, que se apresenta como um recurso de grande valor na humanização, pois entendemos que desde os primórdios da humanidade, as diversas formas de comunicação e relação foram necessárias para o desenvolvimento do processo de humanização amparado na colaboração e na interação.

Ao refletirmos sobre a humanização, podemos destacar que ela se constitui em processo que se desenvolve como etapas permeadas por diversas e complexos eventos, nesse sentido, no contexto mediterrânico e eurocêntrico cabe destacar que Jesus Cristo há mais de dois mil anos, amparou seu processo insurrecional com base comunicativa quando ensinou e deixou como legado a máxima de: amar uns aos outros como ele nos amou. Isto nos remete a uma dimensão de humanização que permeia os discursos que sustentam muitas ações relacionais decorrentes dessa abordagem teológica.

Como reforço dessa posição, destaca-se que Jesus se dirigia aos discípulos e a quem o acompanhava, com ensinamentos que deveriam ser proclamados e espalhados por onde fossem, propagando amor e cuidado ao outro, como está descrito na Bíblia Sagrada, no novo testamento em João, capítulo 13 e versículo 34: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei a vós, que também vós uns a outros vos ameis”. Portanto, temos com essa referência a possibilidade de refletir que essa posição cultural e filosófica, apesar de disponível não consegue se impor como referencial de humanização, apesar de quase estar vigindo há dois milênios, como contraponto à barbárie.

Ainda nesse sentido, vimos que Theodor Adorno (1995) inspira-nos quando aponta a emancipação como “Emancipar é amar o não próximo” (KEIM, 2019. Apres. 4.1, slide 7), e essa abordagem aponta a dificuldade e necessidade de

alcançar a emancipação como processo de qualidade de relações que valorizem a vida como referencial prioritário.

Obedecendo ao postulado cristão e fazendo com que os nossos estudantes tenham o cuidado um com o outro e com a terra, Leonardo Boff destaca em sua obra: Saber Cuidar: Ética do Humano, Compaixão pela Terra quando diz:

Quando falamos em *ethos**, queremos expressar o conjunto de valores, princípios e inspirações que dão origens a atos e atitudes (as várias morais) que conformarão o novo habitat comum e a nova sociedade nascente. É urgente um novo *ethos** de cuidado, de sinergia, de re-ligação, de benevolência, de paz perene para com a Terra, para com a vida, para com a sociedade e para com o destino das pessoas, especialmente das grandes maiorias empobrecidas e condenadas da terra. (1999, pág. 17)

Ainda Leonardo Boff (2012) nos aguça os sentimentos para que devamos respeitar e cuidar das pessoas com maior compreensão, compaixão e amor. A terra como nossa casa comum, deve ser protegida e ter restaurada a integridade dos sistemas ecológicos, incluindo a diversidade de seres e os processos naturais que alicerçam a vida no contexto atual. Ela nos dá indícios de estar sofrendo e sentindo nossas agressões para que mudemos os hábitos de vida, com relação à produção, ao consumo e à reprodução para que sejam respeitadas as capacidades regenerativas da terra, os direitos humanos e o bem-estar de todos.

Temos que praticar novos hábitos, e comportamentos mais apropriados vinculados à ética e à moral, afastando-nos da ignorância, do ódio e da falta de amor, pois a humanização deve estar presente em nossas ações cotidianas.

Devemos apoiar a vida das pessoas, como quem tem direito a um ambiente natural, onde todos tenham a condição de usufruir dos bens naturais que a terra oferece, bem como dos bens sociais produzidos e organizados pelos humanos, pautados no respeito à diversidade de opiniões e de posições sem os agredir quando forem discordantes.

Essas são ações básicas para assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, bem como tratar todos os seres vivos com respeito e consideração. E acima de tudo, promovermos uma cultura da tolerância, não violência e paz, que são fundamentais para que os seres humanos consigam sentir com excelência o cuidar do outro.

Frequentemente falamos sobre a aceitação da diversidade de gênero para que se unifique a paz na convivência entre os seres humanos, mas temos que insistir sobre onde e como aprendemos a importância de viver em plenitude com a

vida que se expressa através de nós e de tudo que está ao nosso redor. Se a barbárie está presente em alguns de nós, questionamos a seguinte situação: será que somos educados para aceitar e valorizar cada ser como único?

Dessa maneira, exigir que alguém seja igual a outra pessoa ou que tenha as mesmas ideias, é simplesmente sufocar a singularidade de cada um. Lidar com a meritocracia é um erro grave, pois ela contribui muito para degradar a autoestima dos que são preteridos.

Essa posição pode ser sentida quando, nos ambientes escolarizados, os estudantes, provavelmente, ao sentirem como são rejeição tanto no ambiente escolar como em seu lar, adquirem uma insatisfação que se manifesta como necessidade de se tornarem diferentes do que são, sem terem a oportunidade de debater as posições que são criticadas nem debater as posições que pretendem assumir. Não aceitando e rejeitando a si, deixam florescer o ódio ao invés do amor. Então ele cessa com as características de humano verdadeiro. Acaba exigindo muito de si, a ponto de demonstrar uma visão distorcida da realidade, sem ao menos perceber. A amorosidade não se frutifica nessa condição de não aceitação. Portanto, podemos dizer que este ser está desumanizado.

Todo ser tem a necessidade de ser amado do jeito que é, pois isso contribui para que ele alcance a plenitude. Amar alguém é um ato sublime.

A humanização passa pela ação de amar ao próximo como ele mesmo, compreendendo e respeitando cada um. Devemos praticar a amorosidade desde cedo, relacionarmos de forma harmônica. Assim, a autoaceitação com amor pode ser um elemento importante para o entendimento entre os adolescentes para que se relacionem de forma menos conflituosa.

Somando aos argumentos ambientalistas de Leonardo Boff (2012), trazemos Moacir Gadotti (2000) ao destacar que

A formação está ligada ao espaço/tempo no qual se realizam concretamente as relações entre o ser humano e o meio ambiente. Elas se dão, sobretudo no âmbito da sensibilidade, muito mais que no nível da consciência. Elas se dão, portanto, muito mais no plano da subconsciência: não as percebemos e, muitas vezes, não sabemos como elas acontecem. É preciso uma ecoformação para torná-las conscientes. E a ecoformação necessita de uma ecopedagogia. (2000. pág. 83-84)

Moacir Gadotti (2000) evidencia que a ecopedagogia, referenciada com base nos postulados de Paulo Freire que

pretende ir além da escola: ela pretende impregnar toda a sociedade. Colocada neste sentido, a ecopedagogia não é uma pedagogia a mais, ao lado de outras pedagogias. Ela só tem sentido como projeto alternativo global, em que a preocupação não está apenas na preservação da natureza (ecologia natural) ou no impacto das sociedades humanas sobre os ambientes naturais (ecologia social), mas num novo modelo de civilização de desenvolvimento sustentável do ponto de vista ecológico (ecologia integral) que implica uma mudança nas estruturas econômicas, sociais e culturais. Ela está ligada, portanto, a um projeto utópico: mudar as relações humanas, sociais e ambientais que temos hoje. Aqui está o sentido profundo da ecopedagogia, ou de uma pedagogia da Terra, como a chamamos. (2000. pág. 93-94)

Esse propósito tem implícito o desafio de caracterizar formas e concepções com que os humanos podem elaborar melhores interações ambientais. Porém é importante que o processo seja iniciado com convicção e determinação.

Essa posição faz sentido com o tema que motivou essa pesquisa que trata, de como a amorosidade pode ser acoplada ao comportamento das pessoas em suas relações interpessoais. O que demanda, tempo e persistência dos discentes ao se comunicarem e praticarem a amorosidade, por meio de atos que promovem sensibilização, durante a análise dos diálogos, de acordo com o propósito mais geral da pesquisa.

Leonardo Boff aponta como as relações humanas podem ser mais fraternas e solidárias, mesmo que seja num período marcado pelo consumo determinado e estimulado pela ideologia de mercado pautado na competição e na acumulação individual. Conforme Leonardo Boff (2012) essas atitudes remetem ao que

Importa colocar cuidado em tudo. Para isso urge desenvolver a dimensão anima* que está em nós. Isso significa: conceder direito de cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de ter compaixão com todos os seres que sofrem, humanos e não humanos, de obedecer mais à lógica do coração, da cordialidade e da gentileza do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas. (1999, pág. 101)

Entendemos assim, que a importância de as pessoas realizarem ações de cuidado, com persistência e continuidade, se apresenta como uma esperança de que aos poucos a humanidade perceberá a urgência, a relevância e a importância dessa ação que deve ser coletiva, para deixar de apenas um sonho utópico.

Assim, o recado de Leonardo Boff (2012) é de que os seres humanos devem praticar mais a pedagogia do cuidado como explica em seu livro Saber Cuidar (2012). Devemos nos importar mais com o outro e nos preocuparmos com atitudes benéficas, de forma a sermos solidários uns com os outros e não ficarmos apenas em sonhos ou desejos. Ao mesmo tempo, temos que cuidar da terra, pois ela é parte

da vida de todos e com ela todos têm a possibilidade de ampliar a longevidade. Assim, nos tornamos mais humanos, a partir do momento que nos colocamos no lugar do outro em cada atitude ou decisão.

Realmente o que Leonardo Boff (2012) explica é uma troca: se cuidarmos da terra, ela nos manterá bem neste universo. Temos que exercitar a atividade de não fazer com que as coisas sejam tão descartáveis ou vulneráveis, tornar hábitos comuns de reaproveitamento dos produtos e cuidado com a redução na produção do lixo, pois o planeta não aguenta tantos elementos e o mercado se beneficia com o consumo exagerado das pessoas. O cuidado com as pessoas, com o eu interior e com o planeta deve ser constante e não apenas momentâneo; sempre atento ao outro com cuidado frequente e intensivo.

Um exemplo disso é a citação que Leonardo Boff (2012) aborda sobre a terra, que é considerada uma mãe para nós, pois ela nos dá tudo o que é necessário para o nosso sustento e sobrevivência terrena, ao mesmo tempo ela nos acolhe dando a vida.

O livro Saber Cuidar (BOFF, 2012) é bastante interessante pelo fato de fazer com que as pessoas se conscientizem do zelo pelo outro, do planeta e de si. Assim é importante cuidarmos do planeta, senão estaremos em uma decadência mundial, ou seja, o mundo está se degradando cada dia, pois as pessoas não têm o sentimento e a atitude de cuidar um do outro. Nesse sentido nos remetemos ao texto da Carta da Terra (2000) o qual reforça que: “Como nunca antes na história, o destino comum conclama a buscar um novo começo” (p.7), ela aponta que devemos realizar algo juntos, em favor da vida, da natureza e das pessoas, a fim de nos tornarmos seres humanos melhores e mais humanizados.

Leonardo Boff (2012) fala que “a sustentabilidade é de extrema importância e que a Carta da Terra sugere os vários Rs para garantir isso. São eles: reduzir, reusar, reparar e rearborizar”. Portanto, se praticarmos ou tornarmos mais frequentes as ações dos Rs, a humanidade será bem melhor, pois não haverá tanto consumismo e desperdício além da acumulação individual e desnecessária. Então os seres humanos poderão dar valor a outros propósitos que hoje, estão marginalizados, que é de cuidar do outro e de poder olhar para si e para o outro com mais amor e inclusão, em realizando atividades como leituras, brincadeiras e diálogos em família.

Algo que parece ressurgir como processo decorrente da pandemia do COVID-19, aponta que as famílias ampliaram seu tempo de conversas e de certa forma encontram tempo para si e para os outros, realizando tarefas em conjunto e contando histórias ou causos, que infelizmente, foram abolidos em alguns lares. Daí o propósito em incluir essas atividades junto aos nossos discentes.

Paulo Freire (1981) nos convence que a educação escolar pode contribuir para que os tornemos seres humanos melhores e capazes de realizar a emancipação, porém, a educação de convivência familiar e grupal nos faz sentir e ser: seres humanos mais humanizados, ou seja, sensíveis ao outro. Em seu livro: A Importância do Ato de Ler, (2005, p. 21) ele incentiva o estudante a “ampliar a percepção crítica e a interpretação e re-escrita do lido.”

A partir desse pensamento, relacionamos Leonardo Boff (2012) como estimulador dessa ideia, pois se olharmos o outro com amorosidade e cuidado, teremos pessoas em um mundo melhor, excluindo a barbárie do nosso convívio que se manifesta por meio de agressões físicas ou psicológicas. Nesse sentido vale a tolerância como matriz referencial de cuidado, sendo tolerância concebida como respeito aos diferentes oprimido, e concebida como atitude de ser misericordioso com eles, e não ser tolerante, como quem „tolera“, no sentido de aceitar por ser de difícil superação. Esse cuidado deve ser tomado de forma muito significativa por todos os docentes em suas ações junto aos estudantes, sobre a importância de debater os sentidos originários da formação das palavras, usadas no cotidiano das pessoas.

Paulo Freire também nos ensina que a humanização das pessoas ocorre na prática, como processo contínuo, ou seja, quando ele educava os estudantes com idades mais avançadas, ou melhor, quando trabalhava com estudantes na EJA- Educação de Jovens e Adultos, presenciava a alegria deles ao descobrirem o conteúdo didático, entendendo o que estudavam e assim se uniam e se humanizavam. Hoje, entendemos o verdadeiro sentido de educar para humanizar, que indiretamente é o cuidar e conseqüentemente o amor que está presente nas atitudes de docentes, seja na sala de aula ou fora dela.

Vimos essa atitude presente também nos quilombolas que formavam suas identidades na fuga, juntavam-se em grupos, e resgatavam suas culinárias, seus costumes e suas crenças para as gerações futuras, mantendo assim, viva a sua raiz.

Leonardo Boff (2012) nos faz lembrar sempre das passagens bíblicas quando trata da humanização, muitas das vezes até vejo nele, com a permissão de uma licença poética, um Cristo vivo, ao pronunciar ou até mesmo aos ler seus textos com palavras brandas, doces, tranquilas sem agressividade, nos dando a sensação de paz, calma que todos nós necessitamos no dia a dia, e que pretendemos transmitir aos nossos discentes através de textos que os fazem entender o objetivo do ser aqui na terra.

Esse autor também nos remete ao sentimento de tratar a amorosidade e o cuidado tão bem, que quando lemos textos que nos acalentam o coração e a alma, nos remete a refletir que podemos ser sim, seres humanos melhores do que somos hoje, praticando ações e resolvendo atitudes que nos fazem bem ao coração e principalmente ao outro.

Enfim, para um ser humano, ser humanizado, é necessário amar e ser amado e também estar inserido em contexto no qual prevalecem os “Princípios Eco-Vitais, os quais apontam para a essencialidade humana de dignidade da existência.” (KEIM, 2005)

Fazer o bem ao outro nos faz sentir humanizado, Boff (2012) relata muito isso através do cuidado com o outro, cuidar de si e da terra; que é a nossa casa. Refletindo em seus textos, vimos que até a natureza por meio da flora, tem atitudes especificamente direcionadas para a manutenção da vida na medida em que produz substâncias fundamentais para a vida de outros seres vivos.

Esse processo se caracteriza com a capacidade de os seres vivos produzirem substâncias fundamentais para a manutenção e funções de seus corpos, de forma que se caracterizem como alimentos para outros seres, e quando os corpos transformam essas substâncias, liberam gases na atmosfera que serão novamente envolvidos em processos de transformação, como os que caracterizam a fotossíntese. Esse processo, pelo qual as plantas recolhem gás carbônico e água e os transforma em glicose e oxigênio, produz algo que é fundamental à sua própria vida e para a vida dos que se nutrem a partir dela.

É interessante observar que podemos passar vários dias sem comer ou beber, mas não podemos passar minutos sem a respiração. Além disso, outro fator bastante interessante, se mostra com o fato de os vegetais promoverem de forma inconsciente o equilíbrio ambiental, que se manifesta com o fato de que eles possibilitam a refrigeração do solo no qual está fixado, e essa percepção leva-nos a

constatar, que sem eles, as condições ambientais seriam muito diferentes, talvez inadequadas à vida humana.

Entendemos também que os componentes ambientais vivam em harmonia, de forma que existe uma equivalência entre a diversidade de cada espécie com suas qualidades e especificidades. Assim se tem num mesmo ambiente, flores de diversas cores, tamanhos e espessuras, todas vivendo com interações sem distinções umas das outras cada uma com sua beleza peculiar, não importando qual a espécie e as características peculiares. Assim, cabe a pergunta de por que o ser humano não ter conseguido desenvolver um sistema de vida, amparado no exemplo dos vegetais e demais componentes ambientais, para encontrar e desenvolver formas de vida harmônica, com valores e posicionamentos, que promovessem mais encontros e gerassem mais união.

Fazendo um breve comparativo das plantas com os seres humanos, vimos que os humanos, vivem um processo de desenvolvimento da vida de forma similar, ou seja, tem um tempo de gestação, tem um processo de desenvolvimento e de nascimento, seguido de diferentes etapas como infância, adolescência, adulto, idoso, senil e culmina com a morte, como todos os demais viventes.

Então fica uma questão bastante instigante que é: se todos os viventes, incluindo os seres humanos, as plantas e os demais viventes; são seres que vivem em um mesmo ambiente, na terra, e se fazemos o uso adequado dela, onde Leonardo Boff (2012) alerta para o grau de responsabilidade que os humanos têm com o equilíbrio ambiental, pois com sua inteligência e capacidade de intervenção com artifícios químicos, físicos e até imateriais como o mercado, conseguem romper essa harmonia. E nesse ponto é que se estabelece o conceito de cuidado, isto é, o humano consciente de sua capacidade devastadora deve ser responsável para não promover ações que degradem a vida.

É nesse ponto que essa pesquisa pretende alcançar os estudantes, para que consigam se conscientizar do potencial de discernimento que todos os humanos possuem para então viabilizar atitudes de respeito mútuo e cuidado interpessoal, para viabilizar atitudes que se caracterizem como ações de amor ao outro como a si mesmo. Com essa fundamentação se pretende alcançar esse propósito por meio da comunicação e da linguagem, como meio que possibilita aos estudantes compreenderem e assumirem a responsabilidade pela coletividade.

Ainda insistindo nas posições defendidas por Leonardo Boff, questionamo-nos o porquê das pessoas não adotarem posturas do cuidar um do outro assim como as plantas que cobrem, dão sombras e protegem, auxiliando às menores ou mais frágeis, a viverem juntas em amorosidade e harmonia umas com as outras, considerando a licença poética que envolve essa afirmação.

Por isso, reforçamos neste trabalho, a importância da linguagem e análise de comunicação junto aos discentes do ensino médio, para exercitarem o cuidado consigo e com o outro, como responsabilidade de organizar convivência fraterna e amiga, ampliando a intenção de adquirir mais respeito, carinho e amor ao próximo.

Com apoio nas leituras dos textos de Leonardo Boff (2012), incorporamos a percepção de a educação ser uma ferramenta importante para alcançarmos atitudes de cuidado com o outro, pois se eles se conscientizarem disso, com certeza progrediremos muito quanto à emancipação desses discentes, como seres mais responsáveis com o todo que interage e se organiza.

Nessa direção as leituras do autor referem-se à obra de Muniz Sodré: Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes; registra que

A educação reinventada nos deve ajudar na descolonização e na superação do pensamento único, aprendendo com as diversidades culturais e tirando proveito das redes sociais. Deste esforço poderão nascer entre nós os primeiros brotos de outro paradigma de civilização que terá como centralidade a vida, a Humanidade e a Terra que alguns também chamam de civilização biocentrada. (2013. Pág. 128)

Então, a educação é como uma porta para a leitura do mundo no sentido de despertar e aguçar o espírito crítico e criativo e assim reforçamos as palavras de Muniz Sodré quando diz que “a educação pode ser algo radicalmente humano no horizonte, por quê? Porque ela é o lugar habitual da linguagem de continuidade e de expansão do grupo humano, que associamos à ética e à cultura.” (2012, p. 12)

Sabemos que o modo com que ocorre o ensino há algumas décadas, era diferente dos dias atuais. A educação era realizada por professores que se colocavam de forma magistral e havia os internatos nos quais os jovens ficavam longe de seus familiares durante meses, enquanto aprendiam uma profissão, e muitos desses internatos eram seminários menores da igreja católica de onde muitos desses jovens saíam aos dezoito anos e ingressavam na carreira de docentes de disciplinas ligadas a ciências humanas. Esse afastamento era refletido diretamente na relação de afeto entre eles. Quando voltavam para casa, havia uma

lacuna entre os membros e essa carência de certa forma acompanhava sua ação docente.

Por conta da modernidade e dos avanços tecnológicos, podemos dizer que existe atualmente uma forma de distanciamento que ronda o âmbito familiar, por conta das obrigações profissionais e sociais próprias da época atual, de forma que o relacionamento entre os membros da família e também na escola deixou de ser algo acolhedor e passou a ter foco apenas em resultados, notas e desempenhos, deixando de lado, o tratamento do lado humano e fraterno entre cada ser.

Assim, essa pesquisa visa também os professores que tenham potencial interferir na vida de seus estudantes ao buscar uma efetiva humanização da sala de aula. Por isso, nessa pesquisa, vimos que é preciso debater em que consiste a humanização e a emancipação para descobrir como humanizar as relações entre os discentes.

Se um jovem estudante do ensino médio tem a liberdade de sentar-se junto ao seu professor ou amigos de classe, tendo oportunidade de dialogar, tirar suas dúvidas, pedir contribuições; a sua humanidade está sendo vista nesse momento. Em seguida, esse estudante será respeitado e despertará o sentimento de pertencimento, dando capacidade de se expressar em público, sem medo de ser rejeitado.

Assim, entende-se que a dinâmica de humanização na ação escolar implica em tratar o outro como semelhante, ao invés de concorrente, sendo fundamental dar um passo na direção do humano que existe no âmago de cada pessoa.

Ao desenvolvermos a autoaceitação do humano que constitui cada um, consequentemente se tem o sentimento de respeito com o outro.

2.2 EMANCIPAÇÃO A FAVOR DA VIDA REFERENCIADA EM THEODOR W. ADORNO, PAULO FREIRE E ERNESTO JACOB KEIM

Iniciamos este subcapítulo, destacando Karl Marx, citado por Theodor Adorno (1995) ao discorrer sobre o significado sociológico e filosófico da expressão emancipação política, a qual se relaciona com a expressão emancipação humana como algo que sempre se agrega e promove soma. A visão de Marx sobre a emancipação política foi resumida por Adorno (1995) como tendo relação com a igualdade das pessoas em relação ao estado, no qual fica estabelecida a igualdade

perante a lei, independentemente de religião, de propriedade ou de outras características privadas dos indivíduos.

Hoje, a emancipação política é uma expressão pouco utilizada. Então emancipação significa o ato de libertar um indivíduo ou um grupo social, ou o equiparar ao padrão legal de pessoas em uma sociedade regida por forças e poderes que se constituem como determinação política.

Essa posição mostra aspectos que regem a sociedade e possibilita que ela, esteja emancipada politicamente, mas as pessoas que atuam nesse sistema, e desenvolvem ações contrárias, mediadas muitas das vezes por referenciais como de amorosidade e humanização, sofrem represálias em função de buscarem emancipação humana que confronta os referenciais autoritários de emancipação política. Assim, sofrem processo de esvaziamento de importância e até desprezo porque essas posições, próprias da emancipação a favor da vida ameaçam o poder hegemônico vigente.

Os recursos midiáticos têm proprietários, por isso são tendenciosos, de acordo com os padrões e interesses de seus proprietários de forma que a mídia faz com que os seres humanos vejam os fatos negativos que ocorrem no cotidiano como sendo normais, não enxergando que são prejudiciais à natureza, esquecendo que estamos inclusos nesse meio. Indiretamente, o meio de comunicação, insita o ódio, a ignorância, a falta de amor ao próximo, incentivando as pessoas a terem opiniões mais rudes e desumanas.

Parece absurdo, mas no contexto social vigente as pessoas com discursos que tratam temas que desafiam a ideologia dos mandatários, ou seja, as pessoas que se preocupam e trabalham a questão do outro como ser humano, são marginalizadas. Essa posição remete ao ponto em que na vida, tudo tem um valor ou um custo, e quando ocorre esse processo de perseguição, essas pessoas sofrem/sofreram ou pagam/pagaram um preço alto por manifestarem suas ideias ou pensamentos.

Esses seres perseguidos passam/passaram por prisão, tortura e exílio, mas sua força está/estava em não se curvarem à tirania e à barbárie conforme defende Ernesto Jacob Keim (2020a). Essas pessoas podem ser tidas como seres emancipados, pois conseguiram superar as perseguições e maus tratos e trabalham/trabalharam no sentido de superar o poder que os atingiu.

Para Ernesto Jacob Keim (2020, apres. 2.4) „emancipar é alcançar maioridade luminosa“, e com essa premissa a presente pesquisa tem o propósito de debater como a comunicação entre jovens estudantes superam a tradicional forma agressiva que lhes é comum, e nesse sentido buscamos formas para identificar como as obras escritas por diferentes autores, apontam aspectos que nos auxiliam a enxergar o mundo como uma sociedade que impõe as formas, que ele quer que seja adotada.

Essa posição autoritária estimulada pela mídia pode ser enfrentada na escola e na família na medida em que são debatidas posições filosóficas e políticas que anunciam um mundo melhor com pessoas de opiniões e ideias voltadas para o bem comum favorável a todos, pois emancipar implica em pensar no coletivo sem abandonar a preocupação com si mesmo.

E é nessa intenção que pretendemos chegar ao foco desse trabalho que tem o propósito de estimular os estudantes a alcançar uma dimensão de emancipação por meio de análise de argumentos que façam refletir como devemos nos comportar nesse universo. Assim, para amenizar a barbárie e tirania vigente podemos canalizar energias e posições positivas referentes aos assuntos que ocorram na direção das pessoas, a fim de refletir o que vem a ser o episódio acontecido para que não surjam visões negativas que causem um mal estar ao coletivo.

Ninguém dá ao outro, o que não tem ou o que nunca teve, porém é possível praticar algumas ações que nos deixam mais humanizados e consequentemente nos tornarmos seres emancipados. Ernesto Jacob Keim (2019), em uma de suas aulas na UFPR- Universidade Federal do Paraná - na disciplina de Ética e Meio Ambiente citou o filme: “Minha Amada Imortal” no qual relatada parte da história do compositor clássico Ludwik van Beethoven, o qual mostra como esse ser lutou para superar o processo de desumanização que lhe foi imposto pela agressividade do pai, e na vida construiu de forma solitária uma resposta contra essa desumanização, produzindo obras musicais que desafiam o tempo e as mudanças culturais. Essa argumentação aponta que ser emancipado implica em ser perseverante, e pronto para encarar as dificuldades da vida.

Ernesto Jacob Keim (2019) cita também em uma de suas aulas de mestrado na UFPR- Universidade Federal do Paraná - na disciplina de Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais, o filme: “O Jardineiro Fiel” no qual identificamos uma forma cruel de eliminar a humanidade das pessoas, com a promessa de que eles estavam oportunizando condições melhores de vida, quando de fato, faziam o contrário de

tudo isso, pois matavam para defender interesses mercadológicos, não se importando com a vida das pessoas que perseguiram.

Esse processo se referencia em Paulo Freire (1981), conforme Ernesto Jacob Keim (2020. Apres. 2.6) ao mostrar que, o opressor é quem rouba e vilipendia a humanidade do outro e oprimido é quem tem a humanidade roubada e vilipendiada; mas nessa concepção se tem a contradição e o paradoxo de que o opressor também é oprimido, pois para oprimir a pessoa tem que estar sem humanidade. Dessa forma segundo Ernesto Jacob Keim (2019), rompemos um ciclo opressivo quando conseguimos recuperar a humanidade perdida do opressor.

Na obra do filme „O Jardineiro Fiel“ temos a população que foi usada para o experimento de um medicamento, sem conhecimento de que eram cobaias, por isso oprimidas por uma indústria farmacêutica. Esse exemplo aponta como os interesses financeiros das empresas se caracterizam muitas vezes em formar opressores e segundo Adorno (1995) em formas de barbárie, ou seja, chega a ser cruel ou selvagem, pois atentam contra a vida das pessoas envolvidas.

É importante termos em mente que nenhuma vida é inferior para ser usada como material descartável em qualquer tipo de pesquisa, mesmo que o resultado traga benefício a outros seres. A vida deve ser preservada, pois é essencial uma reflexão em torno do que ocorre quando a ganância e o individualismo humano se caracterizam com referencial maior.

Podemos ver essa mesma situação ocorrendo nesse período, quando se trata do novo vírus que está no mundo, o COVID-19, onde presenciamos pessoas apavoradas querendo ou precisando retornar às suas atividades profissionais, parecendo não se importar com a gravidade do que pode acontecer na vida das demais pessoas. Além disso, vemos autoridades que lhes desconsideram a condição do estado ser o provedor que atenda às necessidades essenciais de suas comunidades, até que a vida retorne à normalidade.

Assim é ponto referencial identificar quando a ganância, o poder e o dinheiro se tornam maiores do que o propósito principal da produção de conhecimentos ou da própria vida, por isso, cabe reforçar a capacidade crítica das pessoas para ampliar os diálogos de forma a alimentar um movimento social de aprofundamento dos debates do que desqualifica a vida, enaltecendo aspectos que promovam emancipação e dignidade no viver.

É preciso entender o que vem a ser a emancipação a fim de realizarmos ações que culminem no que se caracteriza como a humanização nas pessoas, ou melhor, as pessoas têm que buscar caminhos que as auxiliem nesse processo de consciência e para tal, a comunicação pode se apresentar como um caminho possível.

Assim, trazemos de Paulo Freire (1981), em seu livro: *Pedagogia do Oprimido* ao dizer que:

Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão. Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como outro. Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas se amam. Os que inauguram o terror não são os débeis, que a ele são submetidos, mas os violentos que, com seu poder, criam a situação concreta em que se geram os “demitidos da vida”, os esfarrapados do mundo. Quem inaugura a tirania não são os tiranizados, mas os tiranos. Quem inaugura o ódio não são os odiados, mas os que primeiro odiaram. Quem inaugura a negação dos homens não são os que tiveram a sua humanidade negada, mas as que a negaram, negando também a sua. Quem inaugura a força não são os que se tornaram fracos sob a robustez dos fortes, mas os fortes que os debilitaram. (1981. pág. 23-24)

Agregando esta referência aos estudos de Ernesto Jacob Keim (2019) na medida em que relata que a emancipação implica no ser ter consciência de suas prisões. A liberdade se apresenta então, como a consciência de suas amarras e a libertação se caracteriza como o alcance aos meios para encontrar um estado de plenitude ou condição de sublime, próprios da vida.

Com essa posição, apontamos ser desejo de muitos educadores, promover a emancipação de seus estudantes, mas Paulo Freire nos mostra que isso somente é possível quando os estudantes desejarem se emancipar. Assim a ação dos professores deve ser a de estimular esse desejo junto aos estudantes, assumindo a responsabilidade e o compromisso de estimulá-los a reconhecer sua própria identidade como seres humanos, pois assim se reconhecem como seres que podem ser mais humanizados e consequentemente ter melhores encontros nas relações sociais.

Conforme o estudo de Ernesto Jacob Keim (2019), o processo de interação dos docentes com os estudantes para promover a estimulação, no sentido deles buscarem a emancipação, se sustenta no desenvolvimento de propostas educativas alinhadas com a “Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti, com base na tríade: intensificação, sensibilização e capacidade do pesquisador/professor incorporar os

ritmos do que é pesquisado/estudado” (Apres. 4.1, slide 22), como um meio que possibilite a emancipação do que o oprime. Nesse sentido, percebemos o quanto essas três atitudes motivam o desenvolvimento desse trabalho de pesquisa que reflexo sobre o trabalho profissional docente.

Assim, na escola onde leciono literatura e língua portuguesa, fui sensibilizada com a situação, de ver como tantos estudantes dirigem-se aos colegas de classe, de maneira grosseira e hostilizada. Entristecia-me muito com isso, e interrompia momentaneamente a atividade de aula para apaziguar a situação, pois sabia que, ao sair da sala de aula, logo esqueceriam. Com essa percepção entendi que devia realizar um trabalho mais profundo neste assunto.

Em seguida, intensifiquei o conteúdo como um trabalho contínuo e incessante trazendo a análise de textos que os fizesse refletir sobre as atitudes agressivas e indelicadas. Com esse procedimento percebi que estabeleci sintonia com o ritmo que dá suporte e sentido, para sensibilizar e possibilitar aos estudantes, o acesso ao seu Ego Sum, ou seja, que eles conseguissem encontrar por meio dessa estimulação o seu interior mais profundo.

Essa atitude de estimular a essência dos estudantes se condiz com o que é proposto pela postura própria da Fenomenologia Schiller-Ghoethiana, na medida em que temos a intensão de desencadear em cada estudante o início de formação de algo como uma metamorfose, ou seja, não conseguimos nos ver como um ser isolado no planeta e sim, que fazemos parte dele como um todo, que é representado pela polaridade entre unidade e multiplicidade. Essa posição mostra que a metamorfose não significa o esquecimento do que ocorreu com as pessoas, mas se mostre como a incorporação do acontecido na nova dimensão vital que a pessoa incorpora em sua forma de relação com o local onde vive (seu meio ambiente).

Outro aspecto importante nesse processo de interação com as atitudes dos estudantes está em saber distinguir que vivemos em um mundo formado de pequenos grupos entrelaçados que tendem a formar uma espécie de teia, como um emaranhado de espirais. E por último vemos a questão da ausência e presença, ou seja, embora os estudantes sejam seres humanos, são seres que existem e fazem parte do todo, portanto, todas as pessoas constituem a natureza e assim pertencem ao universo. Se nossos discentes tiverem a consciência de que eles fazem parte do universo, teremos seres humanos melhorados e conseqüentemente emancipados.

Com este pensamento e atitudes acreditamos que somos constituídos por uma variedade de estados de consciências abordadas por Ernesto Jacob Keim quando refere formas que motivam as atitudes caracterizadas por consciências apontando-as como:

- ✓ Asséptica, com a qual prevalecem as ações do bem e do bom; Tudo é claro e limpo.
- ✓ Romântica, com a qual, apesar do que a pessoa pode ter presenciado, acredita que tudo voltará ao normal;
- ✓ Alienada, que se mostra por exemplo com a posição: não creio que isto esteja acontecendo;
- ✓ Ingênua, que se apresenta com atitudes como: existem pessoas que sempre se prendem ao que é ruim;
- ✓ Mítica, com a qual sustentam que existem forças imateriais que farão tudo voltar ao normal.
- ✓ Crítica, manifesta ao compreender o cotidiano com base em argumentos defensáveis. (Apres. 4.1, slide 25)

Acreditamos que essas formas de consciência implicam em diferentes estados de percepção das pessoas frente ao que lhes ocorre a cada dia, então para promover emancipação, é importante dosar essas dimensões no sentido de estimular cada um a perceber como enfrenta seus desafios diários. Essa percepção de cada um, frente a um mesmo desafio, depende da forma de consciência com que o percebe, assim uma pessoa identifica um mesmo fato como algo romântico, outro como algo sem sentido, ou seja, alienado, outro o percebe de forma que o estimula a buscar uma reação, caracterizando como consciência crítica.

Assim temos que, um mesmo fato pode desencadear diferentes consciências e o professor consciente desse fato, buscará formas para que cada um descubra como vai organizar argumentos que altere e modifique essa situação, o que se caracteriza como a ação de adotar e assumir a busca pela consciência crítica.

A atitude do professor em buscar formas de contribuir para que seus estudantes percebam criticamente o que está à sua volta, remete a Theodor Adorno (1995) quando trabalha o tema da emancipação a favor da vida pela educação. Nesse sentido temos aspectos de sua vida ao aprofundarmos nas leituras e vida do autor. Vimos que sempre que saía do seu trabalho e chegava em sua casa, a mídia que na época era predominante pelo rádio e início da expansão da televisão, não o deixava em paz, assim como a sua família, bombardeando-os com programas de baixo nível, intercalados com anúncios, com tons que justificam a produção e o consumo.

Demonstrava aqui a existência de uma forte influência da indústria cultural, pois ela atinge seus consumidores com doses bastante generosas de lugares comuns e banalidades, cujo objetivo, é a reprodução do modelo posto pelo gigantesco mecanismo econômico que pressiona sem parar a sociedade como um todo. Adorno descreve claramente quando diz que há uma “pressão inimaginável exercida sobre as pessoas, seja simplesmente pela própria organização do mundo, seja num sentido mais amplo, pelo controle planificado até mesmo de toda a realidade interior pela indústria cultural.” (1995. p. 181).

Adorno percebeu que não havia espaço neutro, pois não ocorria uma cisão entre a produção e o lazer; tudo era igual, girava em função do grande sistema. Dessa forma, qualquer situação que causasse reflexão, uma hidratação mais profunda; era imediatamente expelida pela indústria cultural impertinente. Então refletimos: Como emancipar as pessoas, em uma sociedade onde os meios de comunicação não dão oportunidades às pessoas conseguirem realizar esse propósito?

Vimos em Paulo Freire que a emancipação se dá quando:

O opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, para ele, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e passam a ser os homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isto no seu trabalho comprado, que significa a sua pessoa vendida. Só na plenitude deste ato de amar, na sua existência, na sua práxis, se constitui a solidariedade verdadeira. (1981. Pág. 20)

Adorno (1985) identificou que a mídia não se voltava apenas para suprir as horas de lazer ou dar informações aos seus ouvintes. Mas ela os transformou em espectadores, que fazem parte da dinâmica social e a esse conjunto de meios e argumentos que ocupavam a mente das pessoas, agiam com se fossem produtos que eram consumidos como os de uma indústria cultural.

A ideia sobre esse tema que Adorno (1985) desenvolveu, apesar de não ser atual, mas de uma significância bastante relevante, diz respeito ao que acontece com as pessoas atualmente, ou seja, a maioria delas ficam entretidas em canais de TV que pouco emancipam, tornando-as mais submissas, alienadas e passivas, nas suas horas de lazer.

A partir dessa posição, Paulo Freire (1981) nos mostra que emancipar, pois essa ação implica mudança radical no cenário da vida ao ponto de a libertação se

comparar a um parto. “É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela, superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos.” (1981. pág. 19)

Aprofundando um pouco mais o termo indústria cultural, vimos que ele foi criado pelos filósofos e sociólogos alemães: Theodor Adorno e Max Horkheimer. Segundo Adorno (1985), a indústria cultural se caracteriza como um processo que afasta a arte da cultura e a transforma num processo de produção lucrativa. Por isso deve ser algo que atenda aos interesses da maioria das pessoas. Esse processo é diferente dos movimentos artísticos, pois ao invés de desafiar o público, se submete ao que o público busca e paga com prazer.

Assim, no sentido de considerar a relação de o público lidar com a comunicação como mercadoria mostra que a indústria cultural transforma a cultura em algo temporal e imediato, tornando-se um negócio que se caracteriza como um sistema de exploração em inúmeras conformações. Podemos citar como exemplo o cinema; que se caracteriza como arte e entretenimento, mas a perspectiva de entretenimento é a que prevalece, e dessa forma, alimenta a alienação da população, a qual deixa de ser encorajada para reagir e promover mudanças.

Ela se caracteriza como uma produção de bens culturais, mas nunca deixa de lado o contexto cultural no qual esses bens são produzidos. É preciso entender que esse conceito foi gerado no início do século XX e tem muita sintonia com o desenvolvimento técnico ou tecnológico da sociedade capitalista dessa nossa época. Adorno (1985) e Horkheimer (1985) atuavam na Escola de Frankfurt, onde se debatidos aspectos de filosofia que dessem conta de como a teoria crítica poderia ser constituída como agente de compreensão de mudanças, e a alienação e a falta pelas quais a sociedade europeia poderia encontrar caminhos que superassem as guerras e a mentalidade colonialista.

A filosofia, na escola de Frankfurt entre outros autores, contava com filósofos como Walter Benjamin, que tinha seus esforços apoiados na forma como a teoria crítica, havia se desenvolvido no contexto da virada do século XIX para o século XX e na passagem da primeira grande guerra, sem que tivesse ampliado a superação da alienação e da falta de postura em favor da vida, pois permitiu a eclosão da guerra e assistia passivamente a eclosão de sistemas de exploração das pessoas, por meio de sistemas de acumulação individual de riquezas.

O avanço tecnológico, principalmente o processo de racionalização, característica da modernidade iluminista, chegou a atingir o auge no século XX com muitas e importantes consequências. Uma delas foi assumida por Adorno (1985) e Horkheimer (1985) com a preocupação de debater o sentido da cultura para superar a alienação e a falta de criticidade sobre as questões que atingiam a sociedade cada vez mais excludente e individualista.

Esse processo culminou na construção do conceito já destacado da indústria cultural como sendo o foco a ser atingido no processo que os envolvia. Esse conceito designa que a produção degenerada dos bens culturais, produz cultura como bens que se caracterizam como mercadorias de consumo, deixando de lado a perspectiva simbólica e transformadora do que caracteriza a cultura, como manifestação de reação à opressão. Assim, podemos associar esses dois termos, à função da indústria no capitalismo como agente de produção de mercadoria para obtenção da mais-valia; a produção da riqueza pelo acúmulo e expropriação de riqueza.

Definimos então a indústria cultural como a produção com base em substrato intelectual dos sistemas de mercados consumidores voltadas à cultura. O primeiro grande foco da atuação investigativa desses autores foi o cinema, que crescia a olhos vistos em todos os sentidos, isto é, nas técnicas, nas narrativas, e nas formas como produziam ideologias alienantes, que se aparentavam como grandes obras, gerando uma estética que se impunha sem que existisse contraponto que a questionasse.

Na verdade, a indústria cultural tem a intenção de distrair as pessoas, mudando o foco do que é essencial para as nossas vidas e interesse em comum. Com esse exercício, ou seja, se ficarmos atentos ao que a mídia nos proporciona, vinculada somente a lazer e entretenimento, acabamos nos esquecendo dos nossos reais interesses. As pessoas deixam de se preocupar no que realmente está acontecendo em seu meio, sendo prejudicadas sem ao menos questionar.

Os filmes que produziram um cenário inovador no qual apontava para uma noção de qualidade estética, onde na verdade, o objetivo final era o lucro e a condução do modo de ser e pensar do público, que deveria ser conduzido para onde os ideólogos do poder capitalista compreendiam ser a forma mais adequada para alcançar seus propósitos.

A capacidade de visualização de Adorno (1985) e Hockheimer (1985) estavam corretas ao ponto de ficar com comprovada com a expansão até a atualidade desse processo que subordinou a cultura ao mercado e à alienação das pessoas, segundo Ernesto Jacob Keim (2020 a). Então, uma das consequências mais drásticas da indústria cultural é justamente a de transformar todos os agentes e manifestações culturais, literalmente em mercadoria como: a música, a religião, até os aspectos de entretenimento como o futebol que também é uma grande área de indústria cultural.

A indústria cultural tem quatro importantes características. A primeira é a razão instrumental, por meio da qual esse conceito é cunhado para Adorno como a dialética do esclarecimento. Com ela pode-se entender que a racionalidade, o avanço técnico e o tecnológico científico são desenvolvidos como um instrumento produtivo para obtenção técnico e racional do lucro. Eles não são produzidos com vistas ao bem-estar social, na verdade, a tecnologia é produzida por um cenário bastante pragmático e utilitarista, que fica claro com o foco voltado para a acumulação e a produção de bens mercadológicos.

A segunda característica é a padronização, por exemplo, dos bens culturais. Isto acontece quando a indústria cultural tende a criar supostas ou falsas identidades locais em bens culturais. Para melhor entendermos, vemos como uma produção de diversidade cultural, que se apresenta e se impõe como um reflexo na forma de cultura vigente desde sempre. Quando vemos um cenário maior, por exemplo, o Brasil, muitos entendem como um país, cuja produção cultural se manifesta e se representa pelo samba e pelo funk, dando a impressão de que todos brasileiros, em sua maioria, consideram esses gêneros como suas manifestações de cultura musical.

A terceira característica se apresenta como um processo de massificação de cultura, onde as culturas populares, as voltadas para os processos gerados e criadas pelo povo, com intenções locais de produção, nas quais são cerceadas quando apontam com potencial de ultrapassar suas fronteiras locais e assim, passam a ser vistas como ação cultural na medida em que agregam alguma possibilidade de lucro. Então são desenvolvidos esquemas que ampliam sua abrangência e assim, os locais perdem o controle e deixam de estabelecer como são e como devem ser e logo tendem a se manifestar de forma massificada perdendo sua originalidade.

O foco é a expansão para um núcleo de consumo que alcance todas as classes sociais, invisibilizando as vivas e cruéis diferenças de classes. Temos como exemplo, o sertanejo universitário, que é um fenômeno recente nos anos 2000 e não atinge apenas a classe média, ela atinge outras classes, desde as classes pobres às mais ricas. Uma dessas características é o grau e o nível de produção que para atingir o maior número de agentes de consumo adota algumas características fundamentais como uma letra fácil de ser ouvida, em um ritmo envolvente, com onomatopeias repetitivas no refrão das músicas, ou seja imitam os sons existentes na natureza.

No cinema, os filmes terminam praticamente, com a mesma estrutura de produção, adotam um final feliz e com a produção dos heróis, aquela velha luta entre o bem e o mal; características muito comuns do cinema de Hollywood.

Já, a última característica é a diferença de classes. Elas são invisibilizadas dentro dessa dinâmica tão massificada que tende a mercantilizar todas as produções culturais. Não é em vão, que para sobreviver como profissional da música, ou de alguma outra modalidade da arte, esta sobrevivência, muitas vezes, está vinculada às agências produtoras. Estas ampliam as formas de lucrar, gerando grandes sistemas de produção, distribuição e comercialização agregando diferentes itens ao produto em si, que vão desde a produção de camisetas, fotos, tatuagens ou algo desse nível.

Atualmente com os novos recursos midiáticos tanto de equipamentos quanto de divulgação, os quais qualificam uma produção para atingir altos índices do ibope na TV e principalmente na internet, tendo sua forma atual de produção amparada na busca por um público, apelando para alcançar o lado emotivo e emocional das pessoas como, por exemplo, a exacerbação do ridículo como regra e não mais como algo digno e sublime.

Nessa dimensão uma produção intelectualizada de nível cultural mais requintado, ou seja, mais aprimorado ou refinado, fica marginalizada e não consegue alcançar um público significativo profundo e profundo e nesse sentido, ao se observar que os programas que utilizam de entrevistas, quando levam alguém de nível mais elevado não alcança sucesso de audiência, prevalecendo a baixa qualidade estética, que fortalece o baixo nível sociocultural.

Então, é justamente nesse processo que a dimensão cultural atinge níveis críticos, com a perda de profundidade e significado vivencial, pois a grande questão

da indústria cultural é a pulverização do conhecimento em torno de muita informação e pouco desenvolvimento crítico a seu respeito. Nesse sentido as músicas envelhecem e são esquecidas em pouco tempo.

Assim, temos a reflexão de que a indústria cultural se apresenta como um grande ramo de produção no mercado de bens manifestos como culturais. Por isso a missão difícil de emancipar nossos discentes, pois esse desafio se configura em lutar contra a mídia que, aparentemente, detém o poder amparado por toda essa indústria cultural relatada, mas nesse processo devemos considerar que mesmo a passos lentos, cada ser que emancipamos se caracteriza como uma vitória a ser comemorada.

Essa posição referenda o discurso de Adorno quando diz que “o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita e contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização.” (1995. pág. 127), com a qual nos desafiamos a desencadear esforços para estimular a emancipação dos discentes.

Assim como Adorno (1985), Milton Santos (2000) tem um posicionamento semelhante no que diz respeito ao consumo desenfreado das pessoas, na medida em que elas tendem a realizar uma cópia dos objetos, numa velocidade incrível e negativa ocasionando sérios riscos ambientais ao planeta. Atrelado a Leonardo Boff (2012) que também tem seu conceito sobre o cuidar, ele relata que temos de aproveitar os produtos para que o planeta não sofra e conseqüentemente nós, seres humanos, não sofram com isso.

Adorno (1985) reforça que na luta contra a agressividade exagerada existe um momento de fúria do ser humano que poderia designá-la como barbárie, a qual se configura como uma característica da humanidade. Assim, enquanto não houver a emancipação das pessoas, ninguém está livre de ser bárbaro, e tudo se orientará através de passos contra o princípio de desumanidade, pois conforme Paulo Freire (1981) “se a humanização dos oprimidos é subversão, sua liberdade também o é. Daí a necessidade de seu constante controle. E, quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em “coisa”, em algo que é como se fosse inanimado.” (p. 26).

A maneira de identificarmos a barbárie na atualidade é bastante clara nos pronunciamentos de determinados setores dos governos, referentes à forma de como estão lidando com a pandemia da COVID-19. Por exemplo, quando o discurso

em favor da economia e do mercado é mais contundente que o discurso e os atos a favor da emancipação e preservação da vida. Ernesto Jacob Keim (2020) aponta que nesse contexto o debate referente às classes sociais e às relações de poder como política, aparentemente aponta ser um debate racional e objetivo, mas na realidade é totalmente subjetivo, de forma que o essencial da vida como processo transcendente da materialidade, fica em plano secundário e a aparente objetividade do mercado, passa a ser o elemento mais evidente e por isso mais relevante. (2020, apres. 2.4)

Essa deformidade referente à forma como a sociedade lida com a emancipação a favor da vida, configura um cenário mais favorável à barbárie, a qual se ampara segundo o mesmo autor, na postura de os tiranos da barbárie acirrarem ressentimentos e ódios como legado ao povo alienado, que se contenta com esses ganhos, em substituição ao famigerado, mas tradicional e histórico legado de pão e circo. (KEIM, 2020, apres. 2.4). Essa posição reforça a necessidade de a tolerância como cuidado, ser ampliada no cotidiano que nos une e nos fortalece como pessoas engajadas, no debate referente aos encaminhamentos para a vida com dignidade, manifestar-se em todas as ações sociais e ambientais.

Esse é um ponto que me sensibiliza e me incomoda com relação às atitudes discentes, quando deixam de respeitar e tratar o outro como ser humano que deve ser pautado no cuidado. Na verdade estão prestes a se comportarem como homens pré-históricos, no sentido da agressividade, chegando muitas das vezes à violência verbal ou até mesmo física, daí a importância deste trabalho. Pois encaram as redes sociais como meio de informação fidedigna, não se preocupando com a fonte nem com as consequências.

A situação é grave e parece surreal, na medida em que um estudante tenha bom desempenho nas atividades em sala de aula, ele é ofendido, invejado ou até mesmo agredido no ambiente escolar. Quando um grupo de discentes agride outro componente da sala, ainda que verbalmente, podemos ver como se acirram atitudes que podemos classificar como barbárie.

O ato de se agredirem, como por meio de ombradas, mostra a tendência para o enfrentamento, que pode ser evidenciado como início de um ato de barbárie, por menor que seja, o momento de conformismo se encerra, deixando mágoa no ser que foi ofendido. O objetivo de quem realiza esse ato é de se tornar brilhante e admirado.

A necessidade de se refletir sobre esse ato e essas ações que se repetem no cotidiano das salas de aula refere-se a Theodor Adorno (1985) quando trata de como os humanos lidam com seus potenciais biológicos, ao apontar que “Os homens inclinam-se ao considerar a técnica como sendo algo em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço do homem” (1985, p. 132-133). Essa referência mostra que as pessoas devem dar a devida importância aos seus potenciais para então ter clareza do que pode fazer com seus desejos e potencialidades.

Assim, debater como promover a desbarbarização dos comportamentos dos jovens estudantes, partindo para a busca de forma que possibilitem a consciência e importância da emancipação dessas pessoas, da condição de meros seres que reagem para se caracterizarem como seres que desenvolvem atitudes que dignifiquem e valorizem a vida. Com esses propósitos essa pesquisa busca meios pelos quais por meio da comunicação, da leitura, da compreensão de textos e como contrapartida pela educação, seja possível desenvolver consciência de emancipação a favor da vida contra a barbárie que se manifesta de inúmeras formas nos contextos escolares.

Fazendo uso da comunicação como meio educacional para estimular a emancipação de nossos discentes, humanizando-os para combater a barbárie existente nas salas de aula, essa pesquisa se constitui no avanço desejado com esse trabalho acadêmico.

O tempo nesse processo se caracteriza como um importante elemento constituinte e nesse sentido temos claro que não se trata de algo imediato que acontecerá como mágica junto a esses seres humanos, assim, “a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência.” (ADORNO, 1995, p.183). Porém é muito gratificante quando vemos estudantes se envergonharem de atos como a agressão a um colega com rudeza ou de se comportar de um modo brutal com uma estudante, assim, esperamos que por meio de ações estudantis, envolvendo o diálogo em sala de aula com análises que promovam o entendimento da emancipação dos seres para que busquem ações mais delicadas para as relações interpessoais. Pois, Theodor Adorno (1995) aponta que é fundamental a

“exigência de que os homens tenham que se libertar de sua auto-inculpável menoridade” (p.141).

Amparada nas abordagens em sala de aula do Professor Ernesto Jacob Keim (2019), constatamos a diversidade de argumentos na comunicação estudantil acerca da emancipação em si. O verbete emancipação encontra-se como um conceito guarnecido nos termos de uma ontologia existencial de autoritarismo e de compromisso com ações individualistas, individualizadas e competitivas que sabotam o conceito real de emancipação, entendendo que esse referencial não se resume a ser uma forma de retórica, mas uma maneira implícita que promova mudanças na organização social de forma que a vida seja o foco principal das ações humanas em sociedade.

Nessa busca cabe destacar que a dimensão de autoridade está posta como um momento genérico pelo processo da emancipação, que é visto de um modo volátil e não como algo fixo, mas como algo que está em constante movimento como um espiral desorientado, que se altera frequentemente para formar o ser interior, ou seja, o Ego Sum de cada pessoa. A necessidade do ser humano de se emancipar é próprio dele. Vivemos em uma época de dúvidas e esclarecimentos contínuos, podemos perceber como as crianças menores não aceitam uma resposta superficial, querem algo mais concreto ou plausível ao entendimento; essas crianças não levam as dúvidas.

No contexto das exigências das crianças fica o desafio de os pais conseguirem transmitir segurança a seus filhos, gerando um processo familiar em que todos se ampliam na capacidade de perguntar e de compreender o que se passa no cotidiano da vida.

Isso provavelmente aconteceu por conta da evolução cultural e social, de como as informações e acontecimentos ocorrem em toda a biosfera. Nesse processo cada dia mais, o ser humano soma mais questionamentos por conta de uma grande pressão exercida sobre as pessoas, a qual ocorre de certa forma por simples organização do mundo ou por um sentido mais amplo, pelo controle planejado e até mesmo de toda realidade interior gerada pela indústria cultural que Adorno (1985) descreve tão detalhadamente.

Com essa posição podemos dizer que a emancipação é algo difícil de alcançarmos e contemplar por inteiro no ser humano, isso se justifica diante da precariedade com que os estudantes compreendem a importância da comunicação

amorosa em suas vidas, e se pretende desenvolver meios que se caracterize como um aliado para que as pessoas se humanizem e consigam colaborar para uma melhor organização do universo. Essa proposta de certa forma se ampara em Theodor Adorno ao destacar que:

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar as pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua idéia [de H. Becker – NV], se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar; mas operar conforme seu conceito demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (1995. p.141-142)

Assim o autor aponta que uma democracia é totalmente dependente de pessoas emancipadas. É nesse sentido que, de fato ocorra a emancipação junto aos nossos estudantes, é necessário que pessoas interessadas neste foco, sensibilizem-se para a contradição e para a resistência que a sociedade mantém e pretende que o homem seja não-emancipado. Adorno (1985) nos mostra que por meio da indústria cultural, a emancipação humana não será alcançada. Analisando assim, temos que converter essa cultura que pode estar impregnada como nódoa em nossos estudantes.

Sabemos que o ser humano está em constante metamorfose em si mesmo, pois Paulo Freire define-o como um ser que não está completo, sempre em processo contínuo de humanização, portanto o homem de tempos em tempos se humaniza e também se desumaniza, isso vai de acordo com a situação que lhe é posta. Como podemos constatar em sua obra na Pedagogia do Oprimido quando diz que “esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos” (1981, p. 16).

Este é mais um propósito como desafio capaz de tornar o ser humano mais humanizado e melhor possível, por um maior tempo.

Assim, a educação como processo de libertação, conforme Paulo Freire (1981) é o processo de humanização do ser humano, ou seja, a passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, que seja capaz de tornar os

estudantes protagonistas no processo educativo, bem como de sua própria história. A humanização é o processo de desenvolvimento da essência humana, ou seja, a ação de tornar o ser humano, o mais humano possível, nas relações sociais em relação à comunicação, às crenças, aos valores, às normas e às regras que orientam a vida nas fases de construção gradativa do compartilhamento de conhecimentos e sentimentos, sendo posto nessa pesquisa como possível atributo da comunicação, que tem potencial de interagir em todas as modalidades e em todos os níveis. Assim, a comunicação como potencial de emancipação se caracteriza como um direito de todo ser humano e um fator indispensável para todo o procedimento de humanização.

Nessa dimensão a comunicação como agente de diálogo pacífico que se aproxima da arte e por isso também da estética, referencia-se como elemento chave para a humanização das pessoas, que ocupam o universo contemporâneo.

Dessa forma, esperamos construir uma oportunidade de alcançar a emancipação nos nossos estudantes ao se propor uma reflexão orientada de seus discursos e comunicações interpessoais e nesse sentido, devemos inicialmente superar o desejo de simplesmente realizar uma ação pautada na intuição ou na empatia como princípio básico para analisar os processos sociais, ideológicos, culturais ou históricos do meio.

A emancipação poderá ser debatida com o desenvolvimento de um processo por meio do qual o estudante aprofundará a forma, o tempo e o lugar onde essa proposta poderia incorporar a possibilidade dele agregar uma análise compreensiva do texto, com a utilização de um roteiro que provoque reações que desafie o leitor/estudante a resistir e lutar para encontrar alternativas, que se identifiquem com seu cotidiano para verificar em que medida suas atitudes habituais são próximas da barbárie ou da emancipação.

2.3 PERTENCIMENTO ATRELADO À EMANCIPAÇÃO A FAVOR DA VIDA

Ao abordarmos a dimensão de pertencimento como algo essencial para compreender como se desenvolvem posturas e ações emancipatórias, é fundamental aprofundar estudos nas obras de Milton Santos (2000) e Ernesto Jacob Keim (2019), os quais consideram esse desafio inserido em três perspectivas de

mundos que se configuram em um só, ou seja, o primeiro é o mundo como nos fazem ver que é a globalização como fábula, o segundo é o mundo como nos fazem ver o qual se configura como a globalização que de certa forma referencia a perversidade da partilha desigual e competitiva e o terceiro é o mundo como ele pode ser, ou seja, uma outra globalização mundializada na qual as fronteiras são eliminadas e superadas.

Milton Santos (2000) aponta o primeiro desses mundos, o mundo visto como globalização como fábula, nessa perspectiva, o autor aponta que há uma máquina ideológica que mostra e quer que acreditemos que seja algo muito bom, no qual existe um mundo integrado e sem fronteiras, um mundo perfeito onde tudo é lindo, belo e maravilhoso.

A fábula descarta a existência de desigualdades regionais e evidencia um multiculturalismo mundial, como se o mundo estivesse ao alcance de todos, como se tudo fosse muito fácil da forma como ocorre o incentivo ao consumo. Baseado nisso, Milton Santos (2000) em seu livro: Por uma outra globalização, reforça através de exemplos que contradizem essa realidade e um deles é que:

(...) em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. (2000. pág. 09)

Este exemplo, além de muitos existentes, dá-nos a permissão de questionar e por um fim na ideologia propagada pelos que sustentam a generosidade dos processos de globalização, então não estaríamos, de fato, diante da presença de uma ideologização maciça, tirar a ideia de fantasia onde vivemos.

Esse primeiro mundo é identificado por Ernesto Jacob Keim (2019) como um mundo globalizado que nos levam a crer que seja mediado por uma crença amparada no livro do gênese, por meio do qual havia a perfeição e a total e absoluta harmonia, mas os humanos foram expulsos de lá como num parto, pois eram capazes de questionar e se emocionar, e um mundo pronto e perfeito impede o desenvolvimento da inteligência humana e das emoções. Foram expulsos por se tornarem maiores que a perfeição, passaram a buscar uma nova perfeição (2020).

O segundo mundo é, segundo Milton Santos (2000) o mundo como ele é carregado de maldade e nesse sentido o autor aponta que grande parte da humanidade está a caminho da globalização como perversidade.

Esse fato ocorre pela falta de emprego, o aumento da pobreza e as diferenças de classes sociais ficam mais evidentes, onde o valor recebido fica cada vez menor, fazendo com que os princípios eco-vitais deixam de existir, principalmente o alimento e o abrigo, acarretando também as doenças. Isso acontece quando esses princípios não atingem sequer um quarto da população no mundo, ao custo de disseminar a pobreza de continentes inteiros.

Milton Santos nos mostra que:

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização. (2000, pág. 10)

Essa é a realidade social da fome, da miséria e da pobreza. Cada dia o mercado nos deixa mais individualistas e competitivos, de modo que fica cada vez mais difícil construir laços de solidariedade coletiva. Essa é a globalização como ela realmente é. Portanto, assumimos nessa pesquisa o propósito de humanizar os discentes através de textos literários, para que não sejamos cada vez mais, uma humanidade recheada de perversidades.

Para isso, Milton Santos nos diz que “a educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção”. (2000, pág. 10)

Quanto a esse segundo mundo, Ernesto Jacob Keim (2019) aponta que ao buscarmos a emancipação a favor da vida, estamos procurando algo de maneira que supere a perversidade e nesse sentido cabe destacar que no mundo os humanos se organizam em famílias, que se agregam como comunidades/tribos e constituem comunidades caracterizadas como sociedades. Nessas propostas organizativas prevalecem forças e poderes que caracterizam a política, e essas se apresentam como processo que organiza aglomerados humanos que são regidos por estruturas conhecidas como justiça e direitos, justiça desenvolvidas como processo pessoal mediado pela lealdade e direito constituído pelas regras, leis e regulamentos para gerir o coletivo mediado pela legalidade, e nesse contexto de justiça e direito, a sociedade legítima ora a lealdade, ora a legalidade e esse jogo constitui de certa forma a essência da perversidade.

O terceiro mundo proposto por Milton Santos (2000) caracteriza-se como um mundo como ele pode ser e como proposta de se buscar uma nova globalização,

onde ela seja mais humana, mais democrática, mais consciente e mais participativa. Para isso, Milton Santos diz:

Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos. (2000, pág. 10)

O autor tem este posicionamento porque essas condições foram adquiridas no decorrer da história, no final do século passado onde mostram que essa possibilidade se concretizou e para as pessoas não perderem a esperança, esses progressos técnicos foram disponibilizados com o decorrer do tempo. Portanto, temos essas condições técnicas, o que nos falta são condições sociais para que ela ocorra. Porém, se usarmos de outra forma, já seria o suficiente para produzir alimentos em abundância, atendendo aos princípios eco-vitais (KEIM, 2011). Com a intenção de termos um mundo mais solidário, somos capazes de produzir muitos empregos, pois é possível pensar a realização de um mundo de bem-estar onde os seres humanos sejam mais felizes.

Esse terceiro mundo é apontado por Ernesto Jacob Keim (2019) como um mundo mediado pela dimensão da internacionalização, isto é, um mundo sem fronteiras, portanto, um mundo adequado para que se trate de emancipação e autonomia. Um mundo mediado por posturas que superem a competição e o individualismo e se organize com base nos princípios eco-vitais. Nessa proposta o ser humano só consegue ter o sentimento de pertencimento se ele compreender e aceitar suas raízes, ou seja, entender o meio em que vive e ao qual está agregado por dependência e interferência, pois de acordo com Ernesto Jacob Keim, a vida como processo dinâmico e caótico, deve incorporar os princípios eco-vitais que são: Alimentos com dignidade; Abrigos com dignidade; Ocupação com dignidade; Produção e Partilha com dignidade; Afeto com dignidade; Cuidado com dignidade; Espiritualidade com dignidade; Pertencimento com dignidade. (KEIM 2019, apres. 2.3, slide 26)

Nessa dimensão de mundo em permanente processo de construção, de reconstrução e superação, Milton Santos continua argumentando que a dimensão de pertencimento se caracteriza como condição plena de entendimento e percepção, como fundamento da experiência que caracteriza o humano e por isso,

necessariamente disponível e livre de fronteiras e barreiras. O pertencimento se caracteriza também como postura de responsabilidade planetária, cujas relações primordiais possibilitam a continuidade de vida digna para as futuras gerações, que estende o conceito de território ao entendimento de um abrigo onde diz:

o território visto como verticalidade, como conjuntos de pontos, é apenas um recurso para os atores internos e externos preocupados apenas com as suas próprias finalidades e indiferentes às finalidades dos outros. Mas esses atores que já eram em número reduzido no começo deste período de globalização, se tornam cada dia mais reduzidos. [...] No entanto, a cada dia aumenta o número de atores não-hegemônicos e tal qual o território, não é formado como um conjunto de pontos, mas como manchas; tais quais o território, não é apenas recurso, mas é também abrigo. (2005. pág. 210).

O pertencimento para Ernesto Jacob Keim (2019) é compreendido como dignidade, que se manifesta como reconhecimento de todas as pessoas de se sentirem inseridas e atuantes em dimensões complexas de tempo, espaço e conhecimento. Essas três condições estabelecem a condição inquestionável e inafiançável que caracteriza os humanos como humanos. Esse condicionamento se define pelo fato de se manifestar entre outros aspectos, pela dimensão de territorialidade e pela vivência em sociedade que se manifesta como a Motricidade Humana, conforme Manoel Sergio.

Ernesto Jacob Keim (2019) relata ainda que “a educação escolarizada pode contribuir para o processo de Emancipação, na medida em que os indivíduos, socialmente, conquistem a autonomia, como dinâmica de libertação”. Cabe evidenciar que há uma necessidade de que o ser humano se metamorfoseie como decorrência do sentimento de pertencimento que é mutante e instável. Para entendermos melhor, vamos abordar a ideia homem/natureza/vida que o desumaniza e desnaturaliza o homem.

Milton Santos (1994), na perspectiva do pertencimento, sugere um debate que se baseia nas condições e possibilidades de uma geografia da solidariedade. Por meio do conceito de solidariedade geográfica, Santos destaca a importância da comunidade, embasando o lugar como algo concreto do pensamento geográfico. Assim a comunidade, enquanto espaço de solidariedade pressupõe um território como um tipo de relação interpessoal nos espaços de vida que tem na perspectiva do pertencimento, a possibilidade de inúmeros desdobramentos no contexto da vida social, e que de modo geral, costumam ser apresentados como dimensões da cultura do lugar.

Entendemos ainda que o pertencimento, conforme Ernesto Jacob Keim, (2020) tem relação com a cosmovisão, a qual se caracteriza como um olhar para dentro e em profundidade, e de acordo com a Fenomenologia Schiller-Goethiana o pertencimento implica em assumir a necessidade das metamorfoses que ocorrem em nível bio, psico, sócio e transcendente.

Então, se entendermos o propósito de onde viemos e o que somos; com base na noção de solidariedade posta pelo espaço geográfico; temos na associação, os elementos para compreender a correspondência e a equivalência entre a natureza e a ação humana. Porém, sabemos que somos responsáveis pela vida, mais ainda a partir do consentimento de pertencimento de nosso ser no universo. Por isso, a importância dos nossos estudantes entenderem o local, ou seja, o espaço geográfico ao qual pertencem para obter este sentimento.

A noção de pertencimento inicia-se a partir do processo de consciência das forças que envolvem nossa ação humana e toda ação que fazemos no ambiente. Não podemos pensar somente no individual e sim, no coletivo, como um todo, incluindo a natureza que nos acolhe. Ou melhor, devemos pensar solidariamente a tudo que nos envolve. Milton Santos (2000), como vimos, discorre sobre a existência de três mundos dentro desta “globalização”, caracterizados como percepção, realidade e possibilidade.

Com a apropriação dessa caracterização vimos que o pertencimento envolve o cuidado, o amor, a reciprocidade e a solidariedade, ao meio em que vivemos e entendermos profundamente que a relação homem/natureza/vida não se desvincula, pois fazem nos sentir pertencentes a este universo.

Se vemos hoje, o mundo como está representado com base na globalização ele se manifesta como barbárie. Essa visão leva a crer que quase toda a humanidade está nesse caminho, com a falta de amor ao próximo, onde os seres, com os corações enrijecidos, intolerantes uns com os outros; seguindo ao colapso. A falta dos princípios eco-vitais cada vez mais aparente em todos os lugares, faz com que os seres humanos desconsiderem a noção de pertencimento, e de que somos seres e estamos relaxando com nosso propósito neste mundo. Esses três mundos carregam possibilidades e constatações as mais diversas e apontam diferenças causadas por uma absurda divisão das pessoas em raças e classes, estabelecendo hierarquias e valores que ajustem referências de discriminação e preconceitos. Com esses processos de divisões temos a barbárie impedindo a emancipação de todos

para desfrutar de tudo. Assim é a barbárie, as condições em que um percentual majoritário de pessoas vivem em locais mais pobres, e em condições de exclusão do que é mais elementar à vida.

Nesse sentido Milton Santos aponta para a produção da ignorância, que impede que as pessoas analisem criticamente as informações que recebe e impede que analisem e descubram como superar os mecanismos de exclusão ao qual estão sujeitados. Nesse sentido Milton Santos diz que

As formas, pois têm um papel na realização social {...} Enquanto totalidade, a sociedade é um conjunto de possibilidades. {...} A sociedade seria o ser, e o espaço seria a existência, o ser é metamorfoseado em existência por intermédio dos processos impostos por suas próprias determinações, as quais fazem aparecer cada forma como uma forma-conteúdo, um indivíduo separado capaz de influenciar a mudança social. (1983 p. 43,46)

Assim, temos que contribuir para que os jovens não se envolvam mais nessa crueldade que estamos vivenciando. Pois isso está presente de uma forma ou outra no nosso cotidiano do nosso espaço geográfico. Entendemos que precisamos de um mundo diferente e podemos ajudar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana, onde os seres se importem mais com os outros e consigo.

Milton Santos relata:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo da (sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo do espaço, por conseguinte, é isto um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. (1983 p. 43,46)

O ser humano precisa compreender o lugar onde vive, demonstrando o seu sentimento de pertencimento que é essencial para o processo de emancipação. É importante a participação dos seres no processo de produção referendado ao social como o espaço em que vivem, o qual pode ser marcado pela falta do sentimento de pertencimento das pessoas. Pois como Milton Santos (1983) relata que “O pertencimento é condição inquestionável e inafiançável a todos os humanos”. Devemos resgatar em nossos estudantes esse sentimento de pertencimento de espaço e lugar para contribuirmos com um ambiente fraternal e amoroso.

Quando Milton Santos (1983) fala sobre a necessidade de as pessoas sentirem o pertencimento dentro de si, indiretamente está relacionado a Leonardo

Boff na medida em que defende a importância dos seres incorporarem a natureza dentro de si. Pois assim, se tivermos essa consciência, defenderemos fielmente quem nos acolhe, abriga e quem nos dá todo o sustento necessário para viver com dignidade, fazendo-nos sentir pessoas com a espiritualidade, o sentimento de cuidado e afeto para nos tornarmos seres melhores, capazes de partilhar e produzir em harmonia neste universo, valorizando a mãe Terra, conforme os princípios da ética e do *Buen-Bien Vivir* que Ernesto Jacob Keim descreve em seus slides, quando diz que “*Buen-Bien Vivir*: É ação que contribui para humanizar; É um compromisso inegociável a favor da vida; É ético e universal; É plural e coletivista; É referenciado em princípios Eco-Vitais; e é responsabilidade planetária e cósmica”. (KEIM, 2020, apres. 4.3, slide 34)

3 EMANCIPAÇÃO A FAVOR DA VIDA, PERTENCIMENTO, CUIDADO E A HUMANIZAÇÃO EM CONTEXTO JUVENIL E ESCOLAR

Podemos verificar nas abordagens que os autores nos oferecem, com destaque para Leonardo Boff (2012) que aponta a necessidade pensarmos que somos seres capazes de praticar a amorosidade e o cuidado com o outro e o planeta, e que esses são atributos, que nos possibilitam reforçar e consolidar nossa condição de humanidade, constituída por ser humanos em permanente processo de humanização.

Paulo Freire (1981) e Ernesto Jacob Keim (2021), a emancipação das pessoas, se apresentam em certa medida com a forma como elas valorizam as forças e os poderes que sofrem e exercem, assumindo a responsabilidade decorrente das ações que promovem a partir dessas forças e poderes, as quais regem as relações humanas, e em especial as relacionadas à educação, para alcançar a dignidade e experimentar a reflexão crítica das ações nos outros e dos outros.

Já Adorno (1995), com sua cultura, erudição e visão de educação, soube nos fazer entender o que vem a ser a indústria cultural enraizada nas pessoas e nos faz perceber a dificuldade de as pessoas alcançarem uma condição como seres emancipados a favor da vida com dignidade, num mundo tão tecnológico e artificializado, no qual as dificuldades se agigantam a cada dia. Mas, apesar desse cenário alarmante, é fundamental que se mantenham os investimentos que tenham como foco propiciar a emancipação das pessoas, mesmo que lentamente, como processo de metamorfose, de tal forma, que seja impossível o retorno às condições anteriores, conforme Ernesto Jacob Keim (2020 apres. 3.1).

Na questão de identidade cultural, caber reforçar que ela atua como processo dos poderes vigentes, para conduzir a comunidade humana para onde apontam seus interesses, o que conduz e modula o foco de ação, que rege a sociedade e a vida planetária, para interesses de grupos muito reduzidos desconsiderando os interesses e necessidades da grande maioria e diversidade populacional do planeta.

Vimos que Milton Santos (2000) nos acrescenta em seus textos e análise realizada em suas obras, de que o pertencimento do ser humano tem de ser compreendido por todos que habitam neste mundo, que se apresente como um espaço rodeado de diferenças e problemáticas, as quais serão possíveis, na medida

em que o ser humano se envolver com o universo por inteiro. Sem relacionar o território como divisão e sim, como uma grande unidade de convivência que caracteriza o mundo, dentro das complexas especificidades e particularidades.

Reconhecemos também que todos esses autores trabalham junto aos humanos na perspectiva de processo interativo e cooperativo, como meio para viabilizar a desbarbarização, implantada pelos sistemas colonialistas em seu interior. Com essa abordagem o propósito é de fazer com que as pessoas sejam melhores e se tornem capazes de transformar o mundo de forma a ter pessoas conscientes da sua responsabilidade como seres humanos, cooperativos e interativos que promovam equivalências que se caracterizem como paz e harmonia.

Essa possibilidade de termos uma sociedade diferente da que é permeada por processos competitivos predatórios e separatistas, tem no educador um protagonista a quem cabe, de certa forma, desenvolver em suas ações docentes, postura que amplie a capacidade humanizadora dos estudantes, e nesse sentido é importante que se fortaleça o papel do professor na formação das formas e meios com que os estudantes se comunicam, de tal forma que as escolas contribuam no sentido de oferecer um ambiente que favoreça sintonia entre as pessoas que favoreça o refinamento da relação e da convivência, de forma a ampliar as dimensões postas como referenciais de humanização.

Para isso, os ambientes externos e internos dos espaços escolares devem ser projetados e organizados de forma a que possibilite melhoria nas relações comunicativas dos estudantes. Para isso é importante que existam bancos e ambientes sombreados bem como espaços amplos e ventilados, tão necessários para lidar com questões patógenas como as que nos cercam em contexto de pandemia COVID-19.

Nesse cenário também é relevante considerar os avanços tecnológicos no que concerne à comunicação, como tecnologia presente na forma de ferramenta de aprendizagem neste momento de pandemia, ao promover educação e ensino envolvendo diferentes e diversas linguagens. Apesar desse avanço, é fundamental que a escrita e a oralidade estejam desenvolvidas para que a propagação cultural se caracterize, como processo edificante e não alienante. Nesse sentido os envolvidos são desafiados a mudar suas formas tradicionais de relação com os recursos midiáticos, desde a viabilização de encontros on-line com estudantes e professores,

até as formas como os conhecimentos são desenvolvidos, amparados e compartilhados de forma ampla e sem barreiras ideológicas e culturais.

Ainda como referencia ao tema tratado nesse item, cabe destacar que a abordagem de ciência que foi adotada como referencial nessa pesquisa de mestrado aponta para a relevância das mudanças a que os investigadores são acometidos, de forma que ficam mais intensificados e sensibilizados com os passos que seguem o que já foi investigado. Com essa premissa vemos que a pesquisa atual, em função do que já foi apontado, não consegue assumir respostas ao que é investigado, mas possibilita meios de continuidade como argumentos inspiradores de novas ações investigativas, que apontam para novas possibilidades que venham a melhorar a compreensão comunicativa dos estudantes, no que se refere à sua consciência crítica da realidade ambiental e social.

Nessa questão da comunicação e os desafios postos pela COVID-19, temos a proposta de inserir no E-book a investigação sistemática, de, em que medida, a Indústria Cultural interfere e interage na dimensão de libertação, emancipação e humanização, desencadeada pelas formas, com que está potencializada, para desencadear meios de consciência e também de distração e mudança de foco, do que atinge a juventude em suas formas e meios de comunicação, dentro e fora dos ambientes escolares.

Outro foco referencial da pesquisa é a humanização, o que remete à clareza de que, ao tratar desse tema, aponto para o humano que sou e para a dinâmica de valorização da vida planetária, na medida em que considero a inserção dos humanos como agentes que interferem e interagem diretamente com a dinâmica sinérgica do planeta.

Como humanização, segundo Ernesto Jacob Keim (2021, apres. 3.2), se tem a posição de que a humanização pode ser apontada, como um distanciamento da condição das pessoas do estado de animalidade e de ser integrante da natureza planetária, o que se apresenta como um referencial possível, para explicar e justificar as alterações ambientais da forma como ocorrem, na medida em que a natureza por estar longe das pessoas, pode se transformar naturalmente em produto, portanto, em „recursos naturais“, pelos quais resta apenas usar e explorar.

A humanização dessa forma; implica também na compreensão do que vem a ser identidade, o que remete ao pertencimento como referencial que se mede por conta da capacidade de mobilidade controlada e direcionada por interesses e

paixões, bem como dinâmicas comunicativas e relacionais as mais diversificadas, o que leva a debater como cada um se descobre, e se descobriu humano e pessoa, inserido em sociedade, estado e povo.

Nessa dimensão o foco está em verificar como a percepção de emancipação como posição das ações humanas na sociedade revertam em movimentos e proposições que favoreçam a vida, evidenciando a consciência de que ser humano significa se sentir responsável pela integridade planetária o que representa de certa forma a concepção de pertencimentos proposta por Milton Santos o que remete à dimensão de humanização a que essa pesquisa preconiza.

Assim, temos que os estudantes de uma unidade escolar, se caracterizam como os sujeitos que participam de espaços criados e desenvolvidos para discussões e reflexões nos diversos sentidos a que são propostas as ações pedagógico-didáticas. Um fato que altera substancialmente esse cenário está nas mudanças de rotina escolar postas pela Pandemia COVID-19 que lançam as escolas de forma quase que abrupta, no cenário e realidade virtual, como por exemplo, aulas gravadas pelo Google Meet, e em outras plataformas e meios midiáticos.

Dessa forma as atividades e ações docentes precisam se adaptar para alcançar, por exemplo, o foco de contribuir para que os professores sejam capazes de identificar a desumanização e a barbárie (não emancipação) a que estão sujeitos e sujeitados os estudantes, promovendo reflexões nas quais os estudantes sejam estimulados a refletir e entender, por exemplo, o conceito de valor da solidariedade e da humanização, para que consigam perceber e identificar o que vem a ser barbárie e opressão frente às possibilidades da beleza e da amorosidade.

O fato de as atividades docentes consolidarem ambientes que possibilitem as discussões sobre temáticas cotidianas, que dificultam a prática dos valores humanos, como: intolerância e desrespeito ao meio ambiente e à natureza, nas condições atuais se apresentam como temas de trabalho carregados de grandes dificuldades de execução. Foi diante desse desafio que a pesquisa se direcionou para desenvolver uma atividade configurada como um debate livre entre estudantes para que eles percebessem de que maneira seus diálogos e atitudes, de relação interpessoal reforçam ou superam os agentes desumanizadores destacados acima.

Com esse propósito se fez então a proposição de debate virtual, de temas amparados em questões que evidenciem a promoção de valores humanos dentro do espaço escolar e nos demais ambientes de convivência social e comunitária.

Dessa forma se pretendeu que ocorressem encontros dos estudantes que podem representar uma chave para reinventar a escola e implantar novas possibilidades e oportunidades de diálogo, que se configurem como algo mais fraterno e amoroso, capaz de transformar os adolescentes no sentido de se assumirem e pensarem como seres capazes de reaprender de diferentes maneiras, por meio das mais variadas formas de ensinar, alinhando suas necessidades e despertando para a humanização.

Um ponto essencial a ser levado em conta é o perfil dos estudantes que exigem da escola um maior dinamismo em suas rotinas. É preciso dar autonomia e fazer com que eles exercitem sua criatividade e empatia para que o diálogo na escola torne-se algo com significado para eles naquele momento e para a vida. Dessa maneira, a ação do educador tem um forte sentido nos processos de metamorfosear o estudante.

A escola assim, pode desenvolver um olhar mais humano, que valorize a diversidade e promova a empatia nos estudantes. Para isso, elencamos Paulo Freire que sempre nos lembra em suas leituras, o quanto é importante e gratificante a humanização em cada ser para acontecer a metamorfose no interior de cada um.

Por outro lado, percebe-se, na convivência diária nas escolas em que houve uma mudança significativa nos hábitos de convivência, ou seja, o ambiente onde o estudante mais convivia socialmente com outros era a sala de aula e atualmente são as redes sociais para aqueles que possuem os recursos necessários de equipamentos e de internet. Diante desse quadro a escola precisa se reinventar a cada dia para oferecer uma educação que contemple o ser em todas as suas dimensões: conhecimento cognitivo, social, cultural e afetivo. A humanização independente do meio social e de convivência, tem que iniciar de dentro de cada pessoa.

Essa proposta exige que os professores se engajem e pratiquem uma comunicação com tom de amorosidade e respeito, junto aos estudantes, para que o ambiente, mesmo à distância se torne mais humano. Esse é o ponto crucial para que o colégio passe a colher bons frutos em um ambiente mais produtivo e consiga conduzi-los para que aconteça a humanização.

O ambiente escolar assim, deve proporcionar ao estudante um despertar para a visão da humanização no e do ser, como um agente capaz de metamorfoseamento de forma que se compreenda como um ser único no seu processo de transformação interior.

Assim, a humanização do estudante no contexto de cada ser, passa a ir além do pessoal e se desenvolve também na esfera socioemocional e socioambiental. Uma escola com um ambiente leve e frequentado por pessoas amorosas, pode desencadear um cenário que favorece a emancipação, indo além do conhecimento curricular e da teoria. Espera-se que ele atinge também o interpessoal, emocional e sensitivo de cada um. Com esses desenvolvimentos e estímulos, espera-se que os estudantes se comportem como um todo dentro do espaço globalizado.

3.1 HUMANIZAÇÃO NOS AMBIENTES ESCOLARES, REFERENCIADA NAS COMUNICAÇÕES E NO VOCABULÁRIO AO TRATAR TEMAS AMBIENTAIS

Neste item com base na síntese teórica desenvolvida no capítulo 2 desse texto, apontamos a intenção de se desenvolver ações investigativas junto a docentes e estudantes, no sentido de desenvolver meios que possibilitem, evidenciar nos ambientes escolares ações que tenham cuidado, pertencimento e emancipação como elementos fundamentais para detectar e superar agressividade, passividade e alienação.

Como forma ou procedimento de se desenvolver essa pesquisa foram adotadas duas ações, ou seja: Entrevista coletiva com professores, utilizando questionário respondido por meio de recursos eletrônicos, o qual foi reenviado três vezes aos entrevistados para que as respostas se consolidassem como coerência ou posição do grupo no sentido apontar caminhos a serem percorridos na elaboração do e-book que é o produto dessa dissertação. A segunda ação investigativa se deu com a proposição de reunião de estudantes, para que de forma espontânea dialogassem sobre temas ambientais, mediados pela professora pesquisadora principal desse processo. Os dois grupos foram constituídos por estudantes do primeiro ano do ensino médio do Colégio Prefeito Joaquim da Silva Mafra E.F.M. na cidade de Guaratuba no Estado do Paraná, os quais se reuniram por via remota e tiveram todo o diálogo gravado e transcrito, ocorrendo a contagem

de tempo entre cada locução o que permitiu verificar uma diferença entre o desempenho oral e vocabular dos dois grupos.

As entrevistas em grupo com os professores e o debate acompanhado dos estudantes, tiveram a finalidade de alcançar argumentos para instrumentalizar o livro virtual (e-book) que se configura como produto dessa pesquisa, o qual tem o propósito de orientar professores, no sentido de ampliar ações e debates que evidenciem a necessidade de ampliação e compreensão vocabular, para a melhor identificação do que se passa à volta de cada pessoa, caracterizando a possibilidade de ampliar a compreensão do que vem ser emancipação, pertencimento e cuidado como antígenos à barbárie, à alienação e à opressão.

Nesse sentido cabe destacar segundo Ernesto Jacob Keim (2021, apud, 3.2) que: Emancipação se caracteriza como ações e posições que evidenciam e enaltecem ações humanas, no sentido de fazer valer a qualidade das relações que caracterizam a vida em relação, como processo colaborativo e interativo. Pertencimento se apresenta como processo em que a pessoa se sinta acolhida e participante de forma responsável com o espaço e tempo no qual age e interage com outros elementos e integrantes do ambiente planetário que ocupa, considerando local e tempo específicos. Cuidado caracterizado como responsabilidade coletiva de cada pessoa com o outro de forma a garantir que a vida no coletivo seja algo que manifeste refinamento nas relações como favorecimento da dignidade e da beleza, como sentimentos que enalteçam os bens comuns. Nessa perspectiva cabe destacar que barbárie significa um conjunto de ações que atentam contra a vida com dignidade e que promove a desumanização, portanto, que desencadeie a opressão e a miséria.

A princípio, a entrevista com os estudantes ocorreria de forma presencial, como decorrência das ações praticadas pelo componente curricular da Língua Portuguesa, mas em função dos riscos decorrentes da pandemia e seu necessário isolamento, esse processo foi alterado e os encontros com os estudantes se deu de forma virtual, mas um fato que impede essa atividade de proporcionar alguma conclusão mais elaborada, deve-se ao fato de os estudantes de forma remota, estarem em sua maioria sem os recursos de equipamento e de sinal de Internet, necessários para o bom desempenho da ação que desenvolvemos, assim, temos o resultado das entrevistas com os estudantes apenas como elemento ilustrativo do

que se pretendia, ficando essa ação posta como recomendação de ação, no referido produto final dessa dissertação de mestrado.

3.1.1 Entrevista Coletiva com Docentes sobre Cuidado, Humanização e Emancipação na Interação com Jovens Estudantes de Ensino Médio de Escolas Públicas

O tema central dessa investigação foi identificar, como estudantes de ensino médio tratam as questões ambientais, e analisar em que medida, a escola pode contribuir para ampliar a dimensão de cuidado e humanização nas relações interpessoais dos estudantes,. Nesse sentido, um foco investigativo foi identificar como os docentes compreendem que podem contribuir para alcançar a possibilidade de ampliar noções de cuidado e humanização junto das interações dos estudantes entre seus colegas e com o trato de questões ambientais.

Assim, foram convidados 9 professores, para de forma remota, responderem a perguntas enunciadas a partir da base teórica levantada nessa pesquisa. Essas respostas foram elaboradas pelo sistema de entrevistas em grupo e foram reenviadas duas vezes, assim a dinâmica transcorreu da seguinte forma: 1- Convite para participar da pesquisa e assinatura do termo de consentimento de divulgação da identidade dos participantes da pesquisa. 2- Envio das perguntas e recebimento das respostas para a elaboração pela pesquisadora da síntese. 3- envio da síntese elaborada com a reunião das respostas dos 9 entrevistados para que eles opinassem sobre a redação da síntese a respeito de seus posicionamentos quanto às questões e a síntese apresentada. Essas sínteses analisadas e com alterações foi recebida pela pesquisadora que reescreveu a síntese de cada resposta e reenviou novamente para conferencia final de cada entrevistado. 4- Envio da nova redação para retoques pelos entrevistados.

O resultado dessas entrevistas vem a seguir e serão importantes para estruturar a fundamentação do e-book que é o produto final dessa pesquisa.

As questões enviadas para a entrevista estão apontadas a seguir, e foram elaboradas com base na teoria levantada no capítulo 2, nas quais estão destacados aspectos referentes à investigação de como docentes percebem e identificam humanização, emancipação e pertencimento, em diálogos que ocorrem durante as atividades docentes dos professores que respondem aos questionários.

- Como posso contribuir para estimular o sentimento de cuidado nos estudantes?

- O que posso fazer para que os estudantes tenham maior cuidado uns com os outros?
- Quais atitudes docentes, são capazes de humanizar o nosso estudante?
- Que ações podem ser realizadas para que os estudantes tenham maior cuidado com os ambientes nos quais vivem?
- Que tipo de conversa, posso inserir em minha sala de aula, para que os estudantes sintam-se motivados para terem ações a favor da emancipação da vida e contrárias ao que promove barbárie e miséria?

Estas foram as questões enviadas para os docentes com o propósito de reunirmos informações que são referenciais tratados no e-book, produto dessa pesquisa, que esperamos possa contribuir para que os professores trabalhem a humanização com seus discentes, dando sustentação nas atividades pedagógicas através da comunicação, sobre as questões ambientais nele apresentadas.

Este produto educacional tem como objetivo dar suporte aos educadores no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas socioambientais em especial aos estudantes de ensino médio nas escolas estaduais.

O projeto desenvolvido se baseia em bases teóricas amparadas em autores como Leonardo Boff (2012), Paulo Freire (1981), Theodor Adorno (1995), Ernesto Jacob Keim (2019) e Milton Santos (2000), construindo uma reflexão das práticas pedagógicas de uma educação motivadora, a fim de viabilizar debate acerca da humanização das pessoas, ao tratarem de questões ambientais refletidas com a problemática global sobre ambiente e em especial sobre as relações interpessoais de alcance mais harmonioso e amoroso, atendendo ao que se propõe o problema condutor da pesquisa que está assim enunciado: De que forma a ação docente, ao tratar de humanização e emancipação, consegue refinar a dinâmica comunicativa de estudantes de ensino médio, no sentido de reduzir agressividade, passividade e alienação nas comunicações interpessoais, e nas formas como percebem suas relações com temas ambientais.

Com essa problemática pretendemos buscar uma melhoria para que ocorram mudanças de hábitos e atitudes, que proporcionem mais harmonia na convivência e na qualidade de vida das pessoas, contribuindo para acalmar as desavenças entre os discentes, analisando os fatores de vida, aos quais tornam frequentes e que possam fazer parte da rotina escolar.

A seguir apresento os docentes que participaram dessa dinâmica de entrevista em grupo:

Adriana Saviatto Braga Conti – Professora de Artes - Colégio Estadual Joaquim da Silva Mafra - Guaratuba.

Andrea Fanchin Queiróz Galvão – Professora de Artes - Colégio Prefeito Joaquim da Silva Mafra - Guaratuba.

Cybele Aparecida Santos de Oliveira – Ensino Fundamental Anos Iniciais - Escola Municipal Takeshi Oishi – Paranaguá.

Edgar Fernandez – Professor de Filosofia - Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra - Guaratuba.

Edivaldo dos Santos – Professor de Matemática - Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra - Guaratuba.

Ércio Danas – Professor de Geografia - Colégio Prefeito Joaquim da Silva Mafra - Guaratuba.

Mara Zilda Machado do Rozario – Professora que faz atendimento Educacional Especializado - AEE. Escola Municipal José de Anchieta - Paranaguá.

Romerito Cassio Mendes Zibetti – Professor de Informática - Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra - Guaratuba.

Tatiana Freiburger Neiva – Professora de Ciências - Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra - Guaratuba.

A escolha dos professores para a realização dessa coleta de posições, por meio de um questionário, buscou alcançar a diversidade docente, visto que a especificidade cognitiva de cada área pode contribuir diferentemente para a posição do respondente frente ao tema de emancipação e humanização, visto que esse tema faz parte da preocupação dos docentes com o tratamento com os nossos estudantes do ensino médio, sendo alguns com mais amorosidade, outros com mais rigidez, mas, entretanto, promovendo diálogos capazes de averiguar mudanças na realização da sensibilização dos jovens, com práticas pedagógicas que visam o respeito pelo outro e pelo ambiente, pretendendo humanizá-los, ao reconhecer o papel dos humanos como seres amorosos, pertencentes ao mesmo planeta Terra.

A seguir apresentamos a síntese das respostas alcançadas com a primeira rodada de entrevistas escritas. Essas respostas foram reenviadas aos professores

entrevistados para que eles reagissem com considerações a respeito de sua concordância ou não da síntese apresentada e oportunizando alterações para alcançarmos uma resposta que representasse o coletivo entrevistado:

Como posso contribuir para estimular o sentimento de cuidado nos estudantes?

Primeiramente eles têm que sentir em você realmente está preocupado com ele, tem que ganhar a confiança, dando o exemplo e depois dando-lhes funções na sala de aula que vivenciem essas ações de cuidado.

Orientar e demonstrar preocupação com eles, por fazerem parte da nossa convivência. Sabendo ouvir, reconhecendo quando o estudante está certo, dando oportunidades e valorizando cada avanço, com resiliência e com palestras.

Cuidar das coisas, da natureza, ter intimidade, senti-las, acolhê-las e respeitá-las. Criar cenários para que o educando possa se sentir pertencente ao meio e não um ser alheio a realidade. Que suas atitudes tenham impacto direto ao meio, além do respeito.

O que posso fazer para que os estudantes tenham o cuidado um com o outro?

Mostrar a importância da empatia ou respeito, despertar o educando na prática da alteridade. Essa atitude de se colocar no lugar do outro, fará com que ele entenda e não julgue o outro. Que as escolhas são da pessoa e cabe somente a ela decidir seu caminho. A prática da alteridade evita conflitos.

Com dinâmicas. Ensinar sobre empatia, sobre se colocar no lugar do outro. Realizar atividades de estudo de caso, em que eles possam ter esse olhar para o outro. Olhar de companheirismo, de cuidado, de carinho um com o outro. Desenvolver atividades que despertem o olhar para o outro e contribuam para uma convivência saudável.

Na demonstração de respeito, destacando a valorização da amizade.

Acredito que dando o exemplo. Dialogando sobre a importância do cuidado com o outro.

Quais atitudes docentes, são capazes de humanizar nossos estudantes?

Mostrar a realidade do mundo, que é essencial o trabalho, a responsabilidade. Acolhendo-os diante de todas as diversidades. Cada estudante é único traz consigo, um legado de vida, alguns com condições favoráveis outros nem tanto, devemos procurar entender e assim nossa atitude será humanizada.

Ter respeito e com demonstração ou campanha, essa humanização teria que começar no lar, mas infelizmente não acontece isso. Muitas vezes nossos estudantes vão buscar essa atenção na escola. Enquanto escola, podemos incentivar nossos educandos a terem um olhar diferente para com o outro.

Tratando com respeito, buscando chamá-los sempre pelo seu nome, interessando-se pelas suas individualidades, elogiando seus acertos e corrigindo quando necessário.

Valorizando a participação deles, procurando saber dos seus sonhos ou dos projetos de vida com muito diálogo, paciência, incentivando para o bem e ditando regras.

Que ações podem ser realizadas para que o estudante cuide da natureza?

Mostrar os impactos de seus atos, apresentando a importância das ações para com a natureza, somos parte da natureza. O respeito à natureza, cuidados com meio ambiente, reciclagem, melhor uso do lixo. Identificando a destruição e consequência. Acredito muito que o contato com a natureza

nos deixa livre de alguns sentimentos ruins que nos rodeiam e por meio da natureza poderá ser realizado projetos que envolvam os estudantes a sentir pertencente ao lugar em que vivem e consequentemente ampliar essa visão para outros discentes.

Manter a sala limpa, cuidar do seu material, não desperdiçar material e reutilizá-lo quando possível. Valorizando a natureza como uma dádiva de Deus, que você faz parte dela, nós dependemos dela, temos que respeitar o mundo em que vivemos.

Tratar o estudante com atenção, firmeza quando necessário e mostrar que nos importamos com eles. Fazer o nosso melhor nas aulas, com uma educação ambiental continua.

Que tipo de conversa, posso inserir em minha sala de aula, para que os estudantes tenham vontade de emancipar?

Primeiramente tentar se aproximar da linguagem deles, buscar algo do interesse deles para que eles possam agir por eles mesmo, sem precisar que outra pessoa mande ele fazer algo.

Uma conversa franca olho no olho, apresentando a eles possibilidades como trabalho, independência financeira, colocando temas polêmicos e debates. Contar ou desenvolver trabalhos com biografias de pessoas com valores e virtudes. Destacar sempre a virtude que se destaca em acontecimentos corriqueiros ou de notícias. Valorizar pequenas atitudes positivas.

Fazendo refletir como o que você tem feito para melhorar o lugar em que você mora? você tem reciclado os resíduos que você produz? quanto tempo dura o seu banho? você lava a calçada? você coleta folhas secas ao invés de queimar? você planta árvores no seu jardim? Você tem alimentado os pássaros?

Mostrar a importância do conhecimento para o nosso dia a dia, com um diálogo franco e aberto, através de temas pertinentes a cada idade.

A seguir apresentamos o resultado final dos reenvios de respostas nos três movimentos já descritos pela dinâmica do processo.

1- Como posso contribuir para estimular o sentimento de cuidado nos estudantes?

Como todas as pessoas, quando jovens precisam de alguém que os oriente, aconselhe e principalmente lhes sirva de referência. Então, os estudantes precisam que alguém com experiência e vivência, que lhes mostre um caminho mais seguro, uma nova realidade que possibilite abrir uma nova janela para que sejam agentes transformadores.

Existe a necessidade de que, cada vez mais, os estudantes estejam conscientes sobre a motivação de mudar comportamentos e atitudes. O olhar de cuidado, primeiramente tem que surgir no educador, essa mudança tem que acontecer nele primeiro, depois o educador terá esse olhar de cuidado com o estudante. Ressaltando que, além do olhar para os cuidados tradicionais, tem os outros cuidados que promovem sentimentos. Além de valorizar sua bagagem e origem.

Nessa construção de conhecimento o professor é só um orientador, se for solicitado, esse conhecimento deve ser desenvolvido com conhecimento pessoal a partir das experiências e observação e muito debate. Além de focar um pouco mais o autoconhecimento e autoestima, fatores que devem ser estimulados.

Poderia também, ser praticada uma rotina de focar em si mesmo ou de respiração. A leitura também é algo importante para o desenvolvimento do Ser.

2. O que posso fazer para que os educandos tenham maior cuidado uns com os outros?

Precisamos resgatar a autoestima, o respeito, a amizade que seja construtiva e transformadora. Pois vivemos numa sociedade de muita ciência e tecnologia, fazendo com que os seres humanos se transformem em pessoas frias e sem calor humano. Deixando sentimentos importantes de lado, tornando-se meros repetidores do cotidiano vivenciado na mídia e muitas vezes na própria sociedade.

Trabalhar em grupo é uma maneira de conhecer o outro e por meio dessas atividades proporcionarem momentos, nos quais o outro possa se colocar no lugar do outro e perceber o valor que o outro tem e o respeito com o mesmo. Além de envolver os estudantes em trabalho social, com levantamento do problema e soluções, em grupo e sozinho, com relatórios, como por exemplo o trabalho de ortodontia.

3. Quais atitudes docentes, são capazes de humanizar o nosso estudante?

Demonstrar interesse pelos seus problemas, que muitas vezes eles gostariam de compartilhar e ter uma orientação, apoio ou contar com alguém nas horas de decisão. Talvez um ombro amigo, para ganhar confiança e enfrentar desafios. Não existe nada maior que o exemplo, ele é tido com a demonstração na prática. Essa humanização era para iniciar no lar do estudante, mas muitas vezes isso não acontece e ele busca essa atenção e carinho na escola. Enquanto escola, oferecemos esse amparo e podemos incentivá-los a ter um olhar diferente para com o outro. Além de corrigir seus erros.

Poderia também entender para realizar atividades de ajuda em casa, ajudar o outro para amadurecer, estimular funções construtivas, tarefas diárias, pois a regularidade das ações é que educa, e incentiva o fazer bem feito sempre, desenvolver atividades onde a iniciativa é exercitada para resolver problemas, autoconhecimento das suas potencialidades, ser independente e contribuir com os outros para proporcionar sentimentos de capacidade e bondade, condições essenciais para uma vida feliz.

4. Que ações podem ser realizadas para que os estudantes tenham maior cuidado com os ambientes nos quais vivem?

Precisamos orientar todas as atitudes dos estudantes em qualquer idade escolar, pois o nosso planeta está agonizando. Cada dia que passa, percebemos novas consequências que o homem causou na natureza. Não podemos perder tempo, pois foram realizadas várias convenções sobre o meio ambiente e parece que os detentores das decisões não tomaram consciência real do problema.

A importância de sempre mostrar que nossa maneira de viver irá influenciar outros futuramente. E nada melhor que vivenciar a natureza para aprender a amar e cuidar do ambiente, além de não desperdiçar.

5. Que tipo de conversa, posso inserir em minha sala de aula, para que os estudantes sintam-se motivados para terem ações a favor da emancipação da vida e contrárias ao que promove barbárie e miséria?

Um diálogo franco, priorizando o valor da opinião sincera e construtiva, demonstrando os pontos positivos que trará a vontade de mudar. Destacando que essa mudança ocasionará um grande impacto no futuro, pois o mercado de trabalho está se tornando cada vez mais competitivo. Procurar investir em si, com novos objetivos, cursos de aperfeiçoamento, tornar uma mão de obra mais valorizada e competente.

Conhecê-los para colocarmos situações que envolvam sua atenção e o estudante buscar meios de ir além, ter autonomia para agir em suas decisões diárias.

Sou muito grata pela contribuição!!!

Nessas respostas coletivas atribuídas a esse questionário, percebemos que os docentes se reconhecem como seres que estão em permanente processo de humanização, a medida que eles compreendem bem o que é humanização. Porém, uma grande curiosidade foi em saber o porquê deles terem dificuldade para aplicar essa postura, na prática de seus aprendizados e ensinamentos.

3.1.2 Encontro de Estudantes para Análise do Nível em que as Comunicações Interpessoais lidam com a Percepção de Interações Ambientais

Nesse item temos um relato do que ocorreu como a segunda ação investigativa programada para elencar argumentos para a edição do livro virtual que é produto (e-book), já destacado como decorrência dessa pesquisa. Ela se deu com a reunião de dois grupos de estudantes de ensino médio, o que deveria ocorrer de forma presencial, mas em decorrência das restrições sanitárias vigentes pela pandemia covid-19, os encontros ocorreram de forma virtual. Por isso as expectativas tiveram de ser redesenhadas. Inicialmente esperava reunir grupos de até dez estudantes e lhes propor uma roda de conversa animada com questões relacionadas ao meio ambiente e às formas como se relacionavam, dando especial atenção, à forma como se comunicavam com as diferentes linguagens que constituem o acervo comunicacional vigente, ou seja, gestual e corporal, linguístico, cultural, político e tantas mais formas presentes num diálogo livre e consentido.

O fato da pandemia vigente, nos remeteu a uma abordagem não presencial e o primeiro obstáculo foi um confronto com a realidade que nos mostrou o fosso social que separa as comunidades que ocupam os bancos escolares das escolas estaduais de uma cidade periférica. O propósito foi desenvolver o debate com estudantes de duas turmas de ensino médio noturno, sendo uma formada por estudantes de ensino médio convencional e outra com estudantes de ensino médio em técnico de informática do Colégio Prefeito Joaquim da Silva Mafra E.F.M. na cidade de Guaratuba no Estado do Paraná, os quais se reuniram por via remota e tiveram todo o diálogo gravado e transcrito,

O desafio para efetivar essa ação investigativa se concretizou quando da turma convencional dos 40 estudantes matriculados apenas dois se propuseram a participar da „Roda de Conversas“, que não valeria nota e não conseguiu atraí-los,

mas também pelo fato de a maioria não ter disponível internet de qualidade e computador ou celular disponível para aquela ação no horário e pelo tempo solicitado. Quanto à adesão dos estudantes da turma de curso técnico, a situação foi bem diferente com a adesão de oito estudantes, todos na condição de estudantes trabalhadores, portanto com melhor acesso a meios de comunicação e diferente inserção social.

Apesar da diferença numérica dos participantes a atividade foi desencadeada com a pesquisadora apresentando para os estudantes a finalidade do encontro no qual eles deveriam, de forma espontânea se manifestar quanto às questões que foram apresentadas no decorrer do processo, cabendo à professora, o papel de manter o diálogo, instigando os estudantes a se expressarem, sem, em momento algum, apresentar conceitos ou fundamentos, mas esclarecimentos que mantivessem o diálogo.

Os encontros foram estimulados com base nas seguintes questões que foram apresentados e eram estimulados pela pesquisadora durante o processo:

- Como você se identifica? Como pessoa que busca emancipação? Ou com uma pessoa que lida com a barbárie?
- O que mais o inquieta? A passividade, a agressividade ou a alienação?
- Como as redes sociais dirigem a vida dos jovens e dos adultos?
- Como a Indústria cultural dirige a vida dos estudantes?
- Como a indústria cultura reage com a realidade na orientação das metamorfoses dos jovens em desenvolvimento?
- Como a escola desenvolve a identidade do humano emancipado para que se sinta como sujeito e não sujeito na vida?

O primeiro resultado depois de computado os tempos de locução e de reação dos estudantes dos dois grupos apontou para uma significativa diferença entre os dois grupos conforme apresento no quadro IV o qual apresenta o percentual de tempo em que a professora se expressou de forma oral e o percentual de tempo em que os estudantes emitiram alguma forma de comunicação.

Quadro IV: Tempo representado em percentuais ocupado pelos estudantes e pela professora pesquisadora durante o encontro virtual com os estudantes.

ENSINO MÉDIO CONVENCIONAL	
Duração do encontro: 1 hora e 3 minutos	
Tempo ocupado com locuções da Professora	75,14%
Tempo ocupado com locuções dos Estudantes	19,13 %
Tempo de Silêncio	5,71 %

FONTE: Autora (2021)

ENSINO MÉDIO TÉCNICO EM INFORMÁTICA

Duração do encontro: 1 hora e 15 minutos	
Tempo ocupado com locuções do Professor	38,11 %
Tempo ocupado com locuções dos Estudantes	61,25 %
Tempo de Silêncio	0,64 %

FONTE: Autora (2021)

Os encontros ocorreram, no dia 09 de novembro de 2021, quando for realizada a entrevista com os estudantes do primeiro ano do ensino médio noturno do curso técnico em informática do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra, a fim de investigar de que forma a concepção Emancipação e a Barbárie eram compreendidas e percebidas pelos estudantes na sala de aula, na rua ou em seus lares. Iniciei o diálogo explicando a proposta da conversa com os estudantes, a fim de contribuírem para a presente pesquisa de mestrado na Universidade Federal do Paraná no Setor Litoral. Todos se mostraram bastante prestativos e animados, dispostos a contribuir com o trabalho acadêmico.

Nessa entrevista tivemos a participação de oito estudantes, realizada na modalidade online; via Meet. Por conta da pandemia, foi reduzida a participação dos estudantes, pois nem todos têm acesso a internet em casa para o estudo. Percebi desde o início, que eles não tinham vergonha e nenhum tipo de acanhamento em perguntar o significado dos termos constantes das questões apresentadas, para que pudessem interagir. Sempre tratando o colega de classe com respeito, a descontração foi visível no grupo, com participação calorosa dos estudantes. Pedi então, que deixassem o áudio acionado para que, quem quisesse, pronunciar-se a qualquer momento, quando sentisse a necessidade de falar. Deixei-os livres e o quadro IV aponta a qualidade em tempo de participação desse grupo.

Houve momentos em que vários estudantes falaram ao mesmo tempo, e percebi a alegria entre os membros, bem como o respeito presente. Apesar das brincadeiras, mas sempre houve o respeito um como outro, durante toda a conversa. A proposta era de fazer o uso de um horário escolar, porém acabamos avançando por mais de uma hora, pelo fato de haver bom entrosamento, e as argumentações presentes se somaram com a vontade de contribuir com o trabalho. Ficaram muito felizes, exalando o sentimento de cuidado com o professor e com os colegas de classe.

Foi muito produtivo e prazeroso detectar a presença de vocábulos, mesmo que seja do cotidiano dos estudantes, a presença de uma linguagem mais informal e moderna, onde o mais importante foi identificar em que medida esses estudantes estão mais emancipados, ao argumentarem, contra argumentarem, questionarem, de forma a não aprovarem a barbárie e reagirem diante de atitudes parecidas.

Após a entrevista, realizei a transcrição e percebi que nessa turma, existe pouco silêncio e sim, a participação ativa de todos os estudantes em se comunicar, mas ao analisar a transcrição fica evidente que a “comunicação moderna” se mostra com poucas palavras e muitos sons e gestos diversos, de tal forma que o percentual de tempo apontado no quadro IV, aponta tempo de comunicação, mas não de fala, de tal forma que não conseguimos trazer falas significativas para ilustrar o texto por isso, recomendo a leitura dessa transcrição que está como anexo.

No dia seguinte, dia 10 de novembro de 2021, realizei na segunda entrevista com outra turma do ensino médio do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra, agora com a turma do primeiro ano do ensino médio noturno regular. Confesso que tive que adiar várias vezes esse momento por conta da não presença e participação dos estudantes. Ela foi realizada via Meet, pelo mesmo fato da entrevista anterior, e contei com apenas duas estudantes. Tentei marcar diversas vezes, não comentei sobre o assunto anteriormente, justamente para não deixá-los acanhados e correr o risco de não comparecerem, pois era frequente a ausência dos estudantes nas aulas, não só de língua portuguesa como em outras disciplinas. Pois as reclamações dos outros professores eram frequentes sobre a não participação dos estudantes nas aulas. Após muitas tentativas, consegui realizar a entrevista. Tentei falar menos possível para deixá-los livres e a vontade para responder às provocações, apenas instiguei indiretamente, forçando-as a participarem do trabalho que seria de grande valia. Como já desconfiava, percebi que havia uma resistência muito grande na linguagem delas.

Houve muito silêncio, muita desconfiança ou medo dos estudantes ao pronunciar ou ao responderem às questões provocadas. Muitas das palavras ou expressões são repetidas, em muitos momentos, os estudantes têm muita dificuldade de entender o significado das palavras, mesmo diante de contextos apresentados e várias exemplificações, eles não conseguiram entender às indagações propostas. Nessa turma percebe-se uma frequente presença de estudantes que, aparentemente não são emancipados, onde presenciam com

naturalidade a barbárie no seu bairro e de estudantes que não tem uma ação ou reação diante de fatos ruins que possam aparecer. O vocabulário é bastante curto, na fala, presenciam-se muitos risos, resmungos, silêncios, expressões faciais de insegurança, desânimo ou de desestímulo. Entre palavras ou orações inacabadas, há estudantes que não tem o poder de argumentação nas falas. Após a entrevista, realizei a transcrição e percebi que há muitos resmungos, risos, frases inacabadas e muito silêncio, até tristeza nesta turma.

Ao fazer um comparativo entre essas duas turmas do primeiro ano do ensino médio noturno, percebe-se claramente que o primeiro ano do curso técnico em informática, os estudantes são mais alegres, comunicativos, com orações mais extensas e grande poder de argumentação. Já no primeiro ano E, percebe-se a apatia, a falta de vocabulários, muito silêncio, orações curtas e pouquíssimas argumentações na entrevista. Os dados do quadro dois sustentam essa posição.

Na entrevista realizada com os estudantes do primeiro ano do ensino médio normal noturno do Colégio Estadual Prefeito Joaquim da Silva Mafra, percebeu-se que entre as falas há muito silêncio, risos ou até mesmo disfarces como a tosse no momento de sua apresentação, nota-se a falta de vocabulário ou até mesmo de conteúdo, com muitas palavras repetidas e pouca argumentação sobre o assunto, tendo a necessidade de frequentemente de questioná-los.

Em seguida, a entrevista realizada com os estudantes do primeiro ano do ensino médio noturno do curso técnico em informática do mesmo local, entende-se que há uma grande necessidade de comunicação entre os estudantes e que há muitas palavras repetidas, talvez pela ânsia de querer dialogar e acabam por não esperar que o outro se pronuncie, há pouco silêncio entre eles e uma grande alegria em conversar e de serem ouvidos. Porém, mesmo com algumas atitudes bárbaras, existe a presença de amorosidade entre a turma e um comprometimento maior, presente na sala virtual.

Fazendo uma comparação entre as turmas do primeiro ano do ensino médio noturno, embora estudam no mesmo estabelecimento e são de idades bastante semelhantes, percebemos que os estudantes do curso técnico são bastante comunicativos, mais educados e apresentam o sentimento de cuidado com o outro, além também, de terem um maior conhecimento e engajamento sobre o assunto.

Já o primeiro ano ensino médio normal, são bastante medrosos, silenciosos e acanhados, fazendo o uso de poucas palavras em seus discursos. Se formos

comparar a quantidade de palavras entre o primeiro ano técnico e o primeiro ano normal, vimos que os integrantes do curso técnico são mais comunicativos e arrojados. Percebemos que essa turma tem mais diversidade no vocabulário do que a turma do primeiro ano do ensino médio normal. Além da amorosidade entre ambos representando o início de uma emancipação. Assim, há a necessidade de se realizar esta ação entre os membros da sala. Já, a turma do primeiro ano normal, não sente esse mesmo entrosamento na turma, tendo a necessidade de vivenciar mais a amorosidade e combater a barbárie, pois percebemos também, que estão bastante oprimidos, não como a tese de Paulo Freire, mas sim, por estarem com as amarras em seus punhos e de vivenciarem tantas cenas que as representam, não tendo voz e nem vez em seu convívio.

Para a continuação desse parâmetro no comparativo das salas, entendemos que o primeiro ano técnico são mais dinâmicos e conversam muito, mesmo sem entender direito o assunto, mas se esforçam em participar, já o ensino médio normal existe uma grande lacuna recheada de muito silêncio e indecisões nas respostas ou pronunciamentos dos mesmos, sendo necessário a atuação deste trabalho constante pra que a barbárie seja vencida pela emancipação.

Essa atividade partiu da premissa de que a linguagem em suas diferentes modalidades como referencial de comunicação, pode ser autônoma em relação às formações sociais, mas sofre as determinações da ideologia vigente. Nesse contexto a leitura se apresenta como o caminho para se desenvolver hábitos que contribuem para ampliar a capacidade de percepção dos sentidos objetivos e subjetivos desenvolvidos nos sistemas comunicacionais.

4 HUMANIZAÇÃO, EMANCIPAÇÃO E PERTENCIMENTO COM TEXTOS REFERENTES AOS DIÁLOGOS DOS ESTUDANTES REFERENDADO ÀS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

Neste capítulo será apresentada uma síntese analítica das posições apresentadas pelos professores entrevistados e das opiniões dos estudantes referendados na teoria levantada. Esse texto será parte do e-book que caracteriza o produto dessa dissertação de mestrado profissional, que pretende instrumentalizar professores que tenham o foco de desenvolver com seus estudantes postura referenciada em humanização, emancipação e pertencimento tendo como referencial de apoio às ciências ambientais.

O suporte teórico se referencia nos elementos indicativos oriundos da base teórica desenvolvida no cap. 2, ou seja, como Boff (2012), Adorno (1995), Freire (1981), Keim (2019) e Santos (1985) os quais abordam a dimensão ambiental como elementos de análise textual.

A referida análise estará referenciada na análise dos diálogos entre a comunicação dos estudantes e dos professores considerando os temas que perpassaram as questões orientadoras das duas consultas, ou seja: Aspectos referentes à Identidade dos docentes e dos estudantes; Concepção de Emancipação como agente que se contrapõe à barbárie; Consciência do que alcança cada pessoa como passiva e alienada; Interação da Indústria Cultural como agente de formação de discursos e atitudes; A escola com agente formador de emancipação e liberdade.

Com esses aspectos a pesquisa apontou a importância da leitura como elemento que consolida as comunicações dos estudantes como seres integrados e integrantes da comunidade escolar, familiar e social e também como agente planetário com responsabilidades sobre a vida com dignidade.

Dessa forma temos que a linguagem pode ser autônoma em relação às formações sociais e sofrer as determinações da ideologia e a leitura se apresenta como um caminho para se desenvolver hábitos que podem promover o equilíbrio na integração entre família e escola.

A comunicação apresenta diversos gêneros, que agradam vários gostos e que são direcionados públicos diferentes, as pessoas dialogam sobre diversos autores e suas obras. Tivemos épocas em que foram caracterizadas como barbárie e outras, como grandes avanços na área da comunicação.

A comunicação assim, se mostra como um grande passo para que o ser humano melhore seus diálogos e acrescente, se porventura, não houve um tempo hábil para se enxergar como um ser único no universo.

Assim como Keim (2019) nos reforça a cada texto que os seres humanos se tornam melhor a cada dia se conseguir olhar o outro com respeito e dignidade como cada um merece ser.

Paulo Freire (1981), Theodor Adorno (1995), Ernesto Jacob Keim (2019) e Milton Santos (2015) são as maiores figuras deste trabalho que contribuíram para que nos percebamos um olhar mais sensível aos desafios sociais cada um no seu tempo e defenderam as grandes causas para a promoção do humanismo e emancipação a favor da vida nas pessoas.

Denunciaram a crueldade da barbárie e clamaram pela humanização, dando às pessoas, um sentido de cuidado e amorosidade mais fraterno no social e revolucionar o que o aproximavam da perfeição ou ideal.

Ler significa reler e compreender, ou seja, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés andam, ou melhor, do meio que vivem e assim, estabelece os meios e modos de comunicação e relação interpessoal.

Todo ponto de vista é vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é importante saber como são os seus olhos e qual é a visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. É referencial de vida por meio das comunicações. Então podemos sugerir que a má interpretação dos estudantes, no ponto de vista do outro, pode estar relacionado, muitas das vezes, com o meio em que vive, que talvez seja bárbaro, a ponto de conflitar suas ideias nas salas de aula.

Um fato surpreendente, e até hoje desprezado, é que as pesquisas sobre o desenvolvimento do pensamento no estudante costumam partir justamente do princípio fundamental desta teoria, ou seja, de que este processo de desenvolvimento é independente daquele que a criança aprende realmente na escola. A capacidade de raciocínio e a inteligência da criança, suas ideias sobre o que a rodeia, suas interpretações das causas físicas, seu domínio das formas lógicas do pensamento e da lógica abstrata são considerados pelos eruditos como processos autônomos que não são influenciados, de modo algum, pela aprendizagem escolar. (IVIC, 2010, p. 89-90)

Pode ser também, a capacidade de entender o significado de algo; o entendimento. Pode ser a ação, efeito ou possibilidade de compreender. É uma condição, característica ou predisposição para aceitar e respeitar opiniões ou

comportamentos alheios. Uma expressão de benevolência, indulgência, ocorre a falta de compreensão. Totalidade dos caracteres encerrados numa ideia geral, num conceito, num conjunto; por oposição à extensão.

Gostaríamos de concretizar que através da comunicação harmoniosa, os estudantes podem se tornar seres humanos melhores, ou seja, mais humanizados, pois mesmo não recebendo ensinamentos semelhantes em seus lares, é possível ou tem uma maior probabilidade de realizar no âmbito escolar. Pois todos nós somos um ser humano humanizado, não podendo perder essa característica e sim, melhorá-la.

O estudante tem que desenvolver a consciência crítica e é por meio do diálogo respeitoso que ele conseguirá se livrar da cultura do silêncio que só serve para oprimir. Ernesto Jacob Keim (2019) nos ressalta a este posicionamento, distinguindo as consciências crítica e ingênua.

É nesse sentido que se interroga a concepção da comunicação como construção histórico-social na qual se realizam os conceitos de humanidade, humanismo e humanização, como Antonio Candido escreve em *O Direito à Literatura*:

fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade [...]. Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (2004, p.180)

Assim temos que as questões ambientais passam pelos caminhos da comunicação que se consolida a partir das falas, das escritas e das leituras.

4.1 COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

Interpretação é a análise ou compreensão de qualquer discurso, levando em consideração a ideia principal que é traduzida por meio das palavras. Então, a noção de texto é ampla e ainda aberta a uma definição mais precisa, ao grosso modo, pode ser entendido como uma manifestação linguística das ideias de um autor, que

serão interpretadas pelo leitor de acordo com seus conhecimentos linguísticos e culturais. Seu tamanho é variável.

O interesse pelo texto como objeto de estudo gerou vários trabalhos importantes de teóricos da linguística textual, que percorreram fases diversas, cujas características principais eram de transpor os limites da frase descontextualizada da gramática tradicional, e ainda incluir os relevantes papéis do autor e do leitor na construção de textos. Um texto pode ser escrito ou oral e, em sentido lato, pode ser, também não verbal.

O texto crítico é uma produção textual que parte de um processo reflexivo e analítico gerando um conteúdo com crítica construtiva e bem fundamentada. Dentre os aspectos formais, temos a coesão e a coerência, que dão sentido e forma ao texto. A coesão textual é a relação, a ligação, a conexão entre as palavras, expressões ou frases do texto. A coerência está relacionada com a compreensão, a interpretação do que se diz ou escreve. Um texto precisa ter sentido, isto é, precisa ter coerência. Embora a coesão não seja condição suficiente para que enunciados se constituam em textos, são os elementos coesivos que lhes dão maior legibilidade e evidenciam as relações entre seus diversos componentes, a coerência depende da coesão.

A comunicação é aquela que, em geral, tem o objetivo de esclarecer ou emocionar o outro, e para que isso aconteça, exploramos a linguagem conotativa.

A comunicação no contexto das linguagens apresenta diversos gêneros, que agradam vários gostos e que são direcionados a públicos diferentes, e neles as pessoas dialogam sobre diversos autores e suas obras, nas quais constatamos que a humanidade se confrontou com épocas caracterizadas como de barbárie e outras, em que prevaleceu a Emancipação, sendo esse processo desenvolvido sempre por diferentes meios e dinâmicas de comunicação.

Com base nos indicadores decorrentes da teoria temos emancipação, humanização e pertencimento caracterizados como a fala dos estudantes do primeiro ano técnico do ensino médio noturno, quando se mostram prestativos desde o princípio da conversa ao colaborarem com o trabalho de mestrado, mas não foi muito representativa do que esperava alcançar pelo fato de, apontar do quadro IV bom percentual de tempo na comunicação, essa se deu mais como emissão de diferentes sons e gestos e poucas palavras, as quais podem ser identificadas e conhecidas na transcrição que vai como anexo desse texto.

Essas falas simplórias como a transcrita no tempo 3:32 a 3:33: „Nóis num é bão né? Mais nóis tenta,” mostra o universo cultural o linguajar descontextualizado de uma linguagem que, de forma convencional é esperada por estudantes que matriculados em um curso técnico de nível médio. Além do universo vocabular ser paupérrimo, não foi possível encontrar posições que denunciassem compreensão de resistência ou mesmo de denúncia de que percebem o contexto opresso, bárbaro e hostil no que vivem, tanto na rua quanto nos locais onde residem. Com o segundo grupo a situação de silencia foi ainda mais constrangedor.

4.2 EMANCIPAÇÃO A FAVOR DA VIDA E HUMANIZAÇÃO REFERENCIADA NA ANÁLISE DOS DIÁLOGOS DOS ESTUDANTES E DOS PROFESSORES

Este documento continua sendo um grande marco conceitual no que diz respeito às questões ambientais.

Apresenta o resultado da análise documental relacionando os elementos indicativos oriundos da base teórica, ou seja, como Boff, Adorno, Freire e Santos abordam a dimensão ambiental como elementos de análise textual referenciada na comunicação.

Vimos no diálogo dos estudantes que a desumanização e a barbárie estiveram presentes, mesmo em palavras francas ou brandas ditas pelos estudantes, conseguimos mostrar a barbárie por palavras amargas, porém muito tristes, por sinal.

Se pararmos para refletir como é capaz um ser humano realizar esse tipo de barbárie com o outro, temos então, a grande importância e necessidade de realizar este trabalho, a fim de amenizar a situação posta nos jovens.

Os estudantes conseguem mostrar, sem perceber a desumanização entre os colegas de classe. Ernesto Jacob Keim (2019) em sua análise do Navio Negreiro na pintura de Di Cavalcanti ressalta que “colonizadores, sem limites para a barbárie, são os maiores oprimidos, pois estão desumanizados na RAIZ”, pois assim como os estudantes conseguem se comunicar em seus discursos sem intenção de barbarizar e não tentam suavizar a dor, pois não percebem o quanto estão desumanizados. Na verdade, Di Cavalcanti consegue transformar “a dor da escravidão em cores vivas aguçando a esperança” e é esta a nossa intenção: humanizar os nossos estudantes

para que os discursos sejam mais amorosos entre si, proclamando o cuidado e almejar a emancipação.

Se pensarmos na análise do discurso dos estudantes, existe a possibilidade de embelezar e dar um tom humanizado à própria linguagem dos mesmos. Assim, como Freire diz que a educação deve permitir que os oprimidos possam recuperar a humanidade e superar a sua condição. Para isso, o ser oprimido deve desenvolver um papel na sua libertação. Ernesto Jacob Keim (2019) relata, conforme leituras de Adorno (1995) que “a emancipação é reconhecer a barbárie como herança colonial”.

Como resultado esperado da presente pesquisa, espera-se atingir uma melhor convivência entre os estudantes, contemplando as diversidades de pensamento e opiniões, respeitando um ao outro.

Os estudantes mostram, através de seus diálogos, indiretamente a falta da liberdade do ser, ou da emancipação no mesmo, de forma a ser considerada como uma válvula de escape dos obstáculos que tem perpassado ao longo de suas vidas, descarregando nas salas de aula com os colegas de classe ou até mesmo com os professores.

Paulo Freire em conversa particular para um grupo de professores na UNICAMP, conforme relato de Ernesto Jacob Keim (2019), ao responder à pergunta do que, para ele, era o oprimido, respondeu contando uma parábola, segundo a qual uma pessoa escravizada enfrentou um fazendeiro escravocrata e essa ordenou que fosse atado ao tronco e sofresse açoites pelo capataz e então ele perguntou: quem era o mais oprimido: o capataz, o fazendeiro ou a pessoa atada ao tronco. Assim, ao mostrar quem são os oprimidos e os opressores, fez esse breve comparativo e afirmou ser o fazendeiro o mais oprimido ao apontar que ser o fazendeiro, por ser o que mandou açoitar quem o enfrentou, mostrando que tem sua humanidade totalmente destroçada e o mais liberto é o escravo atado ao tronco, pois esse, apesar de sofrer os açoites, está consciente de estar desumanizado, mas que tem a possibilidade de revitalizar sua humanidade, pela consciência crítica da condição a que foi lançado.

Apontamos assim que o oprimido pode se caracterizar como o opressor e a libertação como processo, e o desafio no sentido de libertar o opressor das condições e da postura de gerar e promover opressão. Nesse sentido, e interagindo com o que trata esse texto acadêmico, que buscou a compreensão de como superar a Barbárie/Opressão/Oprimido por meio das linguagens, temos como fechamento

uma referência a Paulo Freire em seu livro: A importância do Ato de Ler (2005) ao se referir que “pouco importa onde está o oprimido e pouco importa sua nacionalidade, o que está em causa é a dignidade da pessoa humana que na opressão ou na libertação atinge uma dimensão na universalidade.”

5 CONSIDERAÇÕES FINALIZADORAS

Este trabalho de pesquisa acadêmica, teve como preocupação básica a atitude agressiva e desrespeitosa dos estudantes de ensino médio com seus colegas, e de forma geral, com os temas que se referem às questões ambientais. Uma preocupação foi a identificação do que promovia e justificava esse comportamento, e de que forma esse comportamento agressivo e desconectado com o que é referencial indiscutível a favor da vida, caracteriza-se como um reflexo do que a sociedade brasileira, e em particular, como um reflexo dos comportamentos e atitudes sociais veiculados pelos diferentes meios e recursos midiáticos da atualidade.

A pesquisa buscou a compreensão de como os professores de ensino médio poderiam lidar, com o propósito docente de refinar a dinâmica comunicativa de estudantes de ensino médio noturno, no sentido de reduzir a agressividade, a passividade e a alienação nas comunicações interpessoais, e nas formas como percebem suas relações com temas ambientais, como está proposto no problema geral dessa investigação.

O que a pesquisa conseguiu identificar foi que os professores estão cientes de seu potencial de mudança, mas as entrevistas deixam perceber certa dificuldade, de como seria possível desencadear uma ação contra esse descompasso, que se mostra entre a consciência e a impotência. A pesquisa também apontou, por meio da entrevista com os estudantes, que esse segmento da sociedade tem grande dificuldade de perceber o que vem a ser barbárie, talvez pelo fato das ações anti-vida estarem presentes de forma direta em seu cotidiano, como por exemplo, defender alguém que é subjugado ou injustiçado, com medo de represálias e total falta de quem lhes dê cobertura ou proteção

É nesse sentido que o livro virtual (e-book), decorrente desse trabalho, amparado no que foi encontrado na literatura pesquisada, aponta o cuidado como processo de referência na organização da sociedade, no sentido de desenvolver aspectos cruciais de apoio aos movimentos organizados da sociedade, para que as ações de resistência e enfrentamento, tenham retaguarda para superar a barbárie. Outro ponto levantado pela pesquisa, foi a concepção de pertencimento que se mostrou pouco crível no discurso/silêncio dos estudantes entrevistados, que não compreendem que ambiente é o „lugar“ que as pessoas ocupam no planeta, e nele

ocorrem as ações que possibilitam sua integridade como humano e como habitante planetário.

Além do cuidado e do pertencimento a teoria apontou como a Emancipação se caracteriza como ponto alto para a superação da barbárie e da opressão. Nesse ponto a pesquisa levantou a possibilidade de a Indústria Cultural desenvolver um processo linguístico e comunicativo muito simplificado, e com reduzido plantel vocabular, isto é, são poucas as palavras com que as pessoas se comunicam, e essa pobreza vocabular pode dificultar a comunicação de aspectos sociais mais complexos, com é por exemplo, a dinâmica de barbárie e opressão que aflige a população com um todo, e a juventude em particular.

Ainda conforme a pesquisa teórica, cabe destacar a possibilidade de a ação docente se caracterizar como movimento que se organiza teoricamente como processo investigativo que transcende a lógica estabelecida pela abordagem empírico-analítica, para assumir uma abordagem amparada na fenomenologia, a qual se mostra como posição mais adequada para lidar com a complexidade e a simultaneidade, com que ocorrem os fenômenos e os fatos nas dinâmicas educativas.

Assim, de acordo com o propósito geral dessa investigação, espera-se que o livro virtual consiga estimular os professores e a comunidade em geral, para compreender o papel do educador, como agente que desenvolve meios que podem levar os estudantes a ampliar seu vocabulário, de forma a que possam perceber as complexas interações que constituem o cotidiano comunicacional, com base em referenciais de emancipação a favor da vida e da humanização.

Espera-se que o livro virtual também aponte como exemplo de atuação docente a favor da emancipação e ampliação vocabular dos estudantes, a utilização de poemas e textos da literatura, com base em autores reconhecidos como elementos que defendem a vida com dignidade, para ao promoverem esses debates, independentemente do componente curricular que esteja sob sua direção, para que consigam ampliar o universo vocabular da juventude, no sentido de saber o que significa humanização e emancipação a favor da vida, amparados em argumentos decorrentes de debates promovidos junto ao grupo de estudantes, dando ênfase aos temas sociais e fundamentalmente a temas ambientais, que tratem do lugar onde ocorre a vida como realidade dos jovens estudantes. Espera-se

que essas posições contribuam para vencer bloqueios que a opressão sistêmica instalou na mente dos nossos estudantes.

Ainda como importante material a que se destina o livro virtual decorrente dessa pesquisa, está a necessidade de apontar que a Barbárie, significa a desconsideração da história e da ancestralidade de cada pessoa, pois a pessoa que desconhece sua origem familiar e social e também geográfica é com arvore com raízes superficiais, que não suportam os ventos do cotidiano, como destaca Ernesto Jacob Keim (2021 apres. 4.2), quando sugere que as pessoas devam conhecer até sete gerações passadas, para saber como se constituiu a personalidade, como atributo herdado de toda a sua ancestralidade. Portanto é ato de barbárie negar a história em todos os sentidos, pois essa negação alimenta a intolerância.

Para finalizar cabe ainda destacar como conclusão e indicação para o livro, a ênfase na busca de a pessoa compreender sua identidade como ser integrado e integrante de um lugar no planeta, para saber quem ele é como pessoa e como ser planetário humano e humanizado, além de compreender que essa pessoa, assim constituída, necessita de universo vocabular vasto e bem incorporado com seus significados, para dar conta das sutilezas comunicativas, que caracterizam os diferentes e complexos sistemas colonialistas vigentes em nosso cotidiano social e ambiental.

Assim, podemos dizer que a missão está em fase de ser cumprida, desde que os leitores estejam sensibilizados no sentido de as pessoas se verem como seres, que sofrem restrições nas escolas, nas ruas, nas famílias, nos locais de trabalho e na sociedade como um todo, o que exige vigilância e empenho, para ampliar sua noção de humano humanizado, que tem voz de sujeito e não se submete a ser mero objeto de algum sistema opressor.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- _____. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ÁGUAS, Agência Nacional e MARINHO, Fundação Roberto. **Caminho das Águas: Conhecimento, Uso e Gestão**. Rio de Janeiro: Ipsis Gráfica e Editora S.A, 2006.
- ALMEIDA, Jorge de. **Crítica Dialética em Theodor Adorno: Música e Verdade nos Anos Vinte**. São Paulo: Ateliê editorial, 2007.
- ALVES, CASTRO. **Obras Completas de Castro Alves**. Rio De Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1921.
- ANTAS Jr, Ricardo Mendes. **Território e Regulação: Espaço Geográfico, Fonte Material e Não-Formal do Direito**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- BACH, Jonas. **Fenomenologia de Goethe e Educação: a filosofia da educação de Steiner**. Curitiba: Lohengrin, 2017.
- BÍBLIA SAGRADA**. Utah: Intellectual Reserve, 2015.
- BOFF, Leonardo. **A Busca de um Ethos Planetário**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2012.
- _____. **Reinventando a Educação**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2012.
- _____. **Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. **Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CALDAS, Marilda Ferreira de Almeida. **Pertencimento Planetário e Emancipação da Vida nas Ciências Ambientais**. 2019. 37f. Dissertação (Mestrado), UFPR, Curitiba.
- CORTINA, Arnaldo. **O Projeto Didático de José Luiz Fiorin para o Ensino de Leitura e de Produção de Texto**. São Paulo: Bakhtiniana, 2015.
- COSTA, Edilson. **A Impossibilidade de uma Ética Ambiental: O Antropocentrismo Moral como Obstáculo ao Desenvolvimento de um Vínculo Ético Entre Ser Humano e Natureza**. 2007. Dissertação (Doutorado), UFPR, Curitiba.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação: Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra – Ideias para um Debate**. Portugal: Fundação Peirópolis, 2000.

HENKLEIN, Ana Paula. **A Educação Física Escolar no Ensino Fundamental: Análise a partir do Currículo Básico e das Diretrizes Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Curitiba**. 2009. 92f. Dissertação (Mestrado), UFPR, Curitiba.

IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky**/Ivan Ivic; Edgar Pereira Coelho (org.) – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

KEIM, Ernesto Jacob. **Ciência como Postura Fenomenológica Goethiana frente aos Métodos Empírico-Analítico (Positivismo) e Crítico**. In *Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida*. Matinhos PR, UFPR. 2017. (acesso em 11/04/2020).

_____. **Comunicação em Horário de Orientação**. Guaratuba: UFPR, 2020^a.

_____. **Comunicação Oral Durante Processo de Orientação**. 2019.

_____. **Comunicação Oral em Processo de Orientação**. Matinhos: UFPR, 2020 a.

_____. **Educação Ambiental como Educação do Ambiente e da Emancipação da Vida, Referenciada nos Princípios Eco-Vitais**. In *Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida*. Matinhos PR, UFPR. 2017. (acesso em 12/04/2020).

_____. **Emancipação Humana Frente à Banalização do Mal**. In *Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida*. Matinhos PR, UFPR. 2019. Disponível em <<http://profjacob.com.br>. Power Point. Bloco 4 Apresentação 4.1>. Consultado em 03/05/2020.

_____. **Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida**: Apresentação 3.3 Humanização da Ciência como reação Anti-Colonial.

Matinhos PR, UFPR. Power Point. Disponível em <http://profjacob.com.br>. (acesso em 01/04/2020).

_____. **Pedagogia do Cuidado e a Educação da Emancipação da Vida**. In Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida. Matinhos PR, UFPR. 2018. Disponível em <<http://profjacob.com.br>> Power Point. Bloco 2 Apresentação 2.4. Consultado em 15/08/2018.

KEIM, Ernesto Jacob; SANTOS, Raul Fernando dos. **Educação e Sociedade Pós-Colonial: Linguagem, Ancestralidade e o Bem Viver**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NOVAES, Henrique Tahan. **Colapso do Meio Ambiente e Potencialidades Anticapitalistas da Luta Ambiental**. Lutas Sociais, [S.l.], v. 22, n. 41, p. 294-305, jan. 2020. ISSN 2526-3706. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/ls/article/view/46684>. Acesso em: 27 fev 2020.

RODRIGUES, Osvaldino Marra. **Repensar a técnica e a subjetividade: entre Hannah Arendt e Hans Jonas**. Discusiones Filosóficas. Año 12 N° 18, enero-junio, 2011, pp.173-186.

SANTOS, Ana Cristina Batista dos; OLIVEIRA, José Arimatés de. **Concepções de administração e administrador em tempos de capitalismo flexível: uma abordagem crítica**. Cad. EBAPE. BR vol.13 nº.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 2015
SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Circuitos Espaciais de Produção: Um Comentário**. SOUZA, M. A; SANTOS, M. A construção do espaço. São Paulo: Nobel, 1986.

_____. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. **O Espaço Dividido**. Rio de Janeiro: Edusp, 2004.

_____. **O Retorno do Território**. SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura. Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. **Por uma Outra Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Por uma Outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

SCHNORR, Giselle Moura. **Filosofia no Ensino Médio: Reflexões a partir de uma Experiência Filosófica Libertadora**. 2009. 86f. Dissertação (Mestrado), UFPR, Curitiba.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Reinventando a Educação para Reinventar a Mídia**. São Paulo: Revista Eca, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Educação: Diversidade, Descolonização e Redes**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

SOUSA, JOSE ROBERTO SILVA DE. **Gestão Documental em Instituições Privadas: O Déficit no Reconhecimento de sua Importância**. João Pessoa: UFPB, 2017.

VIANNA Neto, Arnaldo. **Literatura, Humanidade, Humanização: A Plenitude da Condição Humana**. Rio de Janeiro: Revista Gragoatá, 2014.

VIEIRA Ouriques, Evandro. **A Emancipação Psicopolítica frente ao Trauma Epistêmico e a Teoria da Comunicação**. Equador: CIESPAL, 2016.

ZITKOSKI, J. **Educação e emancipação social: um olhar a partir da cidade educadora**. Revista Espaço pedagógico, v. 13, n. 1, p. 9-18, 6 ago. 2018.

A Carta da Terra. <https://antigo.mma.gov.br/educacao-ambiental/pol%C3%ADtica-nacional-de-educac%C3%A7%C3%A3o-ambiental/documentosreferenciais/item/8071-carta-da-terra.html> (acesso em 20/02/2021).

ROSENFELD, Anatol. Introdução. In: SCHILLER, Friedrich. **Cartas sobre a educação estética da humanidade**. São Paulo: E.P.U., 1991, p. 07-34.

SCHILLER, Friedrich. **Cartas sobre a educação estética da humanidade**. São Paulo: E.P.U., 1991.

Schiller F. **A educação Estética do Homem**. São Paulo: Editora Iluminuras; 2011, p. 18.

Gallian DMC; Ponde LF, Ruiz R. **Humanização, humanismos e humanidades: Problematicando conceitos e práticas no contexto da saúde no Brasil**. Revista Internacional de Humanidades Médicas. Madrid. 2012;1(1).

TRISTÃO, Martha. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 251-264, maio/ago. 2005.

ANEXOS

Como anexo, apresento a transcrição cronometrada do diálogo estabelecido entre os estudantes dos dois grupos alvos dessa investigação.

Transcrição do 1º ano do ensino médio em curso técnico de informática noturno

0:00 a 0:24 (silêncio)
 0:25 a 0:27 (professora fala)
 0:26 a 0:28 (estudantes falam)
 Oi professora.
 0:29 a 0:30 (professora fala)
 0:31 a 0:32 estudantes falam
 Oi professora. Tudo.
 0:33 a 0:37 (professora fala)
 0:38 a 0:39 (estudantes falam)
 Oi professora.
 0:40 a 0:41 (professora fala)
 0:42 a 0:43 (estudantes falam)
 Oi.Oi.
 0:44 a 1:07 (professora fala)
 1:08 a 1:10 (estudantes falam)
 Tudo professora.
 1:11 a 1:14 (professora fala)
 1:15 a 1:17 (estudantes falam)
 Oi... Oi...Tudo sim. E você?
 1:18 a 1:21 (professora fala)
 1:22 a 1:23 (estudantes falam)
 Eu bom..
 1:24 a 1:45 (professora fala)
 1:46 a 1:48 (estudantes falam)
 Tá tudo certo.
 1:49 a 1:52 (professora fala)
 1:53 a 1:54 (estudantes falam)
 Tudo bem e você?
 1:55 a 2:01 (professora fala)
 2:02 a 2:03 (estudantes falam)
 (risos)
 2:04 a 2:09 (professora fala)
 2:10 a 2:14 (estudantes falam)
 Bem...Acho que bem, na medida do possível..
 2:15 a 2:41 (professora fala)
 2:42 a 2:45 (estudantes falam)
 Sim professora.Aham.
 Oi professora!!! Boa noite!!! professora.
 2:46 a 2:47 (professora fala)
 2:48 a 2:49 (estudantes falam)
 Tudo.
 2:50 a 2:56 (professora fala)
 2:57 a 2:58 (estudantes falam)
 Eita!
 2:59 a 3:00 (professora fala)
 3:01 a 3:01 (estudantes falam)
 Foi eu professora.
 3:02 a 3:24 (professora fala)
 3:25 a 3:27 (estudantes falam)
 Claro. Exe!
 Sobre o quê?
 Passa pra um, nós tenta..
 3:28 a 3:31 (professora fala)
 3:32 a 3:33 (estudantes falam)

Nóis num é bão né? Mais nóis tenta.

3:34 a 4:32 (professora fala)

4:33 a 4:34 (estudantes falam)

Eu só penso que joga pra outra.

4:35 a 4:36 (professora fala)

4:37 a 4:38 (estudantes falam)

(risos)

4:40 a 4:42 (professora fala)

4:43 a 4:44 (estudantes falam)

(risos)

4:45 a 4:46 (professora fala)

4:47 a 4:57 (estudantes falam)

Pensa assim ó professora: tem três mochilas e um tem que carregar mais... Eu dou as duas mochilas pro outro e vou sozinho sem nenhuma.

(risos)

4:58 a 4:59 (professora fala)

4:50 a 5:03 (estudantes falam)

Ele é o que...Ele é o ligero do...do grupo.

(risos)

É o folgado mesmo.

5:04 a 5:05 (professora fala)

5:06 a 5:09 (estudantes falam)

É o folgado. O bom né...o folgado...

O famoso folgado.

5:10 a 5:13 (professora fala)

5:14 a 5:35 (estudantes falam)

Ô professora, a cê poderia explicar pro Julio...o que significa barbárie?

Ai...ainda bem que alguém perguntou...

(risos)

Aham... Ainda bem que alguém perguntou.

(risos)

Eu tava tentando abrir no google agora pra ver o que que é...

(risos)

Bem isso.

(risos) Eu não consegui pesquisar também...

(risos)

5:36 a 5:58 (professora fala)

5:59 a 6:09 (estudantes falam)

Ô pro! Num sei professora Aman..Amancipação. É assim que se fala?! Acho que é né!? Não é....aquele negócio...quando você...tipo...não sei por que...uma vez a minha irmã pediu pra ser a-man-ci-pa-da.

6:10 a 6:11 (professora fala)

6:12 a 6:20 (estudantes falam)

Quando você fica maior de idade, sendo menor, tipo...seus pais assinam um papel falando que você tem total responsabilidade como se você já fosse de maior. Não é isso?!

6:21 a 6:23 (professora fala)

6:24 a 6:25 (estudantes falam)

Parecida a palavra...parecido...

6:26 a 6:45 (professora fala)

6:46 a 6:47 (estudantes falam)

Ah...

6:48 a 6:49 (professora fala)

6:50 a 6:51 (estudantes falam)

Nada a vê que eu falei, mas ok.

6:52 a 6:53 (professora fala)

6:54 a 6:55 (estudantes falam)

(risos)

6:56 a 6:57 (professora fala)

6:58 a 6:59 (estudantes falam)

Nossa...por que que eu fui falar...

7:00 a 7:03 (professora fala)

7:04 a 7:18 (estudante fala)

Péra barbárie...é tipo...

Barberi é então, aquela pessoa que é mais fechada? É tipo mais na dela. Seria mais ou menos assim...

Então eu sou totalmente a outra palavra porque olha, não paro quieto. Meu senhor!!! Meus amigos até surta comigo.

7:19 a 7:38 (professora fala)

7:39 a 7:40 (estudantes falam)

Hum...entendi...

Então é uma pessoa ruim?

7:41 a 7:49 (professora fala)

7:50 a 7:52 (estudantes falam)

Eu vou matar um ser desse...

7:53 a 7:54 (professora fala)

7:55 a 7:56 (estudantes falam)

Come na porrada um ser humano desse...

7:57 a 8:00 (professora fala)

8:01 a 8:02 (estudantes falam)

Ah... Sim. Sim.

8:03 a 8:06 (professora fala)

8:07 a 8:08 (estudantes falam)

Uhum..entendi...

8:09 a 8:19 (professora fala)

8:20 a 8:27 (estudantes falam)

Eu sou emancipação.

Primeira opção.

Esse daí, o primeiro.

(risos)

8:28 a 8:29 (professora fala)

8:30 a 8:32 (estudantes falam)

Eu não sei falar professora. Eu não sei falar isso

(risos)

8:33 a 8:34 (professora fala)

8:35 a 8:50 (estudantes falam)

Emancipação.

Emance..eman...emane...emane...emane...não sai...

Emancipação.

8:51 a 9:24 (professora fala)

9:25 a 9:26 (estudantes falam)

Eu sou emancipada memo.

9:27 a 9:47 (professora fala)

9:48 a 9:52 (estudantes falam)

Tem como repetir???

Eu não entendi direito também. É.

9:53 a 10:04 (professora fala)

10:05 a 10:11 (estudantes falam)

O que é isso a alienação???

É. Eu ia perguntar agora.

10:12 a 10:13 (professora fala)

10:14 a 10:15 (estudantes falam)

Professora o quê que é argumento quê?

10:16 a 10:17 (professora fala)

10:18 a 10:19 (estudantes falam)

Uma pessoa que alie a outra?

10:20 a 10:21 (professora fala)

10:22 a 10:28 (estudantes falam)

Eu achei que era alguma coisa em tróbolis ou alguma coisa algo... misterioso....

Pois é eu pensei que era alguma com ET??? Alguma coisa assim...

10:29 a 10:30 (professora fala)

10:31 a 10:38 (estudantes falam)

Tem!?

(risos)

Nossa! Acertei!!! Meu Deus!

(risos)

Eu acho que só o início tá bom...

(risos)

10:39 a 11:02 (professora fala)

11:03 a 11:05 (estudantes falam)

É esse negócio do ET.

11:06 a 11:07 (professora fala)

11:08 a 11:09 (estudantes falam)

Esse negócio do ET. O último lá que eu chequei.

(risos)

11:10 a 11:11 (professora fala)

11:12 a 11:13 (estudantes falam)

Mais ou menos.

11:14 a 11:19 (professora fala)

11:20 a 11:26 (estudantes falam)

A agressividade não me assusta tanto, porque muita gente é agressivo... eu, eu me encaixo nesse padrão...então acho que é por isso que eu não me...me...eu acostumo com a agressividade.

11:27 a 11:30 (professora fala)

11:31 a 11:32 (estudantes falam)

Pouquinho...talvez...

(risos)

11:33 a 11:28 (professora fala)

11:29 a 11:49 (estudantes falam)

Eu fico num...num...

Psicopatia é o nome.

Eu não falei psico...não, não é que eu não tenho paciência com gente que se FAZ de idiota, odeio isso...aí eu mantenho agressivo....mas eu tenho esse negócio de tê-la, isso me dá me dá raiva...

11:50 a 11:56 (professora fala)

11:57 a 12:14 (estudantes falam)

Não...eu tipo...eu não que me...eu não gosto de pessoas que tipo não expõe a opinião, esse último do ET lá...tanto faz o mundo tá acabando e...não dá opinião alheia, isso me irrita porque todo mundo devia falar o ponto de vista.

12:15 a 12:16 (professora fala)

12:17 a 12:21 (estudantes falam)

Hummm...

Que...ninguém consegue nada de boca fechada; na minha opinião.

12:22 a 12:28 (professora fala)

12:29 a 12:36 (estudantes falam)

Ah...hum...hoje mesmo...mas é que ...peca muito na minha Memo...eu normalmente sou muito amigo...se ninguém conversar comigo, eu não converso com ninguém...

12:37 a 12:46 (professora fala)

12:47 a 12:53 (estudantes falam)

Ah seria mais...a...a agressão assim.. eu não gosto...digamos...verdade.

12:54 a 12:55 (professora fala)

12:56 a 12:57 (estudantes falam)

Uhum.

12:58 a 12:59 (professora fala)

13:00 a 13:17 (estudantes falam)

A..o Julio tá quietão aí.. o Julio quer falar...

Vai Karlão...sua vez fala Karla.

(risos)

vixi...

Vai Karlinha: ET, passividade ou... porrada na cara?

(risos)

Porrada na cara. ET.

(risos)

Quanto heim...

13:18 a 13:22 (professora fala)

13:23 a 13:24 (estudantes falam)

Acho que sim.

13:25 a 13:29 (professora fala)

Horra gente!!!

(risos)

13:30 a 13:37 (professora fala)

13:38 a 13:49 (estudantes falam)

Ó, ultimamente, 24 horas.

Bemm...difícil.

Pra mim nada, quase.

13:50 a 13:51 (professora fala)

13:52 a 13:52 (estudantes falam)

Eu nem uso quase.

13:53 a 13:54 (professora fala)

13:55 a 13:56 (estudantes falam)

Eu tô no meio do mato, então...daí, agora eu tô usando mais... Entendeu?

(risos)

13:57 a 14:02 (professora fala)

14:03 a 14:09 (estudantes falam)

É... eu tô usando...porque não tem nada aqui para fazer aqui no meio do mato!? Então a gente tem que...ficar na internet.

(risos)

Meio do mato

(risos)

14:10 a 14:13 (professora fala)

14:14 a 14:20 (estudantes falam)

Ela define bem né...ela define bem né: no meio do mato!

Mas é gente.

É bem definido.

Isso que dá se muda no meio do mato.

14:21 a 14:22 (professora fala)

14:23 a 14:26 (estudantes falam)

Agora, tô morando em Quitandinha...

Ai me mudei gente!!!

14:27 a 14:28 (professora fala)

14:29 a 14:30 (estudantes falam)

Em Quitandinha, no...no fim do mundo professora, professora.

14:31 a 14:35 (professora fala)

14:36 a 14:39 (estudantes falam)

(risos)

É uma cidade professora.

(risos)

14:40 a 14:41 (professora fala)

14:42 a 14:43 (estudantes falam)

(risos)

Já ouvi falar dessa cidade.

14:44 a 14:45 (professora fala)

14:46 a 14:47 (estudantes falam)

Eu me mudei...Infelizmente!

14:48 a 14:50 (professora fala)

14:51 a 14:53 (estudantes falam)

Sim. Mas ano que vem eu vou embora dessa merda...

É mesmo.

14:54 a 14:55 (professora fala)

14:56 a 14:57 (estudantes falam)

Oi?

14:58 a 15:05 (professora fala)

15:06 a 15:11 (estudantes falam)

Ah, Eu sou bem calmo...tranquilo.

É.

15:12 a 15:13 (professora fala)
 15:14 a 15:19 (estudantes falam)
 Sei lá...num sei...
 (risos)
 15:20 a 15:21 (professora fala)
 15:22 a 15:23 (estudantes falam)
 Oi...
 15:24 a 15:25 (professora fala)
 15:26 a 15:26 (estudantes falam)
 Não...não uso quase.
 15:27 a 15:35 (professora fala)
 15:36 a 15:38 (estudantes falam)
 Na verdade bem pouco professora, mas...
 15:39 a 15:40 (professora fala)
 15:41 a 15:52 (estudantes falam)
 Não professora...não, pior que não. Tipo...mais trabalho que mexo na coisa.
 15:53 a 15:54 (professora fala)
 15:55 a 16:10 (estudantes falam)
 Olha professora...nessa semana se tem de segunda a sexta é...terça é tik tok, pego o whatsapp o outro é o
 terça é o...o...
 (risos)
 É literalmente
 Minha vida é resumida tipo tik tok, facebook, o instagram e o netflix.
 16:11 a 16:12 (professora fala)
 16:13 a 16:16 (estudantes falam)
 Sábado e domingo eu não posso porque tenho que trabalha...
 16:17 a 16:20 (professora fala)
 16:21 a 16:22 (estudantes falam)
 Eu não uso professora.
 16:23 a 16:24 (professora fala)
 16:25 a 16:26 (estudantes falam)
 Não.
 16:27 a 16:29 (professora fala)
 16:30 a 16:40 (estudantes falam)
 Ah, eu tenho mais tipo...ah...mais é bobagem.
 É um equilíbrio professora, enquanto uns usam demais outros us... nem usa.
 16:41 a 16:42 (professor fala)
 16:43 a 16:45 (estudantes falam)
 Oi ó...que nem eu perguntei mas não uso também.
 16:46 a 17:25 (professora fala)
 17:26 a 17:36 (estudantes falam)
 Bom, eu não assisto TV.
 Eu também não, só assisto sessão da tarde, mais ou menos.
 Também não.
 (risos)
 Eu não assisto, eu parei de assistir.
 17:37 a 17:38 (professora fala)
 17:38 a 18:07 (estudantes falam)
 Porque só fala de duas coisa. Agora tem né: a pandemia, o...o presidente lá que perdeu...e acidente e morte,
 só isso que fala ultimamente.
 Verdade professora, eu não... tô perdendo nada demais nisso.
 Então eu parei de assisti...ninguém mais se importa com ninguém...o covid, o outro que perdeu e morte,
 pronto, só isso que se resume a tv, parei de assistir isso, então não me influencia em nada, eu nem sei o
 que tá acontecendo.
 No máximo que eu assisto assim série, filme, desenho...
 É isso aí...muito eu.
 É só...só na de boa.
 Muito eu.
 18:08 a 18:10 (professora fala)
 18:11 a 18:33 (estudantes falam)

Ah...foi o que eu falei né...é tik tok, facebook, instagram e netflix...não influencia muito porque...são coisas que já tavam com a gente há tempo, pelo menos por mim, não influencia muito. Só fazê cagada mas isso aí é...

(risos)

Ela coloca o tik tok.

(risos)

Tipo...corta cabelo, raspa sobrancelha...

18:34 a 18:35 (professora fala)

18:36 a 19:15 (estudantes falam)

Tik tok.

É o tik tot.

(risos)

De você e de todo mundo.

(risos)

Na verdade...

Eu num sô, eu num sô desse troço aí...

Na verdade eu

Sai pra lá...baixo do caraio...

Eu tô aprendendo um monte de coisa de governo no tik tok dos Estados Unidos essas coisas porque essas pessoas faz mêmê tudo... entendeu? Tem as pessoas que escrevem um livro que dá pra ver o que é política professora!?

Ah, eu num gosto de fica me metendo nesse bagulho de política.

Eu nem preciso assistir tv porque...no site de fofoca do facebook, aparece tudo as notícia...por isso não precisa.

Isso...

19:16 a 19:21 (professora fala)

19:22 a 19:36 (estudantes falam)

Eu sou mais netflix no momento.

Ou o povo fofoqueiro da rua que conta.

É. As vizinha tá ligado?

(risos)

Sempre tem umas tia, tá ligado?

A tia aqui, é a vizinha do lado.

Uhum.

19:37 a 19:54 (professora fala)

19:55 a 19:56 (estudantes falam)

É o quê?

19:57 a 20:09 (professora fala)

20:10 a 20:11 (estudantes falam)

Transformando no quê?

20:12 a 20:14 (professora fala)

20:15 a 20:26 (estudantes falam)

Tipo, cê vê alguma coisa...se vê um ator famoso, fazendo um vídeo de tik toca lá...fazendo isso...cê qué imita ele...

Você qué copião...

Seria tipo isso?!

20:27 a 20:43 (professora fala)

20:44 a 21:03 (estudantes falam)

Eu acho que é tentar te mostrar o que é mais relevante no... momento.

É criar uma plataforma nova ou renovar um aplicativo que...já não tem tanto interesse, tipo, o tik tok é um exemplo é um aplicativo que ninguém num usava antes que era o music né? Aí caiu com a quarentena foi transformado em tik tok tipo...renovam.

21:04 a 21:09 (professora fala)

21:10 a 21:15 (estudantes falam)

Uhum...Querendo ou não se vai ser pego no boot.

21:16 a 21:28 (professora fala)

21:29 a 21:44 (estudantes falam)

Ah, daí vem twitter, instagram, snapchath, essas outras redes social aí.

Existe isso ainda?!

É. Snapchat.

Infelizmente...

Pois é, eu nunca mais mexi...só mexi no instagram agora....

21:45 a 21:56 (professora fala)

21:57 a 22:00 (estudantes falam)

É jogada de marketing né?

Eles vão fazer um novo aplicativo.

22:01 a 22:05 (professora fala)

22:06 a 22:07 (estudantes falam)

Pode fazer professora.

22:08 a 22:22 (professora fala)

22:23 a 22:29 (estudantes falam)

Cê pode repetir, por favor?

É pra tipo explicar o que a escola influencia?

22:30 a 22:54 (professora fala)

22:55 a 23:00 (estudantes falam)

Ah, pra prepara você em uma...tipo em uma pessoa preparada uma pessoa...

23:01 a 23:02 (professora fala)

23:03 a 23:04 (estudantes falam)

É uma direção?

23:05 a 23:06 (professora fala)

23:07 a 23:52 (estudantes falam)

Sim, porque o colégio...na verdade ele é um caminho...né tipo, você cria uma rotina e essa rotina vai te mudando conforme os anos vai passando né...tipo, ninguém que entrou no sexto ano tá igual agora no primeiro...assim...

Verdade isso.

E eu tenho certeza que até chegar no quarto ano...né, temos a Karlinha, que vai nos abandonar... né Karla?

Verdade...

(risos)

Vai estar igual. A gente vai mudar de novo...eu acho que é um, é um natural né? É a transformação do colégio, e conforme vai passando os anos vai nos mostrando as amizades, as falsidades, os desafios, raciocínios, é tudo um conjunto assim...um pacote completo que joga em você.

Verdade.

23:53 a 23:58 (professora fala)

23:59 a 24:04 (estudantes falam)

É gente se eu me empolgar num paro de falar mais...

(risos)

24:05 a 24:10 (professora fala)

24:11 a 24:11 (estudantes falam)

Ihulll!!

Pode falá professora, pode falá...

24:12 a 24:14 (professora fala)

24:15 a 24:16 (estudantes falam)

(risos)

vixi...

24:17 a 24:40 (professora fala)

24:41 a 24:45 (estudantes falam)

Uhum.

O Caio também. Gabriel. Cabral.

O Caio também.

Gabriel Cabral.

24:46 a 24:48 (professora fala)

24:49 a 24:50 (estudantes falam)

Ah não. Serei eu, o Alfredo...

24:51 a 24:55 (professora fala)

24:56 a 24:57 (estudantes falam)

Não.

24:58 a 25:04 (professora fala)

25:05 a 25:06 (estudantes falam)

Uhum.

25:07 a 25:16 (professora fala)

25:17 a 25:18 (estudantes falam)

Verdade professora.

25:19 a 25:28 (professora fala)

25:29 a 25:37 (estudantes falam)

Sim, já quase, já quase fui reprovada uma vez porque o professor não gostou de mim. Ai que ódio!

25:38 a 25:39 (professora fala)

25:40 a 25:54 (estudantes falam)

Ui. Que ódio daquele professor. Pense.

Aí é ruim heim.

Nossa...

Nossa, é muito ruim quando o professor pega...birra de você.

Simmmmm...

Verdade.

Nossa que raiva...Quando você provoca é uma coisa, mas quando tu não faz nada, dá mais revolta ainda.

Verdade.

25:55 a 26:02 (professora fala)

26:03 a 26:13 (estudantes falam)

Por aí, acho que umas nove ou dez.

O quê?? Disciplina!?? É treze. Não é?

Acho que é treze.

É...eu acho que é treze mesmo.

26:14 a 26:22 (professora fala)

26:23 a 26:53 (estudantes falam)

Acho que emancipados.

Emancipados.

Acho que hummm...emancipados né?

Eu acho que só tem meninas que eu não...curto muito, mais vou deixar em off, mais sabe assim...é legal.

(risos)

Não tem um professor que eu num...que eu num goste, gosto de todos, realmente.

Não, não é que eu não gosto. Eu acho muito grosso.

A modo de...tendi...tendi...

É. Eu num...sei lá.

26:54 a 27:16 (professora fala)

27:17 a 27:49 (estudantes falam)

Sim.

Sim.

Ô Helder! Oi...

Então, mas foi o que eu falei, não é que esse...que não é...esse jeito... ah sei lá...a forma da grosseria mesmo.

Vanessa de geografia.

Quem de geografia?!

Vanessa.

Verdade! A Vanessa cara!

Então. A Vanessa é legal. Nem vem! Sabe por quê? Ano passado ela chego a taca uma garrafa na nossa sala e a gente amava aquela professora. Meo!! Era muito legal, ela era grossa, mais ela era legal, ela era uma grossa-legal, é diferente. Entendeu?

Esse papo tá meio estranho...

(risos)

27:50 a 27:55 (professora fala)

27:56 a 28:04 (estudantes falam)

Uhum.

Sim. É, sou.

Entendi professora.

Uhum.

28:16 a 28:12 (professora fala)

28:13 a 28:14 (estudantes falam)

Eu era do primeiro E professora.

28:16 a 28:17 (professora fala)

28:18 a 28:32 (estudantes falam)

Eu ainda tenho, eu tenho umas matéria do primeiro E ainda no meu celular aqui.

Meeu senhor!

Piripi.

Não, é que aparece no...no classroom. Eu entro no...no coiso, tá lá!
Ai meu Deus!!! Meu gato ligou minha câmera. Ai, meu Deus do céu.

(risos)

28:33 a 28:34 (professora fala)

28:35 a 28:43 (estudantes falam)

É tudo...tá tudo escuro. Oi pai?

Não, ele ligou mas eu já desliguei a câmera.

Não, tô...na chamada com a professora...

28:44 a 28:45 (professora fala)

28:46 a 28:50 (estudantes falam)

Ela tá fazendo pergunta, nós tamu respondenu...

!!!!Polêmica vindo por aí!

Ixi!

28:51 a 28:55 (professora fala)

28:56 a 29:03 (estudantes falam)

Bom...não to estudando, tô...conversando com a professora.

O outro tá numa discussão ali péra.

29:04 a 29:05 (professora fala)

29:06 a 29:11 (estudantes falam)

É. Eu falei.

Tá, manda professora faz outra pergunta.

29:12 a 29:52 (professora fala)

29:53 a 30:34 (estudantes falam)

Ah professora, é uma pergunta que varia né? Porque é assim...

É.

Tem momento que é de boa e têm momentos que é treta, têm momentos que é loucura e têm momentos que é de boa, depende muuuito das pessoas.

Mas todos são legal, a gente fica lá...

É. Eu já não concordo com a Karla.

Ah i...

Mas eu sou de paz com todo mundo. Mas...

Verdade.

Mas...têm pessoas que provocam brigas às vezes que eu não acho assim, não tá aqui tá, só pra deixar claro, não é ninguém aqui.

Eu já provoquei briga!?

Não, foi o que eu falei, não é ninguém que tá aqui, é que já provocaram comigo por isso que eu falei. Varia muito, é...a Karla sabe disso, eu já contei pra você.

Sim.

30:35 a 30:45 (professora fala)

30:46 a 30:58 (estudantes falam)

Não. Amancipação porque todo mundo é um pouquinho idiota.

É.

Mas um idiota legal. Divertido.

Sim.

(risos)

Fala a verdade, eu entrei na sala bem no início que começou essa pandemia aí, então eu não vô sabê pô...

30:59 a 31:01 (professora fala)

31:02 a 31:05 (estudantes falam)

Eu era do primeiro E.

Ei, esse Helder não tava no nosso colégio antes?

31:06 a 31:07 (professora fala)

31:08 a 31:17 (estudantes falam)

Tava, tava, eu sempre estudei no Joaquim desde sexta. Eu estudava de manhã.

Eu num lembro gente...eu não lembro de ninguém chamado Helder...

Eu era do...eu era do de manhã...eu era do de manhã.

31:18 a 31:51 (estudantes falam)

Eu já te conhecia Helder?!

Pois é...eu não lembro de nenhum Helder no sexto!?

Jesuís!

Ele entrou depois...ele não entro com a gente...

Ah tá...

Eu entrei no início, eu entrei no...

Agora tô...

Faz mais ou menos uma semana que eu saí...

Ah...

É...saíu um daí eu consegui a vaga.

Vai que eu conversei com você e num lembro.

É pois é isso que eu tava pensando.

Cê converso... comigo...aquele dia que nós conversamu...

Imagine se eu já conversei com ele...

Conversei?!

Conversô...

Eita Karla...

Gente!?

31:52 a 31:55 (professora fala)

31:56 a 31:58 (estudantes falam)

Eita Karla...

Sim, nunca que vi para nós professora.

31:59 a 32:03 (professora fala)

32:04 a 32:18 (estudantes falam)

Ah meu Deus...

Mais ele teve na nossa sala?

Sim.

Ah foi mal...é que eu não sei o nome...por nome eu não decorei...eu não decoro o nome de ninguém...é bem difícil de eu decorar.

(risos)

Bem isso.

Tranquilo.

32:19 a 32:44 (professora fala)

Onde cê sentava?

Onde você sentava lá...eu lembro só do lugar das pessoas,mas eu não lembro das pessoas.

Sentava perto do Caio. Não sentava?

Eu era...eu era atrás do Caio.

Ah!! Eu sei quem você é.

Sim agora eu...

(risos)

Eu sei...

Eu conversava com quem eu conhecia memo lá...então tinha...bem poucos.

Sentava eu, Gabriel, o Caio e o Julio.

32:45 a 32:49 (professora fala)

32:50 a 32:59 (estudantes falam)

Era nós...era nós quatro na...

Gabrielzinho.

Agora eu lembrei quem que é.

Ah tá...eu sei quem você é.

Lembrei.

(risos)

33:00 a 33:02 (professora fala)

33:03 a 33:04 (estudantes falam)

Sim, sim.

33:05 a 33:08 (professora fala)

33:09 a 33:24 (estudantes falam)

Iriiii!!! Pois é né mano!! O loko não dá nem, não dá nem pra fala...

(muitos risos e alegria)

Oi aí! Pai brotô, pai brotô.

Caio estava falando de você...

Terminei, terminei...partiu terminar pra vir...

(risos)

33:25 a 33:26 (professora fala)

33:27 a 34:43 (estudantes falam)

Ô! Aí, aí eu gostei heim... Tavam falano bem né??

Aham, certeza.

(risos)

Cê tive falandu mallll...olha lá...que não vai acontecê nada...olha lá...olha lá que eu não vô fazê nada, se tiver falando mal de mim heim...

Relaxa que eu não vou fazer nada.

Nem tem o quê fazê, nós tava por, por celular. Não tem nem como dá um soco conversá?!

Ah é, eu travo o teu zap, que você não consegue entra...no celular...

(risos)

Que num anda...

Putz grilo.

(risos)

Que nem o vídeo daquela menina lá mano...que ta...tava três horas lá tentando entrá, e o celular travando intero...

Tem aquele whatsapp que eu tentei mandar e travei.

(risos)

É o Julio que foi me manda pra mim.

(risos)

Eu tenho uns amigos meu, que ele que ele tá travano o zap direto, só na zueira...os lazarento.

Se alguém travar minha...se alguém travar meu zap...olha...Mas eu viro um cão...

Opa! Eu vou travar o grupo da escola. Peraí é pra já! Professora. Isso aqui é uma ordem.

Agora apelô!

Opa! Opa!

(risos)

É só manda pro grupo lá, já era mano.

34:44 a 34:46 (professora fala)

34:47 a 34:48 (estudantes falam)

Tá bom psora...

34:49 a 34:55 (professora fala)

34:56 a 35:57 (estudantes falam)

Aô e agora...

Pode fala professora.

34:58 a 35:10 (professora fala)

35:11 a 35:12 (estudantes falam)

Aham.

34:58 a 35:19 (professora fala)

35:20 a 35:55 (estudantes falam)

Pois é...eu, eu só lembrei dele porque...eu lembro do lugar do...do Caio, porque ali onde eu sento, dá pra ver tudo ali.

Todo mundo me conhece cara...

Isso...

Todo mundo me conhece

Como eu sento no fundo dá pra ver todo mundo. Daí eu lembrei porque eu gravo as pessoas pelo lugar.

Isso...

Eu lembrei do...do coisinha porque ele é quieto igual eu.

(risos)

Você é quieta Karla?! Meu Deus Karla quieta aonde?!

A Karla quieta. Aham...

A Karla quieta...

(risos)

Ô gente, vão concordá aí...

(risos)

Ô professora manda aí, deixa a professora falá aí...manda...manda a boa aí...

35:56 a 36:33 (professora fala)

36:34 a 36:36 (estudantes falam)

Ele é muito emancipado...não, já, já vou até responde por ele.

36:37 a 37:04 (professora fala)

Eu??? Cara...eu sou igual o que a Nicole falou professora. Eu sou pessoa, eu sou uma pessoa bem emancipada. Eu não passo dos limite, eu faço a brincadeira assim, mas eu não passo dos limites, sabe? Faço brincadeira cas pessoa, mas se as pessoa não tá...

Aquela vezes não passa né...

Mano, aquela vez ele tava gravando...os piá lá, brigando de mintira lá, aí ele gravando, levou uma muchilada...

(risos)

Foi muito engraçado.

37:05 a 37:06 (professora fala)

37:07 a 37:54 (estudantes falam)

Não lembro que sala que era, eu sei que ele tava gravando aí ele pegou e ainda mandou no, no grupo.

Ah é!!! Mandeí no grupo.

Aham, foi quando ainda o Pablo ainda tava de, de Ca...cadeira de roda, tadinho...

Aham...sou uma pessoa bem de boa professora, que nem, a galera, a galera toda me conhece, sou uma pessoa que se inturma fácil, sou uma pessoa legal, eu acho que na minha visão, sou uma pessoa legal, eu consigo trabalhar com o geral, eu acho que sou uma pessoa emancipada...barbárie, barbárie eu acho que devo sê, bem de vez em quando eu devo tá brabo, mas tirando isso é de boa.

Quando perde uma partida.

Ó, daí, daí é foda né cara.

(risos)

Aquele dia que travou tudo, pelo amor de Deus cara, só levantei daquele computador fui andando lá pra fora do pátio...

37:55 a 38:17 (professora fala)

38:18 a 38:31 (estudantes falam)

Cara, eu acho que é uma pessoa agressiva professora, eu não gosto de pessoa, eu não gosto de pessoa que...como é que fala...que...que briga muito...que briga muito, outra pessoa que é alienada, é a pessoa que faz a cabeça do outro, né professora?

38:32 a 38:36 (professora fala)

38:37 a 39:30 (estudantes falam)

Não liga pra nada é tipo...pra nada mesmo.

Ah então essa pessoa, essa pessoa é maluca pra mim, vai tipo...eu acho que eu não gosto de pessoa agressiva sabe professora. Eu sou, eu sou bem calma em geral, pra eu ficar bravo ou sair do sério é bem difícil mesmo, tanto que.... tanto que o Helder que me conhece né cara...

Eu consigo você ficar bravo.

Ah, você é, você é você né cara.

(risos)

É que tipo assim professora, eu sou uma pessoa difícil de sair do sério, mas quando eu saio do sério eu...sai de perto...sai de perto...sou capaz de matar um, mas tipo...eu num gosto, má eu também num gosto de pessoas agressiva. Eu entendo que, as vezes tem gente que, tem gente que é de desses...vai pelo, pela emoção lá, fica brava, sabe que as vezes perde o controle mesmo, tudo bem, tipo, a gente que é brabo que é ignorante de torce mesmo pela educação mesmo que a mãe e o pai deu, cobro não passo longe, nossa senhora, quero nem papo.

39:31 a 39:39 (professora fala)

39:40 a 39:58 (estudantes falam)

Com certeza que o Julio tá no tik tok.

Não são boa professora, sou bom ouvinte professora.

(risos)

É, agora o Julio criou uma conta no, o Julio criou uma conta agora no tico teco né?

(risos)

Como é que é? Como é que é? Já vou lá, já vou lá visita já...

Não, não, não...

(risos)

É que agora ele fica fazendo só aquelas dancinha lá.

(risos)

39:59 a 40:41 (professora fala)

40:42 a 41:13 (estudantes falam)

I professora é ruim, eu moro... A esquina da minha casa tem uma puta valetona aqui, quando alaga é que eu tenho sorte que minha casa é um pouco...

Eu morava a sete ruas.

Verdade, primeira vez que eu fui lá na casa do Caio, quase caí nessa valeta.

(risos)

Uhum, o carro foi fazer a curva lá e quase entrou lá pra dentro...é que tipo assim, quando chove, aquela rua ali parece que dá pra andar de barco. Sorte que a minha rua é um pouco elevada e quando chove, dá aqueles chuvaral do cacete num, num entra água aqui, na rua, na minha rua aqui, mas na rua ali da esquina, meu Deus!!! Dá pra você andar de barco lá.

41:14 a 41:15 (professora fala)

41:16 a 41:48 (estudantes falam)

Minha rua?! Ah é...no carvoeiro.

Eh...cê, cê pega a esquina da minha casa, desce pros quinto dos inferno, cê sai na casa dele.

É verdade, se pega a esquina da casa dele e pega e segue reto até... até...onde o Judas perdeu as bota.

Então, é muito bom que ele usa a casa dele como exemplo. Mas onde é a sua casa?

É isso mesmo.

É na... é na entrada do Castelo, da Vila Esperança..

Então né Karla. Verdade.

Sabe onde é o Mercado do Jumbinho? O antigo Mercado Jumbinho...que agora é Smanhoto?

41:49 a 41:50 (professora fala)

41:51 a 42:04 (estudantes falam)

Agora é Smanhoto. Smanhoto sei lá por aí...é...sétima quadra. É meio impossível você não ver minha casa porque é um triplex.

O loko...

Que pau né?

Chique...

Hum, que chique né?

Uhum...

Por que que você tá no...no...

42:05 a 42:11 (professora fala)

42:12 42:13 (estudantes falam)

Eu acho que o ser humano é um lixo.

42:14 a 42:17 (professora fala)

42:18 a 43:31 (estudantes falam)

Ah...isso é...pra mim é viadagem professora, que quem quer conseguir dinheiro fica desmatando aí e queimando nada a vê pô. Se a gente precisa do bagulho pra viver porque se vai queimar cara?!

Sim, eu acho uma hipocrisia isso...por um ponto.

É, cara quer, o cara quer pensa...o cara pensa em si mesmo.

É, só pensa em si mesmo, não pensa no resto...tipo ele não pensa nos animais???

Isso...

Verdade.

Não pensa nem que tudo isso pode proporcionar pra alguma coisa é que nem tipo, vou dar um exemplo o acidente daquela BR aquela vez... tudo culpa de uma queimada que algum...não vou nem falar ser humano né, porque pra mim não é. E porque um...um...uma praga de uma pessoa foi, e colocô fogo na mata causou várias mortes. Eu acho isso muito arrogante, muita hipocrisia da parte da pessoa que não pensa no próximo, não pensa e isso pode causar...Foi que nem o Caio falou, hum é, desmatam esse negócio ...Botam fogo sendo que a gente precisa e é algo necessário pra nossa sobrevivência. Se acaba nós morre, num, num faz sentido o ser humano é muito burro! Meu Deus! Eu Fico indignada com tudo isso, eu fico indignada! Cá burrice do ser humano, a capacidade de egoísmo...ui! povo burro!!!

Demais velho...

43:32 a 43:34 (professora fala)

43:35 a 44:44 (estudantes falam)

Não vô fala nada não psora.

(risos)

Fala Julio, nós quer ouvi você.

Fala Julio...

É.

Espero que ouvi a sua voz, não seja um...como é que é o nome aquele negócio lá? Não seja os negócio do ET.

(risos)

Alienada.

Isso alienada.

Pare.

Parei pra você vê.

Eu vô falá o que minha avó sempre dizia: uma boca pra falá e duas p...e...e duas orelha pra ouvi então eu vou fazer o aproveitamento que Deus me deu. Vou ficar ouvindo vocês aí pra...porque a gente falando, a gente não vai receber conhecimento, entendeu? Então eu vô...

Pô, isso é bom né? Só eu falando...

(risos)

Nóis qué ouvi a sua opinião...isso não tem nada a ver.

É, exatamente. Não é nem por reconhecimento, é só pra você fala memo. Se você não falar também não vai adiantar nada, se você fala talvez alguém escute...e passe pra frente. Do que você fica quieto e não falar sobre isso.

Entendeu? Entendeu?

(risos)

Verdade.

Os cara fica passando lição de moral.

Lição de moral!

44:45 a 45:01 (professora fala)

45:02 a 46:11 (estudantes falam)

Eu acho que já num tá mais não.

Misericórdia! Não é possível!

Ó, entra, entra aquele mesmo assunto do advogado da mulher que lá que foi, que foi estuprada. Às vezes o cara tá fazendo isso, só por dinheiro, mas tipo cara, em questão disso é uma coisa...muito, muito desnecessária você trabalha desmatando um bagulho que você precisa, tá ligado? Então, porque você não ah tipo, eu sei que você não tem muita oportunidade de emprego cara, mas tipo, eu acho melhor arrumar um outro tipo de trabalho em vez de arrumar um trabalho clandestino, queimando mata. Ganha bem? Pode até ganhar, mais se pode tá...pondo em risco a liberdade!

Sim, é a...é a hipocrisia do ser humano. Tipo, você não pensa no próximo e...fazer tudo por ganância.

Tô ligado ó, tô ligado que na Amazônia tem uma época que...tem um época tem que queimar não sei o quê por causa de outra coisa que não sei o quê eu vi uma teoria ontem, não sei se é verdade.

É do próprio sol, não é? Ou é alguma coisa vindo isso.

É algo assim que tem que queimar, porque não sei o quê...eu num sei se é verdade, mas eu acho que é isso.

46:12 a 46:17 (professora fala)

46:18 a 46:19 (estudantes falam)

Aham.

46:20 a 46:27 (professora fala)

46:28 a 46:39 (estudantes falam)

Cêis tem que vê o vídeo daquele, cêis tem que ver o vídeo do...daquele...do... Já viram aquele Charles lá? Aquele maluco lá? Que mexe com...que mexe com bicho, com cobra, que, com leão.

Chiringa lá?

É, não, não. Aquele Charles lá?

46:40 a 46:41 (professora fala)

46:42 a 47:25 (estudantes falam)

É o Richard. Ó, Já viram aquele vídeo lá, que ele vai resgatar? Que ele resgata o...bicho no meio da queimada lá e o bicho morre depois é...é...asfixiado? Vou até achar esse vídeo e mandar pra vocês lá no grupo lá e cêis olha, que pesado que é e como ele fica puto.

Peraí.

Deve tá por aí. Se tiver pelo computador.

Mas é na verdade é uma realidade né? É que nem aconteceu naquele caso lá do coala, aquela onça que foi retirada do...é do...Pantanal?! É do Pantanal né? Lá cas patinha, com as patinha tudo queimada, infelizmente é uma realidade que tá se tornando né... O ser humano tá acabando com o mundo, não é o mundo que vai acabar, é o ser humano que tá acabando com o mundo.

47:26 a 47:33 professora fala

47:34 a 47:35 (estudantes falam)

Ó, deixei lá no grupo lá o que eu falei.

47:36 a 47:53 (professora fala)

47:54 a 48:31 (estudantes falam)

Num vi professora, mais eu...ó professora mais eu...eu sou um ó...mais eu vou falar uma coisa pra vocês:

Cara! Não maltrata bicho perto de mim cara, eu...Eu não consigo...

Sim, é nesses momentos que eu sou uma extrema agressiva. Porque eu não consigo...

Sim.

É porque tipo cara, se você não tem amor em um animal de quatro patas ou em qualquer tipo de animal, você não tem amor em nenhum ser humano. Aos meus olhos.

Pois é.

Porque o bichinho tem que...depende de você. Ele depende, tipo...um, um cachorro, ele precisa de você.

Gato...cachorro...

Gato, tipo...pô, pô meu gato derrubou a câmera aqui porque ele queria comida...porque eu não coloquei comida no pote porque eu vim fazer a aula. Entendeu, daí ele veio me enche o saco pra eu dá comida pra ele?

48:32 a 48:33 (professora fala)

48:34 a 50:22 (estudantes falam)

É isso que eu acho muito, muita, fala...muita hipocrisia, muita arrogância do ser humano tipo...num é nem ser humano.

Cara, eu não sei por que não tem gente que não gosta de animal cara, eu não gosto de...eu num...eu tenho fobia de aranha, só não gosto de aranha, aranha sai e não chega de perto de mim.

Falando em aranha!

Eu também tenho...fobia é diferente...

Ah, hum. É. Falando em aranha...

Falando em aranha eu tava ontem aqui né. E aqui tem né, como aqui é mato, tem muita aranha né...aí, antes de entrar no quarto, gente eu vi uma aranha marron gigante! Na parede, eu quase morri.

Era caranguejera né?

Aham!!! Bicho!!!

Qual é a cor? Cê tem que vê...cê tem que vê...Pode falar Karla.

Gente, o bicho era enorme! Eu quase morri do coração, a mãe foi lá veio correndo, pra vê o quê que era...

(risos)

Falei: mãe do céu! Óia o tamanho dessa aranha! A mãe veio correndo depois chamou o pai. O pai veio teve que pegá o...como que é o nome é...a vassoura. Foi lá tacou a vassoura ali e pegou e já tacou um chinelo já pra vê se matava o bicho.

Ah i...cê tem que vê aqui em casa. Aqui uma... Apareceu aquelas armadeira que pula na cara da gente.

Simm! Sim!

Não, na cozinha assim em cima da pia. Mano com as patinha levantada, velho!!!

Ai, não fala isso. Uia!

Mano eu tenho fobia, pára, eu grito,mano, eu...eu...eu viro mulher, nessas, não, não querendo ofender as mulher não desculpe. Eu dou aqueles berro de mulher que num sai...querendo subir pelas parede de medo.

Eu tenho muito medo.

Eu não julgo você Caio porque eu sou igualzinho.

É bem isso.

É o, mais o meu caso é um pouco pior, porque eu tenho realmente pavor e eu desmaio.

Não! Eu também cara!

Pode ser pequena! Que for, pode ser aquelas aranhinha que come aqueles os mosquitinho pequenininho. Se um...perto de mim, eu passo, eu passo muito mal.

Ah não!!! Essas aranha eu não tenho medo já...mas as aranhona lá não.

Não, mais é porque eu tenho...caso grave mesmo né...é...fobia real mesmo né. É...ui! vamo muda de assunto?!

50:23 a 50:24 (professora fala)

50:25 a 50:31 (estudantes falam)

Karla, ó...

Como é que ficamos nesse assunto...

Pois é? Como é que a gente chegou nesse assunto?

(risos)

O meu, o meu braço tá todo arrepiado aqui.

50:32 a 50:33 (professora fala)

50:34 a 50:35 (estudantes falam)

É. Verdade...

(risos)

50:36 a 51:36 (professora fala)

51:37 a 51:51 (estudantes falam)

Tem tipo...eu não julgo muito uma pessoa barbáre porque eu era muito, aquele tipo nossa, eu era completamente grossa, eu era que nem o Caio falou, eu era aquele tipo de pessoa que ninguém queria ficar perto, que eu era muito grossa nossa senhora, só quem mi conheceu no, no sexto ou sétimo ano sabe disso.

U!

51:52 a 51:56 (professora fala)

51:56 a 54:26 (estudantes falam)

Ah, eu não me aguentava mais.

(risos)

Eu mesmo não tava me aguentando mais.

Eu sou muito chata, por isso que ninguém me aguenta.

Ah não, mais é diferente Karla. Você é uma chata legal, entendeu? Você não era uma chata insuportável que nem eu era. Ai agora a gente se combina mais cedo.

Não sei como a professora Silvia, não sei como a professora Silvia e o Helder me aguentava no sexto ano.

(risos)

Ô Caio.

Não Caio, vô fala.

Ah lá...deixa o...o fala.

Fala Amarildo.

(risos)

Fala...lindo...

Não, pode falar, pode falar.

Não, vou deixar você falar, não tu fala primeiro, pode fala.

Pode fala aí véio.

Fala alguém...pelo amor de Deus.

Fala um dos dois logo, desgraça.

Não, não eu vou fala: O Caio mesmo, porque tipo realmente, eu gostei realmente muito do Caio como amigo, tá ligado? Tanto que hoje em dia eu só começo a falar com o Caio realmente.

Ai que bonitinho! Ai que fofo.

Pra você vê que quando eu cheguei na escola, realmente a primeira pessoa que eu falei foi o Caio. Então tipo, pô! Se não fosse pelo Caio eu...ia ser um...sei lá cara, ninguém ia me conhece nessa escola realmente.

Ai gente eu vô chora...

Tipo

(risos)

Ô...vô chora...

(risos)

Ele que fez com que muita pessoa me conhecesse nessa...nessa escola aí.

Uma coisa né: um amigo do seu amigo vira meu amigo.

É exatamente.

É tudo você...fala com a pessoa certa.

Com eu era, como eu sou o amigo de uma galera, o Helder acaba virando amigo desse pessoal e às vezes o Helder se inturma mais tipo, eu abandono.

Eu sou do tipo, eu sô, eu realmente, eu sou muito ligado, tá ligado? Sou amigo de qualquer um. Cê for conversar comigo, só que eu não sou aquela pessoa que dá iniciativa, eu fico na minha...e o Caio veio em cima de mim pra conversar.

Será que eu sou atirada, será que eu sou atirada demais porque eu chego, eu chego, quando eu cheguei no Joaquim, meu Deus! Eu cheguei conversando com todo o mundo!

Cara! Então, eu também mano!

No primeiro dia eu fiquei quieta, no segundo eu já cheguei e comecei a falar com todo o mundo.

Eu não.

Primeiro dia ficou quieta Karla?!

Karla, você não ficou quieta no primeiro dia!

(risos)

Não, no primeiro dia eu tava com muita vergonha. Eu, eu tava meio quieta.

Meu Deus!

Eu num tava com vergonha que eu conhecia a sala inteira praticamente cara.

Sim, bem isso.

Eu conhecia a sala inteira.

O povo que eu não conhecia era a Karla, o Caio, e aquele o povo que sentava lá na frente, o povo do fundo eu conhecia todo mundo. É impressionante. Se for pra mudar ah...de pessoas nova, pra conhecer pessoas novas eu já conhecia? Que ué?

(risos)

54:27 a 54:40 (professora fala)

54:42 a 55:25 (estudantes falam)

(risos)

Nossa Caio, isso ele não conta.

Ô professora, lembra daquela vez, lembra daquela vez que a gente tava imitando a professora...Irene? na sala de ...

(risos)

Verdade...

Na sala de...sala de...

Recuperação.

Uma vez eu peguei o óculos da professora...

(risos)

Ô gente, ô gente foi na aula de recuperação...viu, conta essa história aí...eu peguei o óculos da professora Silvia no sexto ano e comecei a imitar a professora Irene, não sei se vocês lembram dela. Mas a gente chamava ela de sirene porque ela gritava muito véio...daí eu comecei a gritar na sala, gritar igual ela, daí ela na porta.

(risos)

Eu lembro quando...quando o Caio ele, às vezes ele nem entrava na sala ele ia direto na diretoria.

Uhum.

(risos)

55:26 a 55:27 (professora fala)

55:28 a 55:42 (estudantes falam)

Ô Caio...esse dia aí apareceu a Dani pra depois, imitando ela...

Ah é, ela apareceu atrás de mim uma vez...ela nunca desligava que eu tava imitando ela...

(risos)

Achou que eu tava fazendo cobiça, ainda bem.

Meu Deus...

55:43 a 57:23 (professora fala)

57:24 a 57:26 (estudantes falam)

É essa de amizade que antes não tinha né?

Sim.

57:27 a 57:45 (professora fala)

57:46 a 57:52 (estudantes falam)

Mas isso acontece muito lá...que é a famosa má influência.

Ainda mais quando essa pessoa só tem ela de amigo.

57:53 a 57:54 (professora fala)

57:55 a 59:58 (estudantes falam)

Meu Deus!

O Julio falou!!

(risos)

Oh!!!

Ô professora, eu achava que eu...eu achava que eu...que eu e o Helder era má para o Julio. Mas no fim ele é que é má influência pra gente professora.

Verdade!

(risos)

Verdade.

Ah! Eu nunca sei se sou a boa influência ou se eu sou a má influência... Só sei que eu tô ali.

É.

Bem isso...

Nunca fiz nada.

O Julio só parece tímido, o Julio só aparece tímido.

Só aparece tímido mesmo.

Mas peraí, é tímido no começo né? Depois que conhece...ih!! Pede até pra Pará de...de...fazê...

Verdade.

É, depois que conhece é...de boa.

Eu sou assim, mentira que eu já falo um A pra todo mundo, pode ser um estranho passando na rua eu sou...sou doida igual...

Eu já vou lá, dou oi pra essa pessoa, gente eu não sei nem quem tem...

Não ó, tem o...tem o...que nem o...que nem o...que nem esses dias, tava eu e o Julio e o Helder na rua andando, tanto que a gente até encontra o professor Cassio! Pô, a gente zuava assim falando baixo.

Uhummm...

Eu pego e dô uns altos berro assim...os cara: cala a boca...

No meio da rua ainda.

Ah!!! foda-se. Tô gritando memo.

(risos)

Eu da vida.

Eu tava num negócio na...tava na casa da minha prima. Aí eu fui pra casa da minha madrinha né, que é na mesma rua. Aí eu vi uma menina e um homem né, normal assim, passando aí...e era tipo, bem de manhã, bem cedo assim, aí eu vou lá, tô andando assim, bem mongolóide assim, falo assim: Ô bom dia! Daí eu sem querer... eu saio vida...uma ver...nossa eu senti!

Ah! Eu compremento, eu não sei se é do meu...do meu tipo, mas eu não consigo.

São de Curitiba. Aí eles são meio...são meio, tipo sei lá; estranho sabe, são gente....

Gente de Curitiba é grosso.

Uhum.

Ahamm...Eles, daí eles são, tipo...assim são mó, tipo, meio...mó...mongolóides. Aí eu vejo todo mundo de, cara virada, aí tem dá um bom dia, oi né.

Eu não gosto de ver ninguém de cara fechada, tenho que fazer pelo um em dar risada, se não der risada eu não sossego ali.

59:59 a 1:00:16 (professora fala)

1:00:17 a 1:00:35 (estudantes falam)

Poxa professora, a senhora sabe que um dia desses, tenho uns amigo que pediu pra fazer a apostila deles.

Hum...é...verdade isso.

Verdade.

Ele é tão amigo da gente professora, que ele veio aqui em casa, o Helder trouxe as apostilas dele, eu trouxe as minhas, nós tudo se juntou aqui e fez. Cada um fez duas.

1:00:36 a 1:00:45 (professora fala)

1:00:46 a 1:00:50 (estudantes falam)

(muitos risos)

Professora, se tiver algumas besteira escrita na apostila num ligue não. Agora nós tava num...

(risos)

1:00:51 a 1:01:04 (professora fala)

1:01:05 a 1:02:09 (estudantes falam)

Ô..ô Julio, cê num fico pra toma café né cara? Vó do Caio deu pão amanhecido.

Aham...

Pô cara! Mal sabe como que é o Mirim aqui na minha casa de noite não, loko.

(risos)

Vocês tão falano de comida, tô cum fome agora.

Pois é, muito obrigado gente por me deixar com fome.

É.

(risos)

Aí, brigada mesmo, de coração.

Valeu aí heim.

Os cara ficam me...os cara ficam me zuando porque eu saí de...mais cedo mais mal ele, mal ele que...mais...mal sabem eles, que eu moro perto do Lea cara.

(espanto)

Coragem!!!

Não, o Julio...

(risos)

Julio já era sete e pôco da noite já quando ele chegou.

(risos)

Quando o penal de vocês sumirem na sala, foi o Julio cara! O Julio estudou no Lea, ele é treinado pá essas coisa.

(risos)

Pô, ainda bem que eu não tenho penal né.

Não professora, a gente fala, a gente fala brincano professora.

É brincadeira isso professora.

É que nem o Helder. Eu chamo Helder é baleiudo, mas eu chamo há anos, tipo... não é o bullying...que eu tô...é um apelido carinhoso, eu chamo ele há muito tempo de baleiudo.

É brincadeira de colégio interno.

1:02:10 a 01:02:11 (professora fala)

1:02:12 a 1:02:18 (estudantes falam)

É...é brincadeira de colégio interno sabe. Cada colégio tem uma piadinha.

Tudo na brincadeira.

É.

1:02:19 a 1:02:31 (professora fala)

1:02:32 a 1:02:35 (estudantes falam)

Não, professora, tamo junto professora, não... professora, tô agradecendo.

(risos)

1:02:36 a 1:02:43 (professora fala)

1:02:44 a 1:02:49 (estudantes falam)

É...

É, não pode negar, não pode negar.

Pra me aguenta desde o sexto ano...

É, já é uma caminhada...

1:02:50 a 1:02:52 (professora fala)

1:02:53 a 1:03:02 (estudantes falam)

Ah verdade...ô professora...é...postaram lá no grupo, é reprovada por nota e falta, então, quer dizer que todo o resto tá passado?!

Aham.

1:03:03 a 1:03:13 (professora fala)

1:03:14 a 1:03:22 (estudantes falam)

Tô. Professora, já chegou pra você as tarefas que eu fiz aí?

1:03:23 a 1:03:58 (professora fala)

1:03:59 a 1:04:12 (estudantes falam)

Ô professora, mas aqui fica sem internet e num tem internet porque daí eu moro em Piçarras assim, não tem ninguém de Piçarras aqui, que estuda naquele colégio lá. Na sala não tem, daí complica minha vida, não tenho ninguém daquela sala que...que more aqui.

1:04:13 a 1:04:17 (professora fala)

1:04:18 a 01:04:22 (estudantes falam)

Sim. Não, mas eu só quis falar mesmo.

(risos)

1:04:23 a 1:04:32 (professora fala)

1:04:33 a 1:04:36 (estudantes falam)

Ai meu Deus, ó o aperto no coração.

(risos)

Ui!

1:04:37 a 1:04:38 (professora fala)

1:04:39 a 1:04:41 (estudantes falam)

Sou o primeiro da chamada.

(risos)

1:04:42 a 1:04:59 (professora fala)

1:05:00 a 1:05:03 (estudantes falam)

Ô aqui, sô o número sete né professora? Sô o número sete.

O meu falta bastante professora?

1:05:04 a 1:05:06 (professora fala)

1:05:07 a 1:05:08 (estudantes falam)

E eu professora?

Professora, mentira professora!

1:05:09 a 1:05:10 (professora fala)

1:05:11 a 1:05:15 (estudantes falam)

Ai, chutei a mesa!

I!!

(risos)

Ah...o Helder chutou a mesa.

1:05:16 a 1:05:18 (professora fala)

1:05:19 a 1:05:21 (estudantes falam)

Eu tô indo psora. Eu tenho que leva as apostila. Ah, mais a du...terceiro trimestre tá tudo em dia.

1:05:30 a 1:05:31 (professora fala)

1:05:32 a 1:05:52 (estudantes falam)

A gente tá na apostila professora.

Até o terceiro trimestre?

Professora, sugiro que...sugiro que você não corrija tá? Só dá a nota lá.

(risos)

Tá bom professora, principalmente que a minha letra é bonita.

1:05:53 a 1:05:55 (professora fala)

1:05:56 a 1:05:57 (estudantes falam)

Continuo professora.

(risos)

1:05:58 a 1:05:59 (professora fala)

1:06:00 a 1:06:19 (estudantes falam)

Ô professora, mas é que...

Professora, a minha é um garrancho mas...tô tentando ainda né.

Não, mas é que é assim gente, a minha, eu se...eu escrevo desse jeito porque, eu chega em daltonismo, também isso já encaixa tudo isso, daí...daí, a mulher que eu fazia, treinava, é a...a letra manuscrita, ela via que eu num conseguia fazê mesmo, mas é porque eu não conseguia enxergar as linha, mesmo. Não conseguia...

(risos)

1:06:20 a 1:06:23 (professora fala)

1:06:24 a 1:06:49 (estudantes falam)

Hum, ah, eu usava, mas é que eu tô acostumado a sem. E se coloco me dá muita dor de cabeça.

Ah...eu também sô assim, estragô professora, sentei no meu óculos quebrou.

Então professora...

(risos)

Sim, no começo eu não usava professora, fiquei tão acostumado a ficar sem, que eu num... tenho mais problema tipo...em fica sem, se eu coloco fico com dor de cabeça.

1:06:50 a 1:07:15 (estudantes falam)

É.

Não. E tipo assim ó, eu sou tão acostumado que os bagulho é tudo embaçado pra mim e eu consigo lê de boa assim, se me der um bagulho pra fazê, eu sei.

Gente eu não consigo.

Só que também né, tenho dificuldade de escrevê, e a mulher falou que é melhor eu fazê desse jeito que...Sabe professora, isso foi lá no quinto lá no quarto ano. No terço ou no quarto ano.

1:07:16 a 1:07:17 (professora fala)

1:07:18 a 1:07:32 (estudantes falam)

No terceiro ano, no terceiro ano eu escrevia, mas eu tinha muita dificuldade mesmo...tanto que eu...tanto que eu...tanto que eu...fiquei até de rec...re...recuperação de recuperação né? Cas nota boa né, só pra fazê isso. Daí a mulher falou que não tinha jeito, que eu num, que eu não conseguia lê...

1:07:33 a 1:07:45 (professora fala)

1:07:46 a 1:07:58 (estudantes falam)

Uhum.

(risos)

Sexto, sétimo ano.

Meu Deus! Tá chegando perto do meu nome. Misericórdia!

Alfredo, nós vai virá, Alfredo, nós vai virá médico tá?

(risos)

1:07:59 a 1:08:01 (professora fala)

1:08:02 a 1:08:11 (estudantes falam)

Uhul!

Eu to no top treis.

Eu to no top treis, ihi!!!

Aí ó, falta quanto pra mim passa professora, falta quanto pra mim passa?

1:08:12 a 1:08:22 (professora fala)

1:08:23 a 1:08:35 (estudantes falam)

Sim professora, tô fazendo já. Tô fazendo já, eu já fiz o...o classromm...

Sim, mas reprova mesmo esse ano?!

Tanto que eu deixei, tanto que eu deixei até as matéria de informática de lado, pra fazê as da normal aqui.

Tipo biologia...

Ô professora, reprova mesmo?!

1:08:36 a 1:08:38 (professora fala)

1:08:39 a 1:08:40 (estudantes falam)

Ave Maria...

1:08:41 a 1:08:55 (professora fala)

1:08:56 a 1:10:04 (estudantes falam)

Verdade.

Oxi!

Deixa eu fala, a minha, a minha animação de estar comemorando não vai ser nenhuma, porque sinceramente, eu não aprendi nada.

Gente, eu ia perguntar isso pro cêis, se vocês também tava aprendendo mas, pelo jeito não.

Pronto, falei. Eu não aprendi nada...eu entrei sem fazer nada...e vou sair sem sabê nada...

Eu não faço nem ideia. Eu não faço nem ideia. Pô. Eu num vô ser, eu num vô sê mentiroso, eu tô dando tudo control c control v.

(risos)

Do braile.

Sinceramente professora, eu não sinto vontade nenhuma de aprender dessa forma. Eu acho muito chato, não tem aquela...

Então é assim, eu já não consigo, eu já não consigo me concentrar direito na sala de aula... Imagine por celular então...

Sim, em casa.

Que toda hora eu tô fazendo alguma coisa, é que nem, o celular tá parado aqui, mas toda hora eu tô fazendo um monte de coisa aqui. Então...

Quase nem tem tempo de...ficar prestando atenção.

Sim, não dá tempo, porque no colégio, você não tem nem desculpa pá não aprendê. É só ali e presta atenção.

Eu já não prestava atenção direto na escola, imagina fora?

Aham.

Mas é isso né?

1:10:05 a 1:10:23 (professora fala)

1:10:24 a 1:10:25 (estudantes falam)

Eu quero vê final de ano então. Vai sê...Misericórdia!

1:10:26 a 1:10:44 (professora fala)

1:10:45 a 1:11:39 (estudantes falam)

Mas é...porque é assim, por exemplo: eu fui no mercado aqui, que é uma, duas, três, quatro...cinco ruas. Eu, na metade do caminho, lembrei da máscara, tive que voltar a pé. Aí, aí eu fui, na farmácia também, ainda bem que eu tava de biciretinha. Fui, e num esqueci do negócio, tive que voltá...

Ô gente, aí eles também não tão usando máscara, essas coisa?

Sim!

Aqui...aqui na casa, tipo assim não, pra trabalha, não, aqui no mercado aqui debaixo ninguém tá usando gente, eu e a mãe que, todo mundo entra de máscara assim mas é, ninguém tá usando máscara gente. Ai gente só por Deus que medo!!!

Mas é que já tá todo mundo já, perdendo a paciência né...porque é que nem a professora falou, já tão...eu por exemplo, eu tô de saco cheio já, eu quero pegá, vesti uma roupa e ir pro colégio, essa é minha vontade.

É, eu também tenho isso aí.

É isso aí.

Ui!

Isso num, isso...

Já tá... fazendo falta!

1:11:40 a 1:11:44 (professora fala)

1:11:45 a 1:12:04 (estudantes falam)

Ô professora, tipo, eu quero que acabe o ano,mas também eu não quero que acabe...

Tipo, esse negócio de vai passar rápido, eu já perdi as esperança, porque falaram isso na, na primeira semana que, que caiu o vírus. Vai passar rápido. Logo, logo, você já tão de volta. Aí é esperança que tá matando a gente tipo...

Professora...

Professora...

1:12:05 a 1:12:06 (professora fala)

1:12:07 a 1:12:32 (estudantes falam)

Fala Karla.

Ah professora, eu quero que acabe o ano, quero né, mas eu também não quero que acabe, porque daí eu vou sair dessa escola, aí eu já...aí eu já...fico triste, aí eu não quero.

Já sei o que você faz Karla, a gente pega celular, a gente liga pra chamada de vídeo. Deixa você sentada na sua carteira.

Olha aí psora!

(riso)

É bem isso.

(risos)

É isso que a gente vai fazê...vai deixá a Karlinha lá por, por vídeo do whats lá.

É isso aí galera!

(risos)

1:12:33 a 1:12:35 (professora fala)

1:12:36 a 1:12:43 (estudantes falam)

Oi? Eu queria, mas não dá. Infelizmente.

1:12:44 a 1:12:49 (professora fala)

1:12:50 a 1:13:00 (estudantes falam)

E o pior de tudo aqui é que, eu tô cum medo porque, se aí já me achavam metida, imagine aqui, o pessoal, nossa eles são tipo, são do mato eu num sei o que eu faço.

(risos)

Que cidade que ela tá?

1:13:01 a 1:13:02 (professora fala)

1:13:03 a 1:13:24 (estudantes falam)

Quitandinha!?

Nem sabia que esse existia, só pra deixar claro.

No final do mundo.

(risos)

Isso mesmo.

É, cê vai andando assim, andando, andando, até...o final.

Andando até...anda reto, só reto.

Só vai.

1:13:25 a 1:13:27 (professora fala)

1:13:28 a 1:14:15 (estudantes falam)

Ah? Sim, é perto, perto né?

É que cê já não ouviu...

Não é perto, é perto é mais perto do que em Guaratuba.

É que vocês não viram Mandirituba.

É que nem na, é que nem a reta do mirim, só vai reto.

É.

Toda vida reto.

Sim, só vai reto.

E vai olhando pros mato heim cara, vai olhando pros meio dos mato, principalmente quando você passa o aeroporto vai alumiano assim ó...

Só vai.

(risos)

É melhor pro cê, tá ligado?

Não, gente, eu morava perto do rio né? Que mudança. morava na praia, daí vim pro meio do mato, morava atrás do rio, agora tô morando em uma...topeira aqui...

(risos)

1:14:16 a 1:14:17 (professora fala)

1:14:18 a 1:14:21 (estudantes falam)

Eh! Como que eu vô consegui fazer novas amizades aqui? Se aqui, todo mundo mora um longe do outro?

1:14:22 a 1:14:43 (professora fala)

Já sei, faz pelos pombo correio. Manda um pombinho correio assim.

Pombo correio, verdade.

Pombo correio.

(risos)

Amarra uns bilhetezinho assim, na patinha do pombinho correio e manda assim.

Verdade.

(risos)

É o Whatzapp, é o whatsapp das antiga.

(risos)

É. É o jeito né?

É verdade.

É o jeito.

1:14:44 a 1:15:15 (professora fala)

1:15:16 a (estudantes falam)

Sim, professora certinho, professora certinho.

Tchau.

Tchau.
 Tchau professora, good nigh.
 Tchau.
 Beijo.
 Tchau.
 O Alfredo, o Julio, vai pro discórdia.
 Beleza.
 Beijo.
 Bye bye negada.
 Partiu partiu, ver filminho de noite.
 Tchau professora.

Transcrição da entrevista do primeiro ano do ensino médio noturno

0: 00 a 0:53 (Silêncio)
 0:54 a 1:24 (professora fala)
 1:03 a 1:04 (estudantes falam)
 Boa noite!
 1:05 a 1:11 (professora fala)
 1:12 a 1:12 (estudantes falam)
 Ah... tá bom...
 1:13 a 1:22 (professora fala)
 1:23 a 1:35 (estudantes falam)
 É a primeira vez que eu participo, eu não sabia como que era pra participar, daí eu vi lá pra baixar o aplicativo...
 1:36 a 1:42 (professora fala)
 1:43 a 1:44 (estudantes falam)
 É... verdade...
 1:44 a 1:45 (silêncio)
 1:46 a 2:02 (professora fala)
 2:03 a 2:04 (estudantes falam)
 É... (risos)
 2: 05 a 2:12 (professora fala)
 2:13 a 2:14 (estudantes falam)
 Aham...
 2:15 a 2:19 (professora fala)
 2:20 a 2:21 (estudantes falam)
 Uhum...
 2:22 a 2:33 (professora fala)
 2:34 a 2:35 (estudantes falam)
 (risos) É mesmo.
 2:36 a 2:43 (professora fala)
 2:44 a 2:48 (silêncio)
 2:49 a 2: 50 (professora fala)
 2:51 a 2:52 (estudantes falam)
 Pois é...
 2:53 a 3:04 (professora fala)
 3:05 a 3:06 (estudantes falam)
 Uhum.
 3:07 a 3:10 (professora fala)
 3:11 a 3:12 (estudantes falam)
 Sim.
 3:13 a 3:24 (professora fala)
 3:25 a 3:26 (estudantes falam)
 Tô.
 3:27 a 3:40 (professora fala)
 3:41 a 3:42 (estudantes falam)
 Uhum.

3:43 a 5:18 (professora fala)
 5:19 a 5:20 (estudantes falam)
 Sim.
 5:21 a 5:35 (professora fala)
 5:36 a 5:37 (estudantes falam)
 É.
 5:38 a 5:48 (professora fala)
 5:49 a 5:50 (estudantes falam)
 Uhum.
 5:51 a 6:31 (professora fala)
 6:32 a 6:33 (estudantes falam)
 É.
 6:34 a 6:45 (professora fala)
 6:46 a 6:51 (estudantes falam)
 Eu acho que é a queimada né? Para mim é...
 6:52 a 6:54 (professora fala)
 6:55 a 7:10 (estudantes falam)
 Ah porque comu... comu está...tão fazendo noticiário é... com os animais, florestas, os animais morrendo com a queimada. No meu ver, pra mim, é as queimadas...
 7:11 a 7:20 (professora fala)
 7:21 a 7:22 (estudantes falam)
 Claro.
 7:23 a 7:37 (professora fala)
 7:38 a 7:39 (estudantes falam)
 Tá.
 7:40 a 7:48 (professora fala)
 7:49 a 7:50 (estudantes falam)
 Tá.
 7:51 a 8:03 (professora fala)
 8:04 a 8:08 (silêncio)
 8:09 a 8:10 (estudantes falam)
 Eu não entendi muito bem. (risos)
 8:11 a 8:14 (professora fala)
 8:15 a 8:20 (silêncio)
 8:21 a 8:28 (estudantes falam)
 Olha, não faço ideia o que cê perguntou. Eu entendi o que se refere a isso...
 8:30 a 8:39 (professora fala)
 8:40 a 8:42 (silêncio)
 8:43 a 8:44 (estudantes falam)
 É...
 8:45 a 8:58 (professora fala)
 8:59 a 9:00 (silêncio)
 9:04 a 9:05 (estudantes falam)
 Emancipação.
 9:06 a 9:08 (professora fala)
 9:09 a 9:10 (silêncio)
 9:11 a 9:18 (estudantes falam)
 Porque...(silêncio) na verdade eu nem sei o que significa né...mas... (silêncio)...
 9:19 a 9:22 (professora fala)
 9:23 a 9:24 (silêncio)
 9:25 a 9:30 (estudantes falam)
 Olha, não faço ideia do que seja...Se você puder me explicar...melhor...
 9:31 a 9:46 (professora fala)
 9:47 a 9:48 (estudantes falam)
 Uhum.
 9:49 a 10:26 (professora fala)
 10:27 a 10:28 (estudantes falam)
 Uhum.
 10:29 a 11:05 (professora fala)
 11:06 a 11:07 (estudantes falam)

Uhum.
 11:08 a 11:09 (professora fala)
 11:10 a 11:11 (estudante falam)
 Entendi.
 11:12 a 11:20 (professora fala)
 11:21 a 11:22 (estudantes falam)
 Continuo.
 11:12 a 11:31 (professora fala)
 11:32 a 11:37 (estudantes falam)
 Professora...(silêncio)
 11:38 a 11:39 (professora fala)
 11:40 a 11:52 (estudantes falam)
 Minha irmã...oi??? (silêncio) Hum...
 11:53 a 11:54 (professora fala)
 11:55 a 11:56 (estudantes falam)
 Oi?
 11:57 a 11:58 (professora fala)
 11:59 a 12:00 (estudantes falam)
 Pode continuar...Pode.
 12:01 a 12:08 (professora fala)
 12:09 a 12:11 (estudantes falam)
 No ver sim...(silêncio)
 12:12 a 12:13 (professora fala)
 12:14 a 12:15 (estudantes falam)
 Oi?
 12:16 a 12:17 (professora fala)
 12:18 a 12:22 (estudantes falam)
 Eu acho... que é meu cunhado. (risos)
 12:23 a 12:25 (professora fala)
 12:26 a 12:28 (estudantes falam)
 (silêncio)
 Olha...
 (risos)
 12:29 a 12:35 (professora fala)
 12:36 a 12:47 (estudantes falam)
 Olha...(risos) não sei te explicar muito bem o quê...
 12:48 a 12:50 (professora fala)
 12:51 a 12:54 (silêncio)
 12:55 a 12:58 (estudantes falam)
 Não. Eu acho que não. Tem ninguém não.
 12:59 a 13:00 (professora fala)
 13:01 a 13:02 (estudantes falam)
 Não.
 13:03 a 13:11 (professora fala)
 13:12 a 13:13 (estudantes falam)
 Sim.
 13:14 a 13:21 (professora fala)
 13:22 a 13:23 (silêncio)
 13:24 a 13:48 (estudantes falam)
 Emancipada.
 (risos)
 13:49 a 13:50 (professora fala)
 13:51 a 13:53 (estudantes falam)
 Uhum...
 13:24 a 13:29 (professora fala)
 13:30 a 13:31 (estudantes falam)
 Sim.
 13:32 a 13:33 (professora fala)
 13:34 a 13:35 (estudantes falam)
 É...as vezes...

13:36 a 13:37 (professora fala)
 13:38 a 13:39 (estudantes falam)
 Sim.
 13:40 a 13:41 (professora fala)
 13:42 a 13:43 (estudantes falam)
 Não.
 (risos)
 13:44 a 14:13 (professora fala)
 14:14 a 14:18 (estudantes falam)
 (silêncio)
 Hum...(silêncio)
 Agressividade.
 14:19 a 14:20 (professora fala)
 14:21 a 14:22 (estudantes falam)
 Sim.
 14:23 a 14:27 (professora fala)
 14:28 a 14:29 (estudantes falam)
 Sim.
 14:30 a 14:35 (professora fala)
 14:36 a 14:39 (estudantes falam)
 É...
 (silêncio)
 Perto de casa.
 14:40 a 14:41 (professora fala)
 14:42 a 14:43 (estudantes falam)
 Uhum.
 14:44 a 14:45 (professora fala)
 14:46 a 14:47 (estudantes falam)
 (silêncio)
 Hum...vizinhos.
 14:48 a 14:50 (professora fala)
 14:51 a 14:52 (professora fala)
 14:53 a 14:54 (estudantes falam)
 Sim.
 14:55 a 14:56 (professora fala)
 14:57 a 15:03 (estudantes falam)
 Bom... não veio não.
 (risos)
 Nem a gente... daqui. Não se intrometeu.
 (silêncio)
 15:04 a 15:05 (professora fala)
 15:06 a 15:07 (estudantes falam)
 Sim.
 15:08 a 15:09 (professora fala)
 15:10 a 15:11 (estudantes falam)
 Não.
 15:12 a 15:13 (professora fala)
 15:14 a 15:15 (estudantes falam)
 Uhum...
 15:16 a 15:17 (professora fala)
 15:18 a 15:19 (estudantes falam)
 Sim.
 15:20 a 15:22 (professora fala)
 15:23 a 15:26 (estudantes falam)
 Sim, todo mundo praticamente viu.
 15:27 a 15:28 (professora fala)
 15:29 a 15:30 (estudantes falam)
 Oi?
 15:31 a 15:32 (professora fala)
 15:33 a 15:34 (estudantes falam)

É...

15:35 a 15:41 (professora fala)

15:42 a 15:48 (estudantes falam)

(silêncio)

Eu acho que tipo...eles ficaram apavorados né...por ver aquela cena de agressão...

15:49 a 15:50 (professora fala)

15:51 a 15:52 (estudantes falam)

Como também eu fiquei né...

15:53 a 16:01 (professora fala)

16:02 a 16:10 (silêncio)

16:11 a 16:12 (estudantes falam)

Hummm...Acho que não, ninguém gostou não.

16:13 a 16:14 (professora fala)

16:15 a 16:16 (estudantes falam)

Não.

16:17 a 16:32 (professora fala)

16:33 a 16:34 (estudantes falam)

É.

16:35 a 16:36 (professora fala)

16:37 a 16:38 (estudantes falam)

Uhum.

16:39 a 16:40 (professora fala)

16:41 a 16:42 (estudantes falam)

Sim. Acho que teve.

16:43 a 16:53 (professora fala)

16:54 a 16:56 (silêncio)

16:57 a 17:13 (estudantes falam)

Hum...

(risos)

Ai ai...deixa eu ver agora...

(silêncio)

Eu acho emancipada né...

(risos)

17:14 a 17:15 (professora fala)

17:16 a 17:17 (estudantes falam)

Sim.

17:18 a 17:20 (professora fala)

17:21 a 17:22 (estudantes falam)

Não.

17:23 a 17:32 (professora fala)

17:33 a 17:34 (estudantes falam)

Tenho.

17:35 a 17:36 (professora fala)

17:37 a 17:38 (estudantes falam)

Uhum.

17:39 a 17:40 (professora fala)

17:41 a 17:42 (estudantes falam)

Sim.

17:43 a 17:44 (professora fala)

17:45 a 17:46 (estudantes falam)

Sim.

17:47 a 18:06 (professora fala)

18:07 a 18:08 (estudantes falam)

Hummm...

18:09 a 18:10 (professora fala)

18:11 a 18:14 (silêncio)

18:15 a 18:16 (estudantes falam)

Sim.

18:17 a 18:18 (professora fala)

18:19 a 18:25 (silêncio)

18:26 a 18:32 (estudantes falam)
Hum...ai agora..não sei te dizer...
18:33 a 18:37 (professora fala)
18:38 a 18:39 (estudantes falam)
Oi.
(risos)
18:40 a 19:02 (professora fala)
19:03 a 19:04 (estudantes falam)
Hum.
19:05 a 19:06 (professora fala)
19:07 a 19:08 (estudantes falam)
(risos)
19:09 a 19:11 (professora fala)
19:12 a 19:13 (estudantes falam)
Oi.
19:14 a 19:23 (professora fala)
19:24 a 19:25 (estudantes falam)
Uhum.
19:26 a 19:35 (professora fala)
19:36 a 19:37 (estudantes falam)
Uhum.
19:38 a 19:53 (professora fala)
19:54 a 19:55 (estudantes falam)
Sim.
19:56 a 21:43 (professora fala)
21:44 a 21:45 (estudantes falam)
Bavaresco.
21:46 a 22:26 (professora fala)
22:27 a 22:37 (estudantes falam)
Ah, eu acho que mais a mata atlântica né? Porque a gente precisa das árvores e tal...
22:38 a 22:50 (professora fala)
22:51 a 22:52 (estudantes falam)
Isso.
22:53 a 22:58 (professora fala)
22:59 a 23:02 (estudantes falam)
Ah...Porque é...se a gente pensar muito na gente assim...aqui é só valeta assim...dá as vezes então...mas lá tem os animais sim em extinção pessoas lá também...
23:03 a 23:24 (professora fala)
23:25 a 23:27 (estudantes falam)
É isso. É.
23:28 a 24:51 (professora fala)
24:52 a 24:53 (estudantes falam)
Tá.
24:54 a 24:02 (Professora fala)
24:03 a 24:11 (silêncio)
24:12 a 24:13 (professora fala)
24:14 a 24:15 (estudantes falam)
Pode repetir a pergunta?
24:16 a 24:27 (professora fala)
24:28 a 24:34 (estudantes falam)
Acho que...Emancipação...Eu acho...
24:35 a 24:45 (professora fala)
24:46 a 24:48 (estudantes falam)
(risos)
24:49 a 24:53 (professora fala)
24:54 a 25:06 (silêncio)
25:07 a 25:31 (estudantes falam)
Pera aí que tá cortando a ligação...
(silêncio)
(tosse)

ode repetir de novo, que tá cortando muito a ligação...

25:33 a 25:41 (professora fala)

25:42 a 25:52 (estudantes falam)

Emancipação é quando...a pessoa é de menor e o pai e o meio que...

25:53 a 25:54 (professora fala)

25:55 a 25:59 (estudantes falam)

Que tipo...A pessoa é de menor, mas ela responde pelas atitudes já. Porque o pai emancipou ela.

26:00 a 26:15 (professora fala)

26:16 a 26:17 (estudantes falam)

Oi?

26:18 a 26:20 (professora fala)

26:23 a 26:32 (estudantes falam)

É...tipo porque... As vezes assim...quando eu quero fazer alguma coisa, eu peço pra minha mãe, as vezes eu não peço pra minha mãe... assim... Ela não liga assim tanto...

26:33 a 26:41 (professora fala)

26:42 a 26:56 (estudantes falam)

Fazer alguma coisa assim...aí ela fala que eu vou ser de maior eu vou fazer, daí, eu pego e faço, aí ela não briga assim tanto, mas por ela assim...de boa...

26:57 a 27:17 (professora fala)

27:18 a 27:26 (estudantes falam)

Ah eu ajudo em casa, eu jogo um pouco e fico com os amigos e é isso...

(risos)

27:27 a 27:29 (professora fala)

27:30 a 27:33 (estudantes falam)

(Risos)

Ah, eu fico mais em casa.

27:35 a 27:39 (professora fala)

27:40 a 27:43 (estudantes falam)

Ah, da comida sim né?

(risos)

27:44 a 27:45 (professora fala)

27:46 a 27:47 (estudantes falam)

(risos)

Da comida.

27:48 a 27:53 (professora fala)

27:54 a 28:01 (estudantes falam)

Falta das tia da cantina, da merenda né? Dos professor.

28:02 a 28:06 (professora fala)

28:07 a 28:08 (estudantes falam)

É...

(risos)

28:09 a 28:12 (professora fala)

28:13 a 28:14 (estudantes falam)

Eu também.

(risos)

28:15 a 28:20 (professora fala)

28:21 a 28:26 (silêncio)

29:27 a 29:28 (estudantes falam)

É...Eu acho que das, das aulas vagas?!

28:29 a 28:30 (professora fala)

28:31 a 28:32 (estudantes falam)

(risos)

Das aula vaga...

28:33 a 28:36 (professora fala)

28:37 a 28:38 (estudantes falam)

É...

(risos)

28:39 a 28:44 (professora fala)

28:45 a 28:46 (estudantes falam)

É.

28:47 a 28:48 (professora fala)
 28:49 a 28:50 (estudantes falam)
 Oi...
 28:51 a 29:03 (professora fala)
 29:04 a 29:05 (estudantes falam)
 Uhum.
 29:06 a 29:14 (professora fala)
 29:15 a 29:16 (estudantes falam)
 O que significa a última palavra?
 29:17 a 29:33 (professora fala)
 29:34 a 29:35 (estudantes falam)
 Acho que agressividade.
 29:36 a 29:37 (professora fala)
 29:38 a 29:39 (estudantes falam)
 Agressividade.
 29:40 a 29:43 (professora fala)
 29:44 a 29:47 (estudantes falam)
 Porque sim, porque eu não gosto muito de violência.
 29:48 a 29:50 (professora fala)
 29:51 a 29:52 (estudantes falam)
 Não.
 29:53 a 30:06 (professora fala)
 30:07 a 30:08 (estudantes falam)
 Não?!
 30:09 a 30:10 (professora fala)
 30:11 a 30:12 (estudantes falam)
 Não...
 30:13 a 30:41 (professora fala)
 30:42 a 30:49 (estudantes falam)
 Ah sim. Acho que a internet tem mais domínio sobre o jovens do que nos adultos sim.
 30:50 a 30:51 (professora fala)
 30:52 a 30:56 (estudantes falam)
 Mais coisa pra fazer, mais ocupada que os jovens.
 30:57 a 32:05 (professora fala)
 32:06 a 32:14 (silêncio)
 32:15 a 32:16 (professora fala)
 32:17 a 32:25 (silêncio)
 32:26 a 32:28 (estudantes falam)
 (tosses)
 (arranham a garganta, fazendo disfarces)
 32:29 a 32:30 (professora fala)
 32:31 a 32:36 (estudantes falam)
 Calma...que eu tô em dúvidas ainda do que eu vou respondê...
 32:37 a 32:38 (professora fala)
 32:39 a 32:48 (estudantes falam)
 (tosses)
 (arranham a garganta, fazendo disfarces)
 (silêncio)
 32:49 a 33:34 (professora fala)
 33:35 a 33:36 (estudantes falam)
 É.
 33:37 a 35:00 (professora fala)
 35:01 a 35:05 (estudantes falam)
 Sim.
 É. Entendi mais ou menos. Mais tô compreendendo.
 35:06 a 35:30 (professora fala)
 35:31 a 35:32 (estudantes falam)
 (tosse)
 35:33 a 35:47 (professora fala)
 35:48 a 35:49 (estudantes falam)

(tosse)
 (arranham a garganta, fazendo disfarces)
 35:50 a 35:57 (professora fala)
 35:58 a 35:59 (estudantes falam)
 (tosse)
 36:00 a 36:26 (professora fala)
 36:27 a 36:28 (estudantes falam)
 Uhum.
 36:29 a 36:35 (professora fala)
 36:36 a 36:37 (estudantes falam)
 (tosse)
 36:38 a 36:55 (professora fala)
 36:56 a 36:57 (silêncio)
 36:58 a 36:59 (estudantes falam)
 Eu acho que não.
 37:00 a 37:01 (professora fala)
 37:02 a 37:14 (silêncio)
 (tosse)
 37:15 a 37:16 (estudantes falam)
 Eu... Também acho que tipo a internet não interfere muito.
 37:17 a 37:18 (professora fala)
 37:19 a 37:20 (estudantes falam)
 Eu também acho que não interfere muito.
 37:21 a 38:00 (professora fala)
 38:01 a 38:02 (estudantes falam)
 Até criança tem facebook.
 38:03 a 38:04 (professora fala)
 38:05 a 38:06 (silêncio)
 38:07 a 38:10 (estudantes falam)
 Hoje em dia, até uma criança tem facebook.
 38:11 a 38:13 (professora fala)
 38:14 a 38:15 (estudantes falam)
 (risos)
 (silêncio)
 38:16 a 39:26 (professora fala)
 39:27 a 39:28 (estudantes falam)
 Ela apela assim...
 39:29 a 39:30 (professora fala)
 39:31 a 39:36 (estudantes falam)
 Ela apela assim...ela...meio que apela influenciando pro nosso lado...influenciando a gente.
 39:37 a 40:25 (professora fala)
 40:26 a 40:27 (estudantes falam)
 É.
 40:28 a 40:54 (professora fala)
 40:55 a 40:56 (estudantes falam)
 Era tendência né?
 40:57 a 40:58 (professora fala)
 40:59 a 41:00 (estudantes falam)
 Era tendência, todo mundo queria fazer.
 41:01 a 41:14 (professora fala)
 41:15 a 41:16 (estudantes falam)
 (risos)
 41:17 a 42:27 (professora fala)
 42:28 a 42:29 (estudantes falam)
 Ah...mais tem a parte do livre???...
 42:30 a 42:31 (professora fala)
 42:32 a 42:35 (estudantes falam)
 Do livre arb...arbítrio...
 42:36 a 42:46 (professora fala)
 42:47 a 42:48 (estudantes falam)

(risos)

(silêncio)

42:49 a 42:54 (professora fala)

42:55 a 43:10 (estudantes falam)

Ah é tipo...assim, você pode fazer... Alguma coisa assim...sem você quiser escolher ou isso ou aquilo, aí se você quiser, assim não é sua obrigação fazer.

43:11 a 43:24 (professora fala)

43:25 a 43:26 (estudantes falam)

É.

43:27 a 43:49 (professora fala)

43:50 a 43:51 (estudantes falam)

Que é no caso a monarquia...

43:52 a 43:53 (professora fala)

43:54 a 43:55 (estudantes falam)

Monarquia eu acho...

43:56 a 45:07 (professora fala)

45:09 a 45:10 (estudantes falam)

Uhum.

45:11 a 46:10 (professora fala)

46:11 a 46:14 (estudantes falam)

No caso se atrasar o imposto, o filho vai preso ou ele é executado?

46:15 a 46:16 (professora fala)

46:17 a 46:18 (estudantes falam)

Uhum...aí o que eles fazem?

46:19 a 46:32 (professora fala)

46:33 a 46:35 (estudantes falam)

O que vai ser feito com o filho...se não pagar o imposto...assim...

46:36 a 46:41 (professora fala)

46:42 a 46:46 (estudantes falam)

Tipo ele vai sê... ser tipo...meio que...escravo assim...

46:47 a 47:13 (professora fala)

47:14 a 47:18 (estudantes falam)

Já, já vi em filme já isso...

47:19 a 48:10 (professora fala)

48:11 a 48:12 (estudantes falam)

Tipo um animal...

48:13 a 48:24 (professora fala)

48:25 a 48:30 (estudantes falam)

Ah então...mas me diz uma coisa: se um filho do imperador nascer deficiente ele vai ser feito a mesma coisa?!

48:31 a 48:38 (professora fala)

48:39 a 48:40 (estudantes falam)

Uhum.

48:41 a 49:16 (professora fala)

49:17 a 49:18 (estudantes falam)

Não?!

49:19 a 49:24 (professora fala)

49:25 a 49:26 (estudantes falam)

É!?

49:27 a 49:28 (professora fala)

49:30 a 49:31 (estudantes falam)

Tem.

49:31 a 49:36 (professora fala)

49:37 a 49:38 (estudantes falam)

Teve dois filhos?!

49:39 a 49:40 (professora fala)

49:41 a 49:42 (estudantes falam)

Nossa...dessa parte não sabia não.

49:43 a 50:18 (professora fala)

50:19 a 50:21 (estudantes falam)

O Abel matou o Caim. O Abel era bom.

50:22 a 50:23 (professora fala)

50:24 a 50:25 (estudantes falam)

Isso...

50:26 a 50:31 (professora fala)

50:32 a 50:33 (estudantes falam)

O Caim matou Abel.

50:34 a 50:37 (professora fala)

50:38 a 50:39 (estudantes falam)

Caim matou Abel.

50:40 a 50:53 (professora fala)

50:54 a 51:05 (estudantes falam)

É pelo menos...tipo...eles não tem assim...tipo...pra ver qual que é o ruim...Aí tirava o ruim e deixava o bom...

51:06 a 51:42 (professora fala)

51:43 a 51:52 (estudantes falam)

Uhum...Mas se tipo, se a pessoa assim, nasce normal e tem uma deficiência, assim...no longo do tempo...

51:53 a 52:11 (professora fala)

52:12 A 52:13 (estudantes falam)

Sim.

52:14 a 52: 50 (professora fala)

52:51 a 52:53 (silêncio)

52:54 a 52:55 (estudantes falam)

Ai... não faiz pergunta difícil.

52:56 a 52:57 (professora fala)

52:58 a 53:09 (silêncio)

53:10 a 53:24 (professora fala)

53:25 a 53:28 (estudantes falam)

É assim...depende da escola...assim...

53:29 a 53:35 (professora fala)

53:36 a 53:53 (estudantes falam)

Assim a...é...tipo não é que ensina assim... é que...meio que influencia você fazer alguma coisa tipo um...quando você sai do colégio...municipal praticamente você é empurrado pro um...pro um colégio se num...nem escolhe se você vai pra aquele colégio ou não.

53:54 a 53:55 (professora fala)

53:56 a 53:59 (estudantes falam)

Aqui em Guaratuba, a gente sai do municipal e vai direto para o Aníbal.

54:00 a 54:03 (professora fala)

54:04 a 54:11 (estudantes falam)

Uhum...e tipo...só vai pra...você...aí é pra você a... correr atrás de uma vaga...se demora, se até se conseguir.

54:12 a 54:13 (professora fala)

54:14 a 54:16 (estudantes falam)

Se influenciá...daí para lá...não tem escolha...se vai pra lá...ou cê fica sem vaga...

54:17 a 54:22 (professora fala)

54:23 a 54:27 (silêncio)

54:28 a 54:50 (professora fala)

54:51 a 54:52 (estudantes falam)

Dá pra ouvir?

54:53 a 54:56 (professora fala)

54:57 a 54:58 (estudantes falam)

Eu fui direto pro Lea.

54:59 a 55:03 (professora fala)

55:04 a 55:05 (estudantes falam)

Não.

55:06 a 55:07 (professora fala)

No... Carvoeiro.

55:08 a 55:11 (professora fala)

55:12 a 55:13 (estudantes falam)

No Eliane.

55:14 a 55:21 (professora fala)

55:22 a 55:27 (estudantes falam)

Não...tem só...não...Ele só vai até o nono só.

55:28 a 55:30 (professora fala)

55:31 a 55:40 (estudantes falam)

É... tipo, na verdade eu fui... quando eu saí do municipal, eu fui...pro Aníbal, só que minha mãe...não deixou eu estudar no Aníbal...daí eu fiquei sem estudar esse tempo.

55:41 a 55:43 (professora fala)

55:44 a 55:45 (estudantes falam)

Uhum.

55:46 a 55:55 (professora fala)

55:56 a 55:59 (estudantes falam)

Foi o que a Maria Luisa falou.

(risos)

56:00 a 56:04 (professora fala)

56:05 a 56:06 (estudantes falam)

(risos).

56:07 a 56:08 (professora fala)

56:09 a 56:19 (estudantes falam)

Sim. Eu acho que tipo...quando a gente saísse do colégio...tipo...a gente deveria escolher?! Tipo...eles desse essa transferência pra gente... a gente escolhesse pra onde a gente queria ir.

56:20 a 56:53 (professora fala)

56:54 a 56:55 (estudantes falam)

Emancipados.

56:56 a 56:57 (professora fala)

56:58 a 56:59 (estudantes falam)

Sim.

57:00 a 57:02 (professora fala)

57:03 a 57:08 (silêncio)

57:09 a 57:10 (estudantes falam)

Humm...Emantecipados!

57:11 a 57:15 (professora fala)

57:16 a 57:21 (estudantes falam)

Porque...também, na maioria das salas...é de maior. Assim...a maioria.

57:22 a 57:23 (professora fala)

57:24 a 57:30 (estudantes falam)

E... os que são de menor... eu também acho que... que fazem o que querem...e os pais não tão ligando muito...são poucos que os pais ligam...

57:31 a 57:32 (professora fala)

57:33 a 57:35 (estudantes falam)

(tosse)

57:36 a 57:45 (professora fala)

57:46 a 57:49 (silêncio)

57:50 a 57:51 (estudantes falam)

O que será essa atitude bárbara?!

57:52 a 58:22 (professora fala)

58:23 a 58:24 (estudantes falam)

Não...que eu me lembre...

58:25 a 58:26 (professora fala)

58:27 a 58:28 (estudantes falam)

Nunca presenciei.

58:29 a 58:42 (professora fala)

58:43 a 58:44 (estudantes falam)

Atitude bárbara eu acho.

58:45 a 58:46 (professora fala)

Igualmente.

58:47 a 59:06 (professora fala)

59:07 a 59:10 (estudantes falam)

Sim, né?!

(risos)

59:11 a 59:20 (professora fala)

59:21 a 59:23 (estudantes falam)

Não...sim..sim...

São Poucas.

59:24 a 1:00:00 (professora fala)

1:00:01 a 1:00:05 (estudantes falam)

Hummm...

Ah...daí eu não sei te dizer...

1:00:06 a 1:00:07 (silêncio)

1:00:08 a 1:00:13 (professora fala)

1:00:14 a 1:00:22 (estudantes falam)

É, as vezes tem professor que...não é muito paciente...assim...tem uns que são mais...

1:00:23 a 1:00:31 (professora fala)

1:00:32 a 1:00:41 (estudantes falam)

É assim, tem professor que...as vezes, vem estressado de outra sala e acaba descontando nos alunos na aula que ele tá.

1:00:42 a 1:00:43 (professora fala)

1:00:44 a 1:00:50 (estudantes falam)

Eu acho que é uma atitude bárbara...porque...a gente não tem culpa dele tá estressado com outra turma...

1:00:51 a 1:00:54 (professora fala)

1:00:55 a 1:00:57 (estudantes falam)

Sim.

(tosse)

1:00:58 a 1:01:07 (professora fala)

1:01:09 a 1:01:10 (estudantes falam)

É...

1:01:11 a 1:01:22 (professora fala)

1:01:23 a 1:01:24 (estudantes falam)

Eu acho que sim.

1:01:25 a 1:01:26 (professora fala)

1:01:27 a 1:01:27 (estudantes falam)

(tosse)

1:01:28 a 1:02:10 (professora fala)

1:02:11 a 1:02:15 (silêncio)

1:02:16 a 1:02:35 (professora fala)

1:02:36 a 1:02:37 (estudantes falam)

Tá.

1:02:38 a 1:02:39 (professora fala)

1:02:40 a 1:02:41 (estudantes falam)

Té mais...

1:02:42 a 1:03:00 (professora fala)

Segue abaixo, tabela relacionada ao tempo em que o professor, os estudantes e momentos em que houve silêncio na sala.

1º ano do ensino médio em curso técnico de informática noturno

PROFESSORA	ESTUDANTES	SILÊNCIO
0:25 a 0:27 – 2s	0:26 a 0:28 – 2s	0:00 a 0:24 – 24s
0:29 a 0:30 -1s	0:31 a 0:32 – 1s	
0:33 a 0:37 – 4s	0:38 a 0:39 – 1s	
0:40 a 0:41 – 1s	0:42 a 0:43 -1s	
0:44 a 1:07 -23s	1:08 a 1:10 – 2s	
1:11 a 1:14 -3s	1:15 a 1:17 – 2s	
1:18 a 1:21 – 3s	1:22 a 1:23 – 1s	
1:24 a 1:45 – 21s	1:46 a 1:48 – 2s	

1:49 a 1:52 – 3s	1:53 a 1:54 – 1s	
1:55 a 2:01 – 6s	2:02 a 2:03 – 1s	
2:04 a 2:09 – 5s	2:10 a 2:14 – 4s	
2:15 a 2:41 – 26s	2:42 a 2:45 – 3s	
2:46 a 2:47 – 1s	2:48 a 2:49 – 1s	
2:50 a 2:56 – 5s	2:57 a 2:58 – 1s	
2:59 a 3:00 – 1s	3:01 a 3:02 – 1s	
3:03 a 3:24 – 21s	3:25 a 3:27 – 2s	
3:28 a 3:31 – 3s	3:32 a 3:33 – 1s	
3:34 a 4:32 – 58s	4:33 a 4:34 – 1s	
4:35 a 4:36 – 1s	4:37 a 4:38 – 1s	
4:40 a 4:42 – 2s	4:43 a 4:44 – 1s	
4:45 a 4:46 – 1s	4:47 a 4:57 – 10s	
4:58 a 4:59 – 1s	5:00 a 5:03 – 3s	
5:04 a 5:05 – 1s	5:06 a 5:09 – 3s	
5:10 a 5:13 – 3s	5:14 a 5:35 – 21s	
5:36 a 5:58 – 22s	5:59 a 6:09 – 10s	
6:10 a 6:11 – 1s	6:12 a 6:20 – 8s	
6:21 a 6:23 – 2s	6:24 a 6:25 – 1s	
6:26 a 6:45 – 19s	6:46 a 6:47 – 1s	
6:48 a 6:49 – 1s	6:50 a 6:51 – 1s	
6:52 a 6:53 – 1s	6:54 a 6:55 – 1s	
6:56 a 6:57 – 1s	6:58 a 6:59 – 1s	
7:00 a 7:03 – 3s	7:04 a 7:18 – 14s	
7:19 a 7:38 – 19s	7:39 a 7:40 – 1s	
7:41 a 7:49 – 8s	7:50 a 7:52 – 2s	
7:53 a 7:54 – 1s	7:55 a 7:56 – 1s	
7:57 a 8:00 – 3s	8:01 a 8:02 – 1s	
8:03 a 8:06 – 3s	8:07 a 8:08 – 1s	
8:09 a 8:19 – 10s	8:20 a 8:27 – 7s	
8:28 a 8:29 – 1s	8:30 a 8:32 – 2s	
8:33 a 8:34 – 1s	8:35 a 8:50 – 15s	
8:51 a 9:24 – 33s	9:25 a 9:26 – 1s	
9:27 a 9:47 – 20s	9:48 a 9:52 – 4s	
9:53 a 10:04 – 11s	10:05 a 10:11 – 6s	
10:12 a 10:13 – 1s	10:14 a 10:15 – 1s	
10:16 a 10:17 – 1s	10:18 a 10:19 – 1s	
10:20 a 10:21 – 1s	10:22 a 10:28 – 6s	
10:29 a 10:30 – 1s	10:31 a 10:38 – 7s	

10:39 a 11:02 – 23s	11:03 a 11:05 – 2s	
11:06 a 11:07 – 1s	11:08 a 11:09 – 1s	
11:10 a 11:11 – 1s	11:12 a 11:13 – 1s	
11:14 a 11:19 – 5s	11:20 a 11:26 – 6s	
11:27 a 11:30 – 3s	11:31 a 11:32 -1s	
11:33 a 11:38 – 5s	11:39 a 11:49 – 10s	
11:50 a 11:56 – 6s	11:57 a 12:14 – 17s	
12:15 a 12:16 – 1s	12:17 a 12:21 – 4s	
12:22 a 12:28 – 6s	12:29 a 12:36 – 7s	
12:37 a 12:46 – 9s	12:47 a 12:53 – 6s	
12:54 a 12:55 – 1s	12:56 a 12:57 - 1s	
12:58 a 12:59 – 1s	13:00 a 13:17 - 17s	
13:18 a 13:22 – 4s	13:23 a 13:29 – 6s	
13:30 a 13:37 – 7s	13:38 a 13:49 – 1s	
13:50 a 13:51 – 1s	13:52 a 13:53 – 1s	
13:54 a 13:55 – 1s	13:56 a 13:57 – 1s	
13:58 a 14:02 – 4s	14:03 a 14:09 – 6s	
14:10 a 14:13 – 3s	14:14 a 14:20 – 6s	
14:21 a 14:22 – 1s	14:23 a 14:26 – 3s	
14:27 a 14:28 – 1s	14:29 a 14:30 – 1s	
14:31 a 14:35 – 4s	14:36 a 14:39 – 3s	
14:40 a 14:41 – 1s	14:42 a 14:43 – 1s	
14:44 a 14:45 -1s	14:46 a 14:47 -1s	
14:48 a 14:50 -2s	14:51 a 14:53 – 2s	
14:54 a 14:55 – 1s	14:56 a 14:57 – 1s	
14:58 a 15:05 – 7s	15:06 a 15:11 – 5s	
15:12 a 15:13 – 1s	15:14 a 15:19 – 5s	
15:20 a 15:21 – 1s	15:22 a 15:23 – 1s	
15:24 a 15:25 - 1s	15:26 a 15:27 – 1s	
15:28 a 15:35 – 7s	15:36 a 15:38 – 2s	
15:39 a 15:40 – 1s	15:41 a 15:52 - 11s	
15:53 a 15:54 – 1s	15:55 a 16:10 – 15s	
16:11 a 16:12 – 1s	16:13 a 16:16 – 3s	
16:17 a 16:20 – 3s	16:21 a 16:22 – 1s	
16:23 a 16:24 – 1s	16:25 a 16:26 – 1s	
16:27 a 16:29 – 2s	16:30 a 16:40 – 10s	
16:41 a 16:42 – 1s	16:43 a 16:45 – 2s	
16:46 a 17:25 – 39s	17:26 a 17:36 – 10s	
17:37 a 17:38 – 1s	17:39 a 18:07 – 28s	

18:08 a 18:10 – 2s	18:11 a 18:33 – 22s	
18:34 a 18:35 – 1s	18:36 a 19:15 – 39s	
19:16 a 19:21 – 5s	19:22 a 19:36 -14s	
19:37 a 19:54 – 17s	19:55 a 19:56 – 1s	
19:57 a 20:09 – 12s	20:10 a 20:11 – 1s	
20:12 a 20:14 - 2s	20:15 a 20:26 – 11s	
20:27 a 20:43 – 16s	20:44 a 21:03 – 19s	
21:04 a 21:09 – 5s	21:10 a 21:15 – 5s	
21:16 a 21:28 – 12s	21:29 a 21:44 – 15s	
21:45 a 21:56 – 11s	21:57 a 22:00 – 3s	
22:01 a 22:05 – 4s	22:06 a 22:07 – 1s	
22:08 a 22:22 – 14s	22:23 a 22:29 – 6s	
22:30 a 22:54 – 24s	22:55 a 23:00 – 5s	
23:01 a 23:02 – 1s	23:03 a 23:04 – 1s	
23:05 a 23:06 -1s	23:07 a 23:52 – 45s	
23:53 a 23:58 – 5s	23:59 a 24:04 – 5s	
24:05 a 24:10 – 5s	24:11 a 24:12 - 1s	
24:13 a 24:14 – 1s	24:15 a 24:16 – 1s	
24:17 a 24:40 – 23s	24:41 a 24:45 – 4s	
24:46 a 24:48 – 2s	24:49 a 24:50 – 1s	
24:51 a 24:55 – 4s	24:56 a 24:57 – 1s	
24:58 a 25:04 – 6s	25:05 a 25:06 – 1s	
25:07 a 25:16 – 9s	25:17 a 25:18 – 1s	
25:19 a 25:28 – 9s	25:29 a 25:37 – 8s	
25:38 a 25:39 – 1s	25:40 a 25:54 – 14s	
25:55 a 26:02 – 7s	26:03 a 26:13 – 10s	
26:14 a 26:22 – 8s	26:23 a 26:53 – 30s	
26:54 a 27:16 – 22s	27:17 a 27:49 – 32s	
27:50 a 27:55 – 5s	27:56 a 28:04 – 8s	
28:05 a 28:12 – 7s	28:13 a 28:14 – 1s	
28:15 a 28:17 – 2s	28:18 a 28:32 – 14s	
28:33 a 28:34 – 1s	28:35 a 28:43 – 8s	
28:44 a 28:45 – 1s	28:46 a 28:50 – 4s	
28:51 a 28:55 – 4s	28:56 a 29:03 – 7s	
29:04 a 29:05 – 1s	29:06 a 29:11 – 5s	
29:12 a 29:52 - 40s	29:53 a 30:34 – 31s	
30:35 a 30:45 – 10s	30:46 a 30:58 – 12s	
30:59 a 31:01 – 2s	31:02 a 31:05 – 3s	
31:06 a 31:07 – 1s	31:08 a 31:51 – 43s	

31:52 a 31:55 – 3s	31:56 a 31:58 – 2s	
31:59 a 32:03 – 4s	32:04 a 32:44 – 40s	
32:45 a 32:49 – 4s	32:50 a 32:59 – 9s	
33:00 a 33:02 – 2s	33:03 a 33:04 – 1s	
33:05 a 33:08 – 3s	33:09 a 33:24 – 15s	
33:25 a 33:26 – 1s	33:27 a 34:43 – 16s	
34:44 a 34:46 – 2s	34:47 a 34:48 – 1s	
34:49 a 34:55 – 6s	34:56 a 35:57 – 1s	
34:58 a 35:10 – 2s	35:11 a 35:12 – 1s	
34:58 a 35:19 – 21s	35:20 a 35:55 – 35s	
35:56 a 36:33 – 37s	36:34 a 37:04 – 30s	
37:05 a 37:06 – 1s	37:07 a 37:54 – 47s	
37:55 a 38:17 - 22s	38:18 a 38:31 – 13s	
38:32 a 38:36 – 4s	38:37 a 39:30 – 3s	
39:31 a 39:39 – 8s	39:40 a 39:58 – 18s	
39:59 a 40:41 – 42s	40:42 a 41:13 – 31s	
41:14 a 41:15 – 1s	41:16 a 41:48 – 32s	
41:49 a 41:50 – 1s	41:51 a 42:04 - 13s	
42:05 a 42:11 - 6s	42:12 a 42:13 - 1s	
42:14 a 42:17 – 3s	42:18 a 43:31 – 1m 13s	
43:32 a 43:34 – 2s	43:35 a 44:44 – 1m 9s	
44:45 a 45:01 – 16s	45:02 a 46:11 – 1m 9s	
46:12 a 46:17 - 5s	46:18 a 46:19 – 1s	
46:20 a 46:27 – 7s	46:28 a 46:39 – 11s	
46:40 a 46:41 – 1s	46:42 a 47:25 – 43s	
47:26 a 47:33 – 7s	47:34 a 47:35 – 1s	
47:36 a 47:53 – 17s	47:54 a 48:31 – 37s	
48:32 a 48:33 – 1s	48:34 a 50:22 – 1m 48s	
50:23 a 50:24 – 1s	50:25 a 50:31 – 6s	
50:32 a 50:33 – 1s	50:34 a 50:35 – 1s	
50:36 a 51:37 – 1s	51:38 a 51:51 – 13s	
51:52 a 51:56 – 4s	51:57 a 54:26 - 2m 29s	
54:27 a 54:41 – 13s	54:42 a 55:25 – 33s	
55:26 a 55:27 – 1s	55:28 a 55:42 – 14s	
55:43 a 57:23 – 1m 40s	57:24 a 57:26 – 2s	
57:27 a 57:45 – 18s	57:46 a 57:52 – 6s	
57:53 a 57:54 – 1s	57:55 a 59:58 – 2m 3s	
59:59 a 1:00:16 – 17s	1:00:17 a 1:00:35 – 18s	
1:00:36 a 1:00:45 – 9s	1:00:46 a 1:00:50 – 4s	

1:00:51 a 1:01:04 – 13s	1:01:05 a 1:02:09 – 1m 4s	
1:02:10 a 01:02:11 – 1s	1:02:12 a 1:02:18 – 6s	
1:02:19 a 1:02:31 – 12s	1:02:32 a 1:02:35 – 3s	
1:02:36 a 1:02:43 – 7s	1:02:44 a 1:02:49 – 5s	
1:02:50 a 1:02:52 – 2s	1:02:53 a 1:03:02 – 9s	
1:03:03 a 1:03:13 – 10s	1:03:14 a 1:03:22 – 8s	
1:03:23 a 1:03:58 – 35s	1:03:59 a 1:04:12 – 13s	
1:04:13 a 1:04:17 – 4s	1:04:18 a 01:04:22 – 4s	
1:04:23 a 1:04:32 – 9s	1:04:33 a 1:04:36 – 3s	
1:04:37 a 1:04:38 – 1s	1:04:39 a 1:04:41 – 2s	
1:04:42 a 1:04:59 – 17s	1:05:00 a 1:05:03 – 3s	
1:05:04 a 1:05:06 – 2s	1:05:07 a 1:05:08 – 1s	
1:05:09 a 1:05:10 – 1s	1:05:11 a 1:05:15 – 4s	
1:05:16 a 1:05:18 – 2s	1:05:19 a 1:05:21 – 2s	
1:05:30 a 1:05:31 – 1s	1:05:32 a 1:05:52 – 20s	
1:05:53 a 1:05:55 – 2s	1:05:56 a 1:05:57 – 1s	
1:05:58 a 1:05:59 – 1s	1:06:00 a 1:06:19 – 19s	
1:06:20 a 1:06:23 – 3s	1:06:24 a 1:07:15 – 51s	
1:07:16 a 1:07:17 – 1s	1:07:18 a 1:07:32 – 14s	
1:07:33 a 1:07:45 - 12s	1:07:46 a 1:07:58 – 12s	
1:07:59 a 1:08:01 – 2s	1:08:02 a 1:08:11 – 9s	
1:08:12 a 1:08:22 - 10s	1:08:23 a 1:08:35 – 12s	
1:08:36 a 1:08:38 – 2s	1:08:39 a 1:08:40 – 1s	
1:08:41 a 1:08:55 - 14s	1:08:56 a 1:10:04 – 1m 8s	
1:10:05 a 1:10:23 – 18s	1:10:24 a 1:10:25 – 1s	
1:10:26 a 1:10:44 – 18s	1:10:45 a 1:11:39 – 54s	
1:11:40 a 1:11:44 – 4s	1:11:45 a 1:12:04 – 19s	
1:12:05 a 1:12:06 – 1s	1:12:07 a 1:12:32 – 25s	
1:12:33 a 1:12:35 – 2s	1:12:36 a 1:12:43 – 7s	
1:12:44 a 1:12:49 – 5s	1:12:50 a 1:13:00 – 10s	
1:13:01 a 1:13:02 – 1s	1:13:03 a 1:13:24 – 21s	
1:13:25 a 1:13:27 – 2s	1:13:28 a 1:14:15 – 47s	
1:14:16 a 1:14:17 – 1s	1:14:18 a 1:14:43 – 25s	
1:14:44 a 1:15:15 – 31s	1:15:16 a 1:15:21 – 4s	

1º ano E do ensino médio noturno

PROFESSORA	ESTUDANTES	SILÊNCIO
0:54 a 1:24 – 30s	1:03 a 1:04 – 1s	0: 00 a 0:53 – 53s
1:05 a 1:11 – 6s	1:12 a 1:13 – 1s	1:45 a 1:46 – 1s
1:14 a 1:22 – 8s	1:23 a 1:35 -12s	2:44 a 2:48 – 4s
1:36 a 1:42 – 6s	1:43 a 1:44 – 1s	8:04 a 8:08 – 4s
1:47 a 2:02 – 15s	2:03 a 2:04 – 1s	8:15 a 8:20 – 5s
2: 05 a 2:12 – 7s	2:13 a 2:14 – 1s	8:40 a 8:42 – 2s
2:15 a 2:19 – 4s	2:20 a 2:21 – 1s	8:59 a 9:03 – 4s
2:22 a 2:33 – 11s	2:34 a 2:35 – 1s	9:09 a 9:10 – 1s
2:36 a 2:43 – 7s	2:51 a 2:52 – 1s	9:23 a 9:24 – 1s
2:49 a 2: 50 – 1s	3:05 a 3:06 – 1s	12:26 a 12:28 – 2s
2:53 a 3:04 – 11s	3:11 a 3:12 – 1s	12:51 a 12:54 - 3s
3:07 a 3:10 – 3s	3:25 a 3:26 – 1s	13:21 a 13:22 – 1s
3:13 a 3:24 – 11s	3:41 a 3:42 – 1s	14:14 a 14:16 – 2s
3:27 a 3:40 – 13s	5:19 a 5:20 – 1s	15:42 a 15:44 – 2s
3:43 a 5:18 – 35s	5:36 a 5:37 – 1s	16:02 a 16:10 – 8s
5:21 a 5:35 – 14s	5:49 a 5:50 – 1s	16:54 a 16:56 – 2s
5:38 a 5:48 – 10s	6:32 a 6:33 – 1s	18:11 a 18:14 – 3s
5:51 a 6:31 – 40s	6:46 a 6:51 – 5s	18:19 a 18:25 – 6s
6:34 a 6:45 – 11s	6:55 a 7:10 – 15s	24:03 a 24:11 – 8s
6:52 a 6:54 – 2s	7:21 a 7:22 – 1s	24:54 a 25:00 - 6s
7:11 a 7:20 – 9s	7:38 a 7:39 – 1s	25:03 a 25:04 – 1s
7:23 a 7:37 – 14s	7:49 a 7:50 – 1s	25:09 a 25:25 – 16s
7:40 a 7:48 – 8s	8:09 a 8:10 – 1s	28:21 a 28:26 – 5s
7:51 a 8:03 – 12s	8:21 a 8:28 – 7s	32:06 a 32:14 – 8s
8:11 a 8:14 – 3s	8:43 a 8:44 – 1s	32:17 a 32:25 – 8s
8:30 a 8:39 – 9s	9:04 a 9:05 – 1s	32:39 a 32:48 – 9s
8:45 a 8:58 – 13s	9:11 a 9:18 – 7s	36:56 a 36:57 – 1s
9:06 a 9:08 – 2s	9:25 a 9:30 – 5s	37:02 a 37:14 – 12s
9:19 a 9:22 – 3s	9:47 a 9:48 – 1s	38:05 a 38:06 – 1s
9:31 a 9:46 – 15s	10:27 a 10:28 – 1s	52:51 a 52:53 – 2s
9:49 a 10:26 – 37s	11:06 a 11:07 – 1s	52:58 a 53:09 – 11s
10:29 a 11:05 – 36s	11:10 a 11:11 – 1s	54:23 a 54:27 – 4s
11:08 a 11:09 – 1s	11:21 a 11:22 -1s	57:03 a 57:08 – 5s
11:12 a 11:20 – 8s	11:32 a 11:37 – 5s	57:46 a 57:49 – 3s
11:12 a 11:31 – 19s	11:40 a 11:52 – 12s	1:00:06 a 1:00:07 – 1s
11:38 a 11:39 – 1s	11:55 a 11:56 – 1s	1:02:11 a 1:02:15 - 4s

11:53 a 11:54 – 1s	11:59 a 12:00 – 1s	
11:57 a 11:58 – 1s	12:09 a 12:11 – 2s	
12:01 a 12:08 – 7s	12:14 a 12:15 – 1s	
12:12 a 12:13 – 1s	12:18 a 12:22 – 4s	
12:16 a 12:17 – 1s	12:36 a 12:47 – 11s	
12:23 a 12:25 – 2s	12:55 a 12:58 – 3s	
12:29 a 12:35 – 6s	13:01 a 13:02 – 1s	
12:48 a 12:50 – 2s	13:12 a 13:13 – 1s	
12:59 a 13:00 – 1s	13:24 a 13:25 – 1s	
13:03 a 13:11 – 8s	13:28 a 13:29 – 1s	
13:14 a 13:20 – 6s	13:32 a 13:33 – 1s	
13:26 a 13:27 – 1s	13:36 a 13:37 – 1s	
13:30 a 13:31 – 1s	13:40 a 13:41 – 1s	
13:34 a 13:35 – 1s	13:44 a 13:45 – 1s	
13:38 a 13:39 - 1s	14:17 a 14:18 – 1s	
13:42 a 13:43 – 1s	14:21 a 14:22 – 1s	
13:46 a 14:13 – 27s	14:28 a 14:29 – 1s	
14:19 a 14:20 – 1s	14:36 a 14:39 -3s	
14:23 a 14:27 – 4s	14:42 a 14:43 – 1s	
14:30 a 14:35 – 5s	14:46 a 14:47 – 1s	
14:40 a 14:41 - 1s	14:53 a 14:54 - 1s	
14:44 a 14:45 – 1s	14:57 a 15:03 - 6s	
14:48 a 14:52 – 4s	15:06 a 15:07 – 1s	
14:55 a 14:56 - 1s	15:10 a 15:11 – 1s	
15:04 a 15:05 – 1s	15:14 a 15:15 – 1s	
15:08 a 15:09 – 1s	15:18 a 15:19 – 1s	
15:12 a 15:13 – 1s	15:23 a 15:26 – 3s	
15:16 a 15:17 – 1s	15:29 a 15:30 – 1s	
15:20 a 15:22 – 2s	15:33 a 15:34 – 1s	
15:27 a 15:28 – 1s	15:45 a 15:48 – 3s	
15:31 a 15:32 -1s	15:51 a 15:52 – 1s	
15:35 a 15:41 - 6s	16:11 a 16:12 – 1s	
15:49 a 15:50 – 1s	16:15 a 16:16 – 1s	
15:53 a 16:01 - 8s	16:33 a 16:34 – 1s	
16:13 a 16:14 – 1s	16:37 a 16:38 -1s	
16:17 a 16:32 – 15s	16:41 a 16:42 -1s	
16:35 a 16:36 – 1s	16:57 a 17:13 – 16s	
16:39 a 16:40 - 1s	17:16 a 17:17 – 1s	
16:43 a 16:53 – 10s	17:21 a 17:22 – 1s	

17:14 a 17:15 – 1s	17:33 a 17:34 – 1s	
17:18 a 17:20 – 2s	17:37 a 17:38 - 1s	
17:23 a 17:32 - 9s	17:41 a 17:42 – 1s	
17:35 a 17:36 - 1s	17:45 a 17:46 – 1s	
17:39 a 17:40 – 1s	18:07 a 18:08 – 1s	
17:43 a 17:44 – 1s	18:15 a 18:16 – 1s	
17:47 a 18:06 – 19s	18:26 a 18:32 – 6s	
18:09 a 18:10 – 1s	18:38 a 18:39 – 1s	
18:17 a 18:18 - 1s	19:03 a 19:04 -1s	
18:33 a 18:37 – 4s	19:07 a 19:08 – 1s	
18:40 a 19:02 – 22s	19:12 a 19:13 – 1s	
19:05 a 19:06 – 1s	19:24 a 19:25 – 1s	
19:09 a 19:11 – 2s	19:36 a 19:37 – 1s	
19:14 a 19:23 - 9s	19:54 a 19:55 – 1s	
19:26 a 19:35 – 9s	21:44 a 21:45 – 1s	
19:38 a 19:53 - 15s	22:27 a 22:37 – 10s	
19:56 a 21:43 – 7s	22:51 a 22:52 – 1s	
21:46 a 22:26 – 40s	22:59 a 23:02 – 3s	
22:38 a 22:50 – 12s	23:25 a 23:27 – 2s	
22:53 a 22:58 – 5s	24:52 a 24:53 – 1s	
23:03 a 23:24 – 21s	24:14 a 24:15 – 1s	
23:28 a 23:51 – 23s	24:28 a 24:34 – 6s	
23:54 a 24:02 – 8s	24:46 a 24:48 – 2s	
24:12 a 24:13 – 1s	25:05 a 25:08 – 3s	
24:16 a 24:27 – 11s	25:26 a 25:32 – 5s	
24:35 a 24:45 – 10s	25:42 a 25:52 – 10s	
24:49 a 24:53 – 4s	25:55 a 25:59 – 4s	
25:01 a 25:02 – 1s	26:16 a 26:17 – 1s	
25:33 a 25:41 - 8s	26:23 a 26:32 – 9s	
25:53 a 25:54 – 1s	26:42 a 26:56 – 14s	
26:00 a 26:15 – 15s	27:18 a 27:26 – 8s	
26:18 a 26:20 – 2s	27:30 a 27:33 – 3s	
26:33 a 26:41 – 8s	27:40 a 27:43 – 3s	
26:57 a 27:17 – 20s	27:46 a 27:47 – 1s	
27:27 a 27:29 – 2s	27:54 a 28:01 – 7s	
27:35 a 27:39 – 4s	28:07 a 28:08 – 1s	
27:44 a 27:45 – 1s	28:13 a 28:14 – 1s	
27:48 a 27:53 – 5s	29:27 a 29:28 – 1s	
28:02 a 28:06 – 4s	28:31 a 28:32 – 1s	

28:09 a 28:12 – 3s	28:37 a 28:38 – 1s	
28:15 a 28:20 – 5s	28:45 a 28:46 – 1s	
28:29 a 28:30 – 1s	28:49 a 28:50 – 1s	
28:33 a 28:36 – 3s	29:04 a 29:05 – 1s	
28:39 a 28:44 – 5s	29:15 a 29:16 – 1s	
28:47 a 28:48 – 1s	29:34 a 29:35 – 1s	
28:51 a 29:03 – 12s	29:38 a 29:39 – 1s	
29:06 a 29:14 – 8s	29:44 a 29:47 – 3s	
29:17 a 29:33 – 16s	29:51 a 29:52 – 1s	
29:36 a 29:37 – 1s	30:07 a 30:08 – 1s	
29:40 a 29:43 – 3s	30:11 a 30:12 – 1s	
29:48 a 29:50 – 2s	30:42 a 30:49 – 7s	
29:53 a 30:06 – 13s	30:52 a 30:56 – 4s	
30:09 a 30:10 – 1s	32:26 a 32:28 – 2s	
30:13 a 30:41 – 28s	32:31 a 32:36 – 5s	
30:50 a 30:51 – 1s	33:35 a 33:36 – 1s	
30:57 a 32:05 – 1m 8s	35:01 a 35:05 – 4s	
32:15 a 32:16 – 1s	35:31 a 35:32 – 1s	
32:29 a 32:30 – 1s	35:48 a 35:49 – 1s	
32:37 a 32:38 – 1s	35:58 a 35:59 – 1s	
32:49 a 33:34 – 45s	36:27 a 36:28 – 1s	
33:37 a 35:00 – 1m 23s	36:36 a 36:37 – 1s	
35:06 a 35:30 – 24s	36:58 a 36:59 – 1s	
35:33 a 35:47 – 14s	37:15 a 37:16 – 1s	
35:50 a 35:57 – 7s	37:19 a 37:20 -1s	
36:00 a 36:26 – 26s	38:01 a 38:02 – 1s	
36:29 a 36:35 – 6s	38:07 a 38:10 - 3s	
36:38 a 36:55 – 17s	38:14 a 38:15 – 1s	
37:00 a 37:01 – 1s	39:27 a 39:28 – 1s	
37:17 a 37:18 – 1s	39:31 a 39:36 – 5s	
37:21 a 38:00 – 39s	40:26 a 40:27 – 1s	
38:03 a 38:04 - 1s	40:55 a 40:56 – 1s	
38:11 a 38:13 – 2s	40:59 a 41:00 – 1s	
38:16 a 39:26 – 10s	41:15 a 41:16 – 1s	
39:29 a 39:30 – 1s	42:28 a 42:29 – 1s	
39:37 a 40:25 – 48s	42:32 a 42:35 – 3s	
40:28 a 40:54 – 26s	42:47 a 42:48 – 1s	
40:57 a 40:58 – 1s	42:55 a 43:10 – 15s	
41:01 a 41:14 – 13s	43:25 a 43:26 – 1s	

41:17 a 42:27 – 10s	43:50 a 43:51 – 1s	
42:30 a 42:31 – 1s	43:54 a 43:55 – 1s	
42:36 a 42:46 – 10s	45:09 a 45:10 – 1s	
42:49 a 42:54 – 5s	46:11 a 46:14 – 3s	
43:11 a 43:24 – 13s	46:17 a 46:18 – 1s	
43:27 a 43:49 – 22s	46:33 a 46:35 – 2s	
43:52 a 43:53 – 1s	46:42 a 46:46 – 4s	
43:56 a 45:08 – 1m 12s	47:14 a 47:18 – 4s	
45:11 a 46:10 – 59s	48:11 a 48:12 – 1s	
46:15 a 46:16 – 1s	48:25 a 48:30 – 5s	
46:19 a 46:32 – 13s	48:39 a 48:40 – 1s	
46:36 a 46:41 – 5s	49:17 a 49:18 – 1s	
46:47 a 47:13 – 26s	49:25 a 49:26 – 1s	
47:19 a 48:10 – 51s	49:30 a 49:31 – 1s	
48:13 a 48:24 – 11s	49:37 a 49:38 – 1s	
48:31 a 48:38 – 7s	49:41 a 49:42 – 1s	
48:41 a 49:16 – 35s	50:19 a 50:21 – 2s	
49:19 a 49:24 – 5s	50:24 a 50:25 – 1s	
49:27 a 49:28 – 1s	50:32 a 50:33 – 1s	
49:32 a 49:36 – 4s	50:38 a 50:39 – 1s	
49:39 a 49:40 – 1s	50:54 a 51:05 – 11s	
49:43 a 50:18 – 35s	51:43 a 51:52 – 9s	
50:22 a 50:23 – 1s	52:12 a 52:13 – 1s	
50:26 a 50:31 – 5s	52:54 a 52:55 – 1s	
50:34 a 50:37 – 3s	53:25 a 53:28 – 3s	
50:40 a 50:53 – 13s	53:36 a 53:53 – 17s	
51:06 a 51:42 – 36s	53:56 a 53:59 – 3s	
51:53 a 52:11 – 18s	54:04 a 54:11 – 7s	
52:14 a 52:50 – 36s	54:14 a 54:16 – 2s	
52:56 a 52:57 – 1s	54:51 a 54:52 – 1s	
53:10 a 53:24 – 14s	54:57 a 54:58 – 1s	
53:29 a 53:35 – 6s	55:03 a 55:04 – 1s	
53:54 a 53:55 – 1s	55:07 a 55:08 – 1s	
54:00 a 54:03 – 3s	55:12 a 55:13 – 1s	
54:12 a 54:13 – 1s	55:22 a 55:27 – 5s	
54:17 a 54:22 – 5s	55:31 a 55:40 – 9s	
54:28 a 54:50 – 22s	55:44 a 55:45 – 1s	
54:53 a 54:56 – 3s	55:56 a 55:59 – 3s	
54:59 a 55:02 – 3s	56:05 a 56:06 – 1s	

55:05 a 55:06 – 1s	56:09 a 56:19 – 10s	
55:09 a 55:11 – 2s	56:54 a 56:55 – 1s	
55:14 a 55:21 – 7s	56:58 a 56:59 – 1s	
55:28 a 55:30 – 2s	57:09 a 57:10 – 1s	
55:41 a 55:43 – 2s	57:16 a 57:21 – 5s	
55:46 a 55:55 - 9s	57:24 a 57:30 – 6s	
56:00 a 56:04 – 4s	57:33 a 57:35 – 2s	
56:07 a 56:08 – 1s	57:50 a 57:51 – 1s	
56:20 a 56:53 – 33s	58:23 a 58:24 – 1s	
56:56 a 56:57 – 1s	58:27 a 58:28 – 1s	
57:00 a 57:02 – 2s	58:43 a 58:44 – 1s	
57:11 a 57:15 – 4s	58:47 a 58:48 - 1s	
57:22 a 57:23 – 1s	59:07 a 59:10 – 3s	
57:31 a 57:32 – 1s	59:21 a 59:23 – 2s	
57:36 a 57:45 – 9s	1:00:01 a 1:00:05 - 4s	
57:52 a 58:22 – 30s	1:00:14 a 1:00:22 – 8s	
58:25 a 58:26 – 1s	1:00:32 a 1:00:41 – 9s	
58:29 a 58:42 – 13s	1:00:44 a 1:00:50 – 6s	
58:45 a 58:46 – 1s	1:00:55 a 1:00:57 - 2s	
58:49 a 59:06 – 17s	1:01:09 a 1:01:10 -1s	
59:11 a 59:20 – 9s	1:01:23 a 1:01:24 – 1s	
59:24 a 1:00:00 – 36s	1:01:27 a 1:01:28 - 1s	
1:00:08 a 1:00:13 – 5s	1:02:36 a 1:02:37 – 1s	
1:00:23 a 1:00:31 – 8s	1:02:40 a 1:02:41 - 1s	
1:00:42 a 1:00:43 – 1s		
1:00:51 a 1:00:54 – 3s		
1:00:58 a 1:01:07 - 9s		
1:01:11 a 1:01:22 - 11s		
1:01:25 a 1:01:26 - 1s		
1:01:29 a 1:02:10 – 41s		
1:02:16 a 1:02:35 - 19s		
1:02:38 a 1:02:39 - 1s		
1:02:42 a 1:03:00 - 18s		